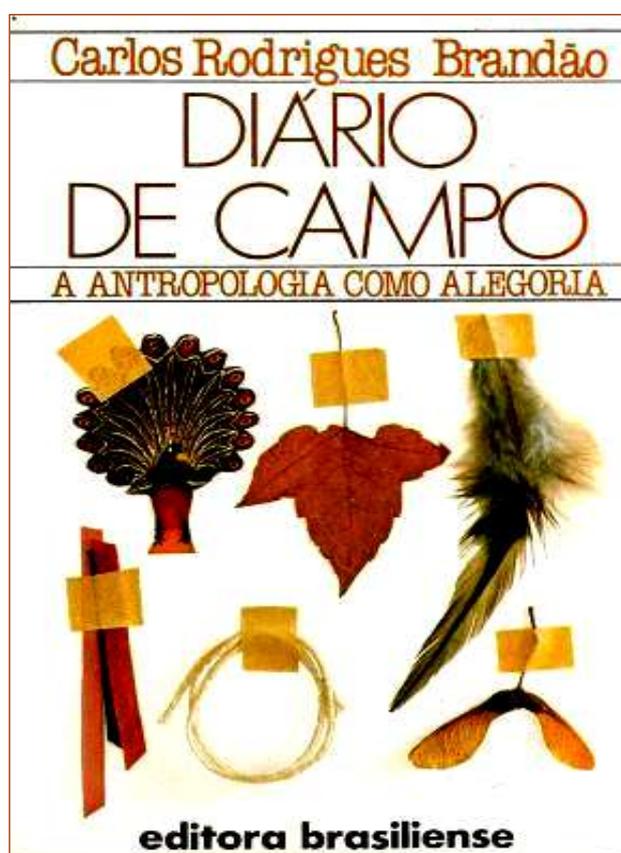


# *DIÁRIO DE CAMPO*

## *a antropologia com alegoria\**



*Carlos Rodrigues Brandão*

---

\*Alegoria. (Do gr. *allegoría*, pelo lat. *allegoria*) S. f. 1. Exposição de um pensamento sob forma figurada. 2. Ficção que represente uma coisa para dar ideia de outra. 3. Sequência de metáforas que significam uma coisa nas palavras e outra no sentido. 4. Obra de pintura ou de escultura que representa uma ideia abstrata por meio de formas que a tornam compreensível. 5. Simbolismo concreto que abrange o conjunto de toda uma narrativa ou quadro, de maneira que a cada elemento do símbolo corresponda um elemento significado ou simbolizado. (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 64)

*As coisas por sabidas se calam e por caladas se olvidam.<sup>1</sup>*

**Um camponês do sul do Chile**

*Embora a razão seja comum a todos, cada um procede como se tivesse um pensamento próprio.<sup>2</sup>*

**Heráclito de Éfeso, o obscuro**

---

<sup>1</sup> Essa fala foi dita por um camponês do Sul do Chile durante uma reunião de seu “asentamiento”. Ivan Label, um sociólogo canadense, a anotou e escreveu em um trabalho que a socióloga argentina Isabel Hernández leu. Ela transcreveu a frase em seu livro *Educação e Sociedade Indígena* onde a encontrei pouco antes de conhecer a própria Isabel em um encontro sobre educação popular no Chile. Espero que de pessoa em pessoa e de livro em livro a frase nem se cale nem seja esquecida.

<sup>2</sup> Trata-se do fragmento 2 de Heráclito, o obscuro. Vamos por partes. Transcrevi a tradução feita por Ivan Junqueira, da epigrafe colocada por T.S. Eliot em grego no poema *Burnt Norton* (Poesia de T.S. Eliot, 1 97). Há outras versões. Na tradução feita por José Cavalcante de Souza dos fragmentos de Heráclito para o volume *Pré-Socráticos*, da coleção *Os Pensadores*, da Editora Abril, aparece o seguinte na página 85:

“Por isso é preciso seguir o-que-é-com, isto é, o comum; pois o comum é o-que-é-com. Mas, o logos sendo o-que-é-com, vivem os homens como se tivessem uma inteligência particular”.

No volume 1 de *El Pensamiento Antiguo* escrito por Rodolfo Mondolfo, o fragmento é traduzido da seguinte maneira na página 48:

“Por isso convém que se siga a universal (Razão), quer dizer, a (razão) comum; já que o universal é o comum. Porém, sendo esta Razão universal, a maioria vive como se tivesse uma inteligência absolutamente pessoal”.

Ainda, na página 89 do livro *Refrões Pré-Socráticos* (Refraneiro, Poemas e Sentenciário dos Primeiros Filósofos Gregos) Juan David Garcia Bacca traduz o fragmento assim:

“Pelo qual há que seguir a esta mesma Razão. Mas com tudo ser ela comum, vive a maioria como se tivesse razão por conta própria”.

Consultar também o fragmento 113: “Comum a todos é o pensar” (Pré-Socráticos, 96). Do mesmo modo, em Empédocles de Agrigento a mesma ideia aparece nos seguintes dois fragmentos:

“Assim, por querer de Fortuna todos (os seres) têm pensamento” (Frag. 103). “Quanto se tornaram diferentes, tanto neles, sempre, o pensar diferentes (coisas) ocorre...” (Frag. 108, Os Pré-Socráticos, 239 e 240).

Mas, para os efeitos do sentido que pensei encontrar na frase de Heráclito, prefiro de um lavrador de Itapirapuã, durante uma reunião, procurando explicar porque havia ali opiniões diferentes a respeito de uma questão consensual: “O pensamento é comum, mas o comentário é de cada um”.

## **Diário Camponês**

*Para a Heioísa e o Martins*

*Há trinta e nove categorias de trabalhos importantes: plantar, arar, ceifar, enfeixar, debulhar, joeirar, podar, moer, peneirar, amassar, assar, tosquiar, lavar, bater ou tingir, tecer, trançar, dar duas laçadas, preguear ou trançar, separar dois pontos, dar um nó, desfazer um nó, costurar dois pontos, rasgar de maneira a dar dois pontos, caçar uma corça ou outro animal, tirar sua pele, arranhá-la ou cortá-la, escrever duas cartas, apagar para depois escrever duas cartas, construir, demolir, apagar um fogo, acender um fogo, atingir com um machado e tirar qualquer coisa de um domínio para outro. Estas são as principais categorias de trabalho, trinta e nove ao todo.*

*Shabat 7:2 da Mishná*

24 de janeiro de 1982

**o ofício de plantar**

*Santa Luzia — Minas*

Todos os outros ofícios dos milênios  
misturam a matéria da terra com partes mortas de seus frutos  
e disso fabricam o testamento dos bens do homem:  
o tijolo de barro, a roda de aço, a mesa de madeira.  
Só o teu ofício mistura terra a própria terra  
e atira nela o grão vivo que morre e renasce  
em multiplicações do próprio fruto.  
Por isso os ofícios dos outros são artes de ciência,  
alquimias aprendidas nos porões dos magos do norte  
que transformam nos fornos e bigornas dos senhores da terra  
os metais do mundo. Mas o teu é o único exercício humano  
que recria da vida a própria vida molhada de janeiro.  
E os senhores sabem que fazer a vida brotar do silêncio  
do orvalho e do trabalho é terrível,  
porque a vida persegue os poderes e as armas  
e ameaça o passo dos guerreiros errantes.  
Por isso fazes artes de profeta e és um sábio anunciador.  
Por isso os grandes te vigiam de perto e te fazem servo  
e te tomam por maldito, condenado a viver fora do castelo.

Por isso contra ti lançam exércitos e juízes de toga.  
 Por isso te temem pelas gerações e fazem de ti —  
 sagrado como um caminho de terra molhado entre duas pontes —  
 um exilado sempre expulso da terra que trabalhas.<sup>3</sup>

24 de janeiro de 1982

**o sementeiro**

*Santa Luzia*

A noite não demora na morada do escuro,  
 ela anseia o claro alvorecer da manhã.  
 Estava o sementeiro de auroras sulcando a aragem da terra  
 com riscos de um fio invisível  
 que somente tecem e sabem tecer  
 as mãos hábeis dos rituais do amanhecer.  
 E alvorecia de elo trabalhar, curvado sobre a terra,  
 a suave equação que de grão em grão movia  
 a complicada arquitetura do universo.  
 Ali. Como se a história das coisas e homens  
 a cada dia nascesse de novo desse gesto ancestral,  
 pois todas as coisas são o que o homem planta  
 e *cultura* é o nome dado ao que ele colhe e canta  
 enquanto corta a braçada de cereais.  
 Estava o sementeiro de auroras  
 dizendo um a um os seus nomes  
 aos frutos que iam nascer.

---

<sup>3</sup> “L'on voit certains animaux farouches, dès males et de femelles, rãpandus par la campagne, noirs, livides et tout brûlés du soleil, attachés à la terre qu'ils remuent avec une opiniãtreté invencible; ils ont comme une coix inarticulée, et quand ils se lèvent sur leurs pieds, ils montrent une face humaine, et em effet ils sont dès hommes; els se retirent la nuit dans dès tanières ou ils vivent de pain noir, d'eau et de racines; ils épargmet aux autres hommes la peine de semer, de labourer et de recueillir pour vivre, et méritent anisi de ne pás manquer de ce pain qu'ils on semé”. La Bruyère, em 1688.

E como quem dá o nome dá a vida,  
pronunciava sussurros de um rito sagrado,  
como um mago vestido do branco alvo da neblina.  
Não como um lavrador de três alqueires.

28 de junho de 1978

**lavradores volantes**

*Itapira*

### **a ida**

ser volante, voar em banco estreito  
como um bando sobre ave-caminhão  
por caminhos da pressa rotineira  
aos roçados da cana e do cansar  
sob acessos do corpo e do facão  
na esteira da estrada, entre tocos.  
entre o que a noite deixou amanhecer  
caminhando entre roças derrubadas,  
entre assombros do sono e do alvar.

### **a volta**

o lavar dessa gente. o seu labor,  
os serviços do campo à força bruta  
da procissão que retorna todo o dia,  
seis vezes por semana todo o ano,  
após refazer tão coletivo  
o solitário exercício lavrador.  
suja de visgo, suor e borra seca  
dos mil cortes da cana esfaqueada,  
o que sobra de humano nessa gente  
além da própria pessoa devastada?

12de abril de 1982  
**festas de colheita**  
*Caldas*

Rasguei o calendário. No sou homem que conte os dias do campo correndo com a ponta dos dedos a fila dos números. Olho as estrelas. A variação da luz do cosmos e a posição de alguns astros na nave do céu me diz a era dos meses. Meu tempo são as estações, sou homem de lavrar.

Duas vezes por ano chego à janela e digo aos da aldeia: celebrai aos ventos as vinhas de outubro! preparai o corte dos instrumentos de ceifar! celebrai, digo, as chuvas do verão e os frios do inverno! A cada tempo a sua festa, mesmo quando há fome. Há um tempo de viajar as mãos no ventre das mulheres e há um tempo de vesti-las de lã e aconchegá-las junto no fogo. Do mesmo modo, digo aos da aldeia, com os mesmos gestos rituais não se pode celebrar o tempo em que sobre a pele do solo se ara o chão e aquele em que a ceifadeira corta o caule do trigo. Não há mês como abril, digo aos que colhem. As colheitas passaram e passou o tempo da quaresma. Celebrai, grito da janela, os cereais de março! Olhai os campos de pastagem! Vede os capins! Antes de serem todos os anos, desde o começo dos tempos, ao sol de maio e aos frios de julho secos e queimados o que há de mais belo do que a sua floração? Que roseiras sacodem no jardim dos ricos flores mais finas? Celebrai, digo aos que colhem, as sementes que jogam ao chão!

14 de junho de 1979

**situações de plantar e colher**

*São José de Mossâmedes*

**1.**

o jeito goiano de plantar com a mão  
o que o mato dá sem mágoa  
e o cerrado sem cobrar:  
pequi, caju, mangaba, madeira, mel de abelha  
dedos de graça, catados com a mão cheia  
dos repentres de amor da natureza  
que não cabem no *arrendo* nem na *meia*  
e não põem placa de “vende” na parede.

**2.**

a lei paulista de plantar com o arado  
o que a roça dá com avareza  
e o dono cobra à vista:  
milho, feijão, arroz, soja e aguardente  
“dados” em fero trato feito à *meia*  
sob o dedo do poder do fazendeiro  
que existe às custas do trabalho alheio  
em casa grande de fazenda e tulha cheia.

5 de janeiro de 1982

**povoados de camponeses**

*Abadia de Goiás*

Este não é um lugar de reis:  
 não são nomeados, não existem.  
 Se algum houvesse, quem entre  
 esses homens rudes acostumados  
 a reis de Natal e reis de Negros  
 curvaria ante a sua coroa a sua frente?

16 de fevereiro de 1982

**nomes, mortes**

*Cidade de Goiás*

Muitas mortes há.  
 E o doce manto da noite estendido sobre os fogos do dia  
 não as oculta. A algumas podemos resistir com o ofício  
 ancestral de nossas armas naturais: arados, foices e violas.  
 São os nomes das mortes da fome que quando somos livres  
 não resistem seis dias ao poder do trabalho e da terra.  
 Essas mortes queimamos aos sábados em fornos de barro  
 de onde as mulheres retiram tabuleiros de pão.  
 Muitas mortes há.  
 E mesmo a brisa na madrugada vinda, a que dobra o tênue  
 tecido da noite não a espalha. Para outras são exigidos  
 os usos de terços e rosários que as velhas da aldeia  
 desfiam entre os dedos.  
 Preces que fazem a seres que não vemos,  
 mas que estão lá, porque as velhas que sabem dizem que estão.  
 Outras não enfrentam o poder dos magos que temos,  
 homens que dançam o a quem obedecem as estrelas.  
 Os que salvam dos terrores do oculto as tribos de que somos.  
 Muitas mortes há.  
 E até mesmo o sol que desvela a poderes de fogo

Os nomes do inverno dos seres do mundo não as decifra.  
Porque há mortes sem nome conhecido.  
Mortes com o nome oculto dos segredos que os sábios  
que temos nos contaram. Por isso essas mortes nos matam  
e pelos contos da aldeia catam nossos filhos.  
São mortes que chegam de fora e aterrados perguntamos:  
como vencer os poderes do que não sabemos nomear?<sup>4</sup>

13 de fevereiro de 1979  
**a consciência de classe**  
*Cidade de Goiás*

Enquanto lavrava a golpes  
de machado o poste de aroeira  
o preto lenhador chamado Berto,  
nascido no Faina, perto de Cavalão Queimado,  
apontava com o dedo o dono  
ao longe da serraria e dizia assim:  
“camisa dele quem dá é o meu trabalho”.  
Se diz que o machado do preto  
era o mais afiado e certo do lugar.  
E a fala também.

---

<sup>4</sup> “Se esta análise é exata, é necessário ver nas condutas mágicas a resposta a uma situação que se revela à consciência por manifestações afetivas, mas cuja natureza profunda é intelectual. Pois sozinha, a história da função simbólica permitiria a explicação desta condição intelectual do homem, de que o universo não significa jamais bastante, e que o pensamento dispõe sempre de demasiadas significações para a quantidade de objetos nos quais ele pode enganchá-las.” (Claude Lévi-Strauss: *O Feiticeiro e sua Magia*, Antropologia Estrutural, 212).

3 de junho de 1979

**o canto do trabalho**

*São José de Mossâmedes*

Antes do mutirão na antiga aldeia

de São José de Mossâmedes

os homens da terra chegaram com a madrugada

cantando com violas e violões o canto da “traição”

na porta do casa do lavrador, vizinho e compadre.<sup>5</sup>

Depois da manhã, durante todo o tempo do trabalho coletivo

de limpa do campo atrasado para o plantio do grão de arroz

havia gritos de avisos e troças de uns para os outros.

E havia longos momentos cheios da luz dos cantares do eito,

quando parece que a voz de todos aumenta o poder do braço

sobre a enxada e a terra vermelha do cerrado

inventando ser mais macia

quando os homens lavram cantando no seu corpo.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> “Traição”, “treição”, uma forma peculiar de mutirão ainda vigente entre camponeses de Goiás. Eis o testemunho de Clovis Caldeira: “É principalmente no Estado de Goiás que ainda se pode observar uma das mais interessantes formas de cooperação vicinal (forma espontânea) a que já se fez referência: a *traição* ou, no linguajar matuto, *treição*”. Ele cita Alceu Maynard Araújo: “Quando um lavrador está com o trabalho de sua roça em atraso, um compadre ou amigo, às escondidas, combina e reúne um grupo de trabalhadores (uns cem ou mais) e, num sábado pela manhã, vai até a casa do amigo para ajuda-lo. Essa ajuda é tramada em sigilo e que é de fato uma surpresa para o que a recebe. Chama-se *traição*.”

Às cinco horas da manhã rodeiam a casa do *traçoado* e os *traçoeiros* dão tiros, soltam rojões, cantam e, quando acordam a família, dão início ao trabalho. Se o *traçoado* pode fornecer comida para os *traçoeiros*, começa a prepara-la, caso contrário, o chefe da *traição* precavidamente põe em andamento os *apreparados* para o almoço. É bom salientar que o chefe dos *traçoeiros* deu o café para os convidados em sua própria casa, ali pelas 4 horas da manhã. Todos trabalham nesse singular mutirão, homens, mulheres, crianças. Homens na roça, mulheres na cozinha e crianças no transporte de comida, água e lenha. Almoçam ali pelas 10 horas; às 14 horas, o café, e, ao anoitecer, o jantar... e terminam com danças. Os velhos gostam e preferem as ‘quadrinhas’ e o ‘catira’, e os mais moços, já influenciados pelo rádio, preferem o arrasta-pés com marchas e sambas ‘carnavalistas’. O arremate da *traição*, isto é, a dança, vai até o dealbar do domingo”. (*Mutirão – formas de ajuda mútua no meio rural*, 183 e 184).

<sup>6</sup> Cantos de trabalho durante mutirões de Goiás. Transcrevo os que gravei com lavradores e foliões de Santos Reis no município goiano de Mossâmedes (antiga: Aldeia

No fim da tarde, quando o trabalho da limpa acabara  
 e o campo ficou pronto para o sono da semente,  
 os homens do adjutório voltaram de novo para “casa do dono”  
 com as cabaças de água vazias  
 e os instrumentos da roça nos ombros.  
 Voltavam juntos cantando canções do trabalho,  
 músicas de uma memória antiga, que se canta só naquela hora.<sup>7</sup>

---

de São José de Mossâmedes). São cantos que podem ser encontrados também nos discos:  
*Música do Povo de Goiás*, editado por Marcus Pereira.

*Cantorio do Eito* (durante o trabalho do mutirão)

Oi meu patrão, ai  
 trás pinga pra nós beber, ai  
 eu não bebo  
 a pinga que vós trouxe.

(“patrão, aí, é o lavrador “dono do mutirão”, em cujas terras os “cumpanheiros”  
 vieram trabalhar depois da “treição”).

Meu patrão falou  
 Que é um eito só (2 vezes)  
 Pega um fura outro  
 É um eito só (2 vezes)  
 Fui busca uma boiada  
 No sertão do Cuiabá  
 Uma boiada amarela  
 Chumbadinha de araçá.  
 Gostei de ver, gostei de olhar  
 Morena bonita de namorar.  
 O anu é passo preto  
 Morado do Mato Grosso (2 vezes)  
 Comprei minha mula baia  
 Pro dia da minha viagem  
 Oi ierê, oi iara,  
 O dia que eu monto nela  
 Eu dou certo na Contagem.  
 Morena você me leva  
 Até no porto da Bagagem  
 Ando lá do outro lado  
 Pra vortá, mas é bobagem.

São cantos durante o eito no campo. O ritmo acompanha o trabalho com as  
 enxadas. Em geral cantam divididos em grupos de trabalho e cantorio, de modo que um  
 diz uma parte de cada quadra e o outro responde.

<sup>7</sup> *Cantorio de entrega* (depois de concluído o trabalho, a caminho da casa do  
 “patrão”)

Ali vai o sol entrando  
 Com uma raiva de carvão  
 Alegria dos camarada

Num gesto cheio de flores do campo e rituais  
os homens do trabalho devolveram  
o “dono do serviço” à “dona da casa”  
e beberam nos mesmos copos pinga de alambique.  
Depois da janta de arroz-com-pequi e carne de leitoa  
formaram na sala do rancho as duas filas da catira  
e cantaram e dançaram noite adentro  
batendo palmas e sapateando a alegria da hora.  
Quem passasse apressado na estrada poderia dizer:  
“Essa é uma gente arruaceira que farreia e não trabalha”,  
Mas um canto invisível de viola na noite poderia dizer:  
“só o povo canta assim o seu trabalho; só o povo canta durante  
o trabalho; só o povo festeja o trabalho coletivo  
e canta depois dele”.

Porque ele não perdeu ainda a força ancestral  
de conviver com os fluidos da terra,  
e só ele faz e refaz o rito sagrado de arrancar dela,  
mais do que os frutos da terra, a doce fruta do trabalho solidário.  
E somente os ritos naturais do homem  
merecem cantos coletivos de louvor e de esperança:

---

A tristeza do patrão.

Ali vai o sol entrando  
Por cima da mataria  
Acabou o muxirão  
Com prazer e alegria.

Meu patrão ta preso  
Ta cumprindo sorte,  
Se ele não der pinga  
Ele nós não sorta.  
Meu patrão ta preso  
Não é pra sortá  
É garrafa e meia  
Até nós toma.

Meu patrão tá preso  
Forçado também  
Se ele não der pinga  
Não sorta ninguém.

No disco *Caipira – raízes e frutos* (Estúdios Eldorado) há uma faixa com um antiqüíssimo conjunto de toadas de mutirão paulista recolhidas por Cornélio Pires.

antes, durante e depois.<sup>8</sup>

23 de maio de 1977  
**o semeador meeiro**  
*São Félix do Araguaia*

os cristais polidos  
 dos grãos de arroz  
 escondem a história  
 das trocas do semear  
 e as leis do esforço  
 de quem semeou.

Inventa mentiras  
 à mesa do jantar cama  
 essa massa branca  
 e branda na boca  
 sobre o ardor do duro  
 fazer fundo o sulco  
 e plantar como servo  
 pelo chão o resto  
 do pouco que sobrou.

---

<sup>8</sup> Em inúmeras regiões do país, camponeses, lavradores meeiros (parceiros) posseiros organizam-se. Sindicatos são fundados; onde eles são “pelegos” Oposições Sindicais entram na luta. Em muitas áreas de Goiás um *Movimento dos Trabalhadores* cumpriu a tarefa de criar pautas de novos tempos de mobilização de lavradores. As músicas, os cantórios de trabalho ou de festa às vezes mudam também o teor das letras e procuram traduzir uma classe que se descobre. Faz alguns anos o Centro de Reflexão e Documentação (Goiânia) editou uma fita cassete: *Canto dos lavradores de Goiás*. O alegre repinique das violas ainda é o mesmo e não mudaram também as regras do palmeado e do sapateado das catiras que varam as noites dos sertões de Goiás. Mas o que se canta revela o alvorecer da fala de uma outra prática. Alguns nomes de toadas e modas de catira: Sala de Capim, Justiça e Trabalho, Custo da Vida, Espelho da Realidade, Folia da Caminhada, Abre o Olho, Filho de Lavrador, Companheiro, A Terra é Nossa, Alerta Povo, A Força do Trabalhador, Vamos Conseguir a Terra, A Força do Pobre, Povo Unido, A Grande Esperança.

diamante múltiplo,  
muitas vezes único,  
furta o arroz no saco  
do papel de celofane  
e memória da safra  
feita em “trato à meia”.

joia fina à venda em feira,  
objeto raro de relojoeiro,  
o grão polido e lapidado  
do colar das contas do arroz  
nada conta do que seja  
plantá-lo em terra alheia.

15 de maio de 1978

**As mulheres do caminhão de turma**

*(situações proletárias de corpo e roupa)*

*Itapira*

*para Verena<sup>9</sup>*

**a.**

Viver onde a vida é tão rapina.

**b.**

No corte bruto da cana queimada de antevéspera as mulheres-do-caminhão-de-turma se cobrem de tal modo de sapato de homem, chapéu, calça, camisa e saia grossa, que da pessoa visível da mulher trabalhadora fica de fora apenas a frágil força-de-trabalho. Em fila, na longa linha viva da pequena multidão de gente igual ali, sem nome e cara avançando como em uma guerra a golpes certos de facão canavial adentro.

**c.**

os pés calçam congas iguais de lona azul-marinho de tal sorte que o tênis barato, pensado um dia para o lazer, protege o pé e o passo mudo da mulher-volante. Algumas aproveitam meias usadas de 3/4 por dentro de onde enfiam a calça rota

---

<sup>9</sup> “Entre seis e sete da manhã, estradas interioranas do Estado de São Paulo são cruzadas em todos os sentidos por caminhões em melhor ou pior estado de conservação, cheios de gente ou em vias de recolher grupos de pessoas postadas ao lado das estradas, que esperam ser levadas ao trabalho. Os homens vestem calças desgastadas e camisas rasgadas; as mulheres, calças, saias, duas camisas, uma sobre a outra, lenços amarrados na cabeça, escondendo boa parte de suas faces, e um grande chapéu de palha. Todos carregam uma espécie de mochila que contém sua comida, um pedaço de plástico para o caso de chuva e uma lima para afiar sua enxada” (Verena Martinez-Alier, *As mulheres do caminhão de turma*, 60).

“Ser pobre, trabalhar com enxada ‘é o serviço mais relaxado, o pior serviço que tem na lavoura’.

Para muitos é uma fonte de vergonha. Assim, quando peguei uma enxada de uma das mulheres para carregar, ela observou: ‘a senhora não é de carregar enxada, é de mais cruzeiros, nós somos menos’ e ‘nós tem vergonha porque somos pobres; gente que pode vergonha de que...?’

Algumas das mulheres são mais envergonhadas que as outras. Durante muito tempo, algumas delas escondiam-se ou voltavam suas costas para comer quando eu estava por perto, mas outras pareciam não se preocupar muito com isso”. (*As Mulheres do Caminha de Turma*, 61 e 68).

para que do chão do pé ao meio da cintura  
 não sobre acaso um só pedaço do corpo  
 do lado de fora da armadura de pano.

**d.**

Por cima da saia ou da calça as mulheres amarram nos quadris  
 um tecido, um como avental de saco de algodão grosso  
 convocado às pressas para proteger do corpo  
 o lugar onde à noite algumas oferecem aos homens  
 o que sobrou com vida do escuro derrubar da cana dia afora.  
 Um chapéu de palha com as duas abas abaixadas  
 ajuda a aprender o pano igual ao do avental. Ele recobre  
 por detrás a nuca e cobre todo o rosto, menos os olhos  
 que, livres, espiam sem espanto a rotina suja do trabalho  
 a golpes de força de mulher sob o olhar atento do turmeiro.<sup>10</sup>

**e.**

O território de corpo de mulher prisioneiro da roupagem  
 não tem sobras de sonho, nem encantos e nem ternuras  
 (nada há ali que sugira um editor de revista “de mulheres”).  
 Quem senão um outro bóia-fria igualmente armado  
 e áspero na vida e na cama desejaria amar essas guerreiras  
 de mãos maciças e ancas endurecidas à custa do trabalho?

A mulher-volante é toda ela uma força útil entre o olho e a mão,  
 de todo o corpo, a parte que escapa da prisão da roupa  
 e assiste à luta sem fim da pessoa com a planta:  
 da mulher amarga contra a cana tenra e doce.

**f.**

---

<sup>10</sup> “Os caminhões são o que nesta área se chama de caminhão de turma. As pessoas transportadas são chamadas coletivamente de turma. Individualmente são conhecidas pelo público e denominadas pela imprensa como volantes ou bóias-frias, supostamente porque, por um lado, elas não têm lugar fixo de trabalho e, por outro, porque a comida que trouxeram consigo já está fria na hora em que a comem. O motorista, e frequentemente proprietário do caminhão, é chamado de turmeiro”. (*As Mulheres do Caminhão de Turma*, 61).

Nem os guerrilheiros palestinos de capa-de-revista  
 e nem os bandidos e zorros guardados na caixa menina da memória  
 sabem segredos tão espertos de esconder o corpo e o rosto.  
 Olhadas de longe, da estrada ligeira por onde passa o carro,  
 as mulheres “de turma” podem lembrar de relance ao passante  
 as odaliscas dos filmes safados de espada-e-harém.  
 De perto se vê que não há sedas, e roupas de algodão grosso  
 um dia branco e muitas vezes depois sujo e borrado  
 da mistura do suor do corpo com a borra escura da cana  
 é o que protege das facas do sol e do vento  
 esses corpos magros que fedem à tarde na viagem de volta.

**g.**

Essa roupagem de guerra que sabe lições de guardar o corpo  
 da foice afiada do fio das folhas do canavial,  
 do perigo de um golpe de repente errado do facão de corte,  
 ou mesmo dos gelos finos dos ventos de agosto  
 na hora em que na madrugada a puta cansada foi dormir  
 e a irmã “da turma”, trabalhar.

**h.**

Por que então nas tardes quentes das cinco horas do verão  
 em Itapira as mulheres-do-caminhão-de-turma  
 desembarcam de volta na cidade e não levantam um dedo  
 da couraça maldita da farda de trabalho?  
 Por que de volta não se desvestem do avental  
 e não arrancam panos de cobrir a cabeça, o corpo, o rosto?  
 Porque todos os dias ao chegarem em turma ao Risca-Faca<sup>11</sup>  
 as moças usam as mesmas vestes de campanha  
 para ocultarem de todos — do fio afiado do olhar do outro —  
 os segredos dos rostos de quem são.  
 Porque todos os dias ao chegarem do campo à vila

---

<sup>11</sup> Risca-Faca é o nome popular e indesejado da Vila Ilsa, um dos bairros de concentração de lavradores volantes na cidade de Itapira. O nome foi imposto ao lugar porque eram comuns as brigas no passado, ao tempo em que foi ocupado por migrantes mineiros e paulistas de outras cidades. As pessoas do lugar evitam o nome depreciativo, do mesmo modo como os volantes “da turma” no gostam de serem chamados de “boia-fria”.

onde, não obstante, preferem ser mais a mulher do que a “bóia-fria” do “caminhão de turma” elas, moças como as outras dos “bairros de cima”, sentem no vão da pele o peso da vergonha de passear nas ruas com facões, sacolas-volante e marmitas e tira-colo e serem vistas com roupas de guerra e de vergonha nos seus rostos de mulher, de gente. De maria.

**i.**

Por isso escondem o seu canto de nome, escondem os gestos guardados para usos ligeiros nas pontas de sábado-e-domingo. Esconderiam se possível o tempo e o endereço até quando, na casa de madeira tomam banho de bacia se revestem de roupa limpa, de um nome e do poder e serem outra vez as “moças da Vila Ilse”: mulheres, gente, memórias, a vida das moças do lugar.

16 de junho de 1980  
**voltar do trabalho**  
*São Luís do Paraitinga*

Exilados da luz do dia — já é noite

E o vozerio das estrelas invadiu o céu do outono —  
de novo juntos na margem esquerda da estrada  
os camponeses de junho refazem o mapa da volta.  
Ei-los. Carregam no vão macio dos ombros  
o bastão da enxada que na ponta pendura a cabaça vazia  
da água, pequena primavera no dia de trabalho.  
Carregam o peso desse dia e por isso arquejam o corpo  
mesmo quando não é mais preciso, porque o ofício de andar  
descansa o dorso na curvatura a que obriga o de carpir.  
Os mais ágeis livram os dedos  
E com os artefatos dos primeiros caipiras  
fazem pelo caminho a arquitetura difícil  
de um cigarro de palha de milho.  
Entre o cantochão dos sapos na beira dos brejos  
e a orquestra de flautas de grilos e cigarras  
esses homens não cantam e apenas abandonam aos pés  
a música dos cantos de voltar. Viajeiros do outono.

3 de março de 1982

**os brincos**

*Atibaia*

A alegoria das coisas em que cremos

pende dos brincos por causa de quem  
 nossas mulheres e filhas furam as orelhas.  
 Por isso elas usam brincos a vida inteira  
 e por isso com o dinheiro da venda dos bens da terra  
 compramos brincos de ouro.  
 Para que eles pendam como bandeiras, pequenas flâmulas,  
 sinais dourados com pedras, rubis de brilho  
 na carne magra das mulheres do povoado.  
 Pela mesma razão penduramos também na parede  
 de adobe, pintada a cal aguada dos ranchos que fazemos  
 barreiros de amor polido ao sol e que cobrimos com capim  
 seco, colhido em maio, quadros de feira coloridos.  
 Caros quadros comprados em domingos de romarias.  
 Ali colocamos o retrato de vivos e mortos:  
 os antepassados, seus filhos e os netos.  
 Da parede nossa gente nos olha, sagrada como santos e deuses  
 pendurados por igual entre os nomes da família.  
 Por isso colamos cenas das folhinhas de armazéns  
 que ali ficam por gerações de anos e anos,  
 figuras ao vento nessas terras onde bandeiras que há  
 são as que viajam em janeiro e viajam em maio  
 à frente dos tropéus de foliões de Reis e do Divino.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> À frente das Companhias de Santos Reis ou do Divino Espírito Santo, que dias ou meses antes da festa do padroeiro saem pelos campos e beiras das cidades distribuindo bênçãos e convites e arrecadando prendas para os festejos “do santo”, tremulam bandeiras: “de Santos Reis” ou “do Divino”. A primeira em geral com cenas do nascimento de Cristo, a segunda, de um vermelho vivo, com o desenho da “pomba do Divino”. Essas são as bandeiras que tremulam com os ventos dos cartões de toda a região Centro-Sul do país. Tanto os foliões devotos, promesseiros, profissionais das “companhias”, quanto os moradores das regiões por onde eles passam, atribuem às bandeiras não só significados simbólicos muito intensos — “ela é a nossa guia”, dizem os foliões — quanto poderes milagrosos. Quando o bando precatório das folias chega a uma “na visita dos Três Reis” ou “do Divino”, o costume é que a dona da casa tome ritualmente a bandeira nas mãos e com ela passeie por todos os cômodos da casa, fazendo-a esvoaçar por momentos dentro de cada um. Assim o sagrado torna abençoada a moradia. As pessoas fazem o beija-manto da bandeira logo após a “reza” do terço. A sua ponta é passada sobre a cabeça dos devotos. Alguns se ajoelham contritos para que isso seja feito. Estórias antigas falam de conflitos entre grupos de foliões onde o pior castigo do grupo derrotado (em geral em torneios de cantório entre os mestres de Folia) era a perda temporária de sua bandeira. Bandeiras, na roça, é isso. Sugiro ao leitor interessado a leitura de dois estudos que fiz a respeito: A Folia de Reis de Mossâmedes, Sacerdotes de Viola. No nº 8 de Religião e Sociedade.

Tantos seres e cores quantos caibam nos quadros da memória.  
Tantos quantos caibam pendurados em paredes e corpos:  
medalhas, brincos, panos dos Três Reis, fotos de parentes,  
virgens, santos, pretos de almanaque e senhores do céu.  
Não somos como os ricos que comem à volta de mesas  
e ali colocam velas e grandes jarros com flores.  
Comemos em pratos de alumínio. Catamos com os dedos  
nas panelas de barro as porções do almoço  
e acorados à volta do fogão comemos na cozinha.  
Flores que colhemos no campo à volta do trabalho,  
ou no jardim roceiro que mistura vegetais de cheiro  
com as ervas antigas de onde tiramos a saúde,  
colocamos em pequenos vasos de porcelana barata  
debaixo do retrato dos ancestrais.  
A eles fazemos nossas rezas, preces de ramalhetes  
que as filhas colhem para os santos e os mortos, seres  
que os ritos da memória tornam iguais e imortais.  
Vivos e presentes, vestidos de lenços e roupas de festa,  
com os chapéus de domingo que tinham na cabeça  
e os olhos pregados na janela de tampos de madeira.  
Vivos, tanto quanto nós.

5 de dezembro de 1981

**a terra**

*São Luís do Paraitinga*

Misteriosa senhora dos sentidos do homem,  
mãe mineral do ofício e do orgasmo.  
Não nomeada e no entanto presente

nos solos do quarto onde mulher e homem  
 fazem os arranjos do amor.<sup>13</sup> Ali se misturam  
 no lavrar da carne os sucos dos corpos  
 entre sinais de gritos e gemidos de alegria e poder.  
 Irmã da vida, sobre teu manto semeiam os homens  
 e dele tiram as colheitas de maio.  
 Ali pois deviam amar. Sobre o solo deitar o dorso  
 de homem e mulher. Acaso somos outra coisa  
 então o sumo do fruto do teu gozo?<sup>14</sup>  
 Ventre da vida, mãe dos seres  
 sobre quem o mistério tocou com o sopro do hálito,  
 úmido hálito denso de seiva e sangue.  
 Orvalhada da noite dos milênios  
 e mil vezes mais velha que os passos do homem,  
 que entre as palmas das duas mãos  
 ele tome a pele de teu corpo morno  
 e com ela toque o espelho de seu rosto  
 e entre todos os sete sentidos reconheça  
 a espessura dos grãos de areia que são  
 a oficina da origem de todos os domínios,  
 e cem o que os próprios deuses do mundo  
 seriam inúteis.<sup>15</sup>

11 de fevereiro de 1981

**algumas tarefas comuns**

*Araçatuba*

Amassar a massa irmã da terra  
 no oco do pilão da mão.  
 Quebrar à força a trama de aço  
 que existe num torrão de terra dura.  
 No céu do chão traçar o risco

<sup>13</sup> “E o sol não é nomeado mas o seu poder está entre nós”. Saint-John Perse.

<sup>14</sup> Conforme Xenófanes de Colofão. Vejamos: 1º “Pois tudo vem da terra e na terra tudo termina” (frag. 27); 2º “Terra e água é tudo o quanto vem a ser e cresce” (frag. 291); 3º “Pois todos nascemos da terra e da água” (frag. 33) (Os Pré-Socráticos, 72).

<sup>15</sup> Heráclito, o obscuro, com clareza: “Para almas é morte tornar-se água, e para a água é morte tornar-se terra, e de terra nasce água, e de água alma” (frag. 36) (Os Pré-Socráticos, 89).

fundo que há no rio azul do sulco.  
 Recolher da sacola do semeador  
 depois, aos punhados, a semente  
 e espalhar pelo rastro da canção da chuva  
 a fé do grão que crê na sementeira.

13 de maio de 1979

**jeitos da terra**

*Barão Geraldo — Campinas*

a avareza da terra  
 é às avessas.  
 ela se exalta de dar  
 tudo o que esconde.  
 por isso a terra  
 é a casa onde  
 a vida multiplica  
 seus roçados. suas rezas.

10 e 11 de novembro de 1981

**a idade do ouro**

*Ouro Preto*

1. O sol de outro dia molhado das águas de leste ilumina a fila de passos que fizemos a meio caminho longe, tanto que o grito da esposa à porta do rancho não alcança o lugar onde trabalhamos a terra. Em nome de que ser devemos portanto repetir três vezes por dia o dever da oração?
2. Houve um tempo em que o arfar do peito de nossa gente - os encontrareis semeados pelo campo com cruzeiros de aroeira a um palmo do lugar da cabeça -

era o primeiro sinal do amanhecer.

Vinha o iluminador de outro dia molhado das águas de leste e os achava no eito — os velhos da raça de que somos.

Somos uma gente digna, dado que os homens e alguns deuses - até mesmo os dados aos prazeres e ao vinho - anunciam que o amanhã da terra é a dignidade do homem, e os símbolos do que fazemos com a terra são tema de parábolas.

No entanto comemos em pratos de alumínio barato e as gerações que temos amassam com os pés nus a lama dos quintais, lugares de alquimias da vida, mais do que os dos sábios que comem do que colhemos e em troca ofertam pós e poções que tememos usar.

As florestas que resistiam às primeiras caravanas nós as derrubamos com machados e grandes fogos cuja linha de ferreiros e bigornas dias e noites clareavam os serões de agosto a outubro.

A selva era submetida ao temor da cultura e reduzida às cinzas que a chuva fazia serem o adubo da germinação da terra.

Chamas da terra convertidas em verde.

Os ossos da floresta reduzidos ao pó que misturamos com a semente dos cereais e com o trabalho transformamos em grãos infinitos.

3. Multiplicadas as notas de nosso padecer de povo pobre, tornamos ritos de mortos algumas antigas canções de bodas que tínhamos e gostávamos de ter e que por muitos anos foram toques alegres entre palmas e passos de sapateios. Hoje são passos descalços dos que seguem a fila do cortejo dos mortos, adormecidos em redes brancas de panos de algodão e antes do outono recolhidos à mansão dos dormidos. De uma geração à outra, como a poeira do chão que o passar do tempo torna estéril, contamos maiores os números dos nossos males: nós, os homens ingênuos do amanhã da terra.

4. A primavera de uma idade do ouro  
é a sombra de uma era perdida, anterior à moeda,  
e primeiro foi o tempo ancestral dos seres nus  
que não plantavam nem colhiam e dos claros das matas  
catavam frutas doces, mel e raízes boas para comer e curar.  
E bebiam águas cristalinas de verdes rios sem donos.  
Aquele foi o tempo de possuir os dons da vida  
e conviver com vigílias de deuses,  
forças do universo cheias de nomes e sinais  
a quem a cada manhã os homens criavam outros nomes  
e que a cada estação renasciam  
transformados em flores e grãos  
A pulsação da terra os nossos ancestrais sentiam  
pondo o oco da mão direita sobre o coração.  
A variação dos tempos: secas e chuvas, verões e primaveras,  
eles adivinhavam acariciando o veludo da própria pele,  
ou olhando os sinais do cosmos, seja entre as estrelas da noite,  
seja dentro do brilho do céu dos olhos de alguém amado.  
As estações do ano existiam na alma do homem  
e os seus corpos vibravam  
em comum comoção com a tempestade  
ou as noites em que a brisa mal move uma folha.

Colocar no corpo das mulheres fluidos brancos de vida  
era tão diário quanto encher de água limpa  
a concha das mãos e beber. E era tão sagrado.  
Foi um tempo anterior ao arado  
e os ritos dos moços celebravam formas de vida  
que corriam livres entre as veias  
da tribo dos homens que fomos  
e de que agora não há mais  
do que sinais em grutas e montes:  
sinais de uma memória que de acordo  
com os sonhos que têm  
os velhos da aldeia avisam que viram e existem.

5. Depois foi o tempo de aprender a lavrar os campos e primeiro a terra foi de todos, os campos sem cercas e as roças sem nomes. Os tipos de gados que tivemos corriam livres entre terras em busca de aguadas. Longe alguém bradava uma palavra de mesma crença comum, e de casa em casa ela ia, viageira do vento. Os homens eram iguais e tinham as suas mãos os mesmos sulcos, entre si casavam filhos e filhas e sabiam todos os passos das mesmas danças. Os senhores existiam longe, em terras cujos mapas sequer sabíamos pronunciar. Eram raros os comércios com os maus e por isso se podia pensar que a Terra era plana e parada no ar. E por isso por toda a parte se cria que os mortos voltariam um dia ao mundo e seriam como eram.

6. Essa foi uma era perdida, primeiro dos dias, depois, da memória dos homens. Sobraram alguns mitos e ritos que às vezes contamos e festejamos em noites de junho.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> No imaginário do camponês brasileiro houve uma idade do ouro, um “tempo antigo”, próximo, na verdade. Então havia “terra para todos” e as trocas entre as pessoas eram solidárias. Um esforço de memória critica nega a radicalidade de excelências de eras anteriores à introdução de regimes de colonato e parceria e, mais tarde, de expulsão acelerada dos lavradores: ou de suas pequenas propriedades, ou do uso da terra onde pelo menos plantavam “na meia”. Em um estudo anterior falo de lavradores negros da Cidade de Goiás.

“Ao ‘tempo antigo’, com ‘fartura’ e sem mercado, opõe-se o dos ‘dias de hoje’, com mercado e sem ‘fartura’. ... O trabalhador negro caracteriza o tempo antigo pela ausência da ambição e do controle sobre a produção de bens, assim como caracteriza os ‘dias de hoje’ pela presença de ambos. Sem o reconhecimento manifesto dos determinantes de passagem de um sistema de posse e uso da terra para o outro, o do tempo antigo opõe-se

8 de janeiro de 1980

**ofício de fiar**

*Goiânia*

**um**

o tecido que velhas mulheres fazem, fiadeiras de um saber arcaico cuja origem ninguém pergunta. a urdidura que torna pano a polpa branca enovelada do algodão. a roca que as mulheres do sertão pronunciam “roda” e se faz rodar sem descanso desde a madrugada sob o compasso binário do pé esquerdo da anciã.

**dois**

não há arabesco mais ágil que o do desenho dos movimentos das pontas dos dedos da mulher fiadeira. e que outro ser de todos os continentes torna mais útil dos jogos da manhã do que a fiadeira tecelã? aqui é onde o ruído da roda a rodar enovela os fios vegetais da fibra que alguma manhã de maio colheu há um ano. falo da arte e do amor.

**três**

penso na estima que se devem ter esses corpos frágeis de louça viva, mulheres a quem alguma doença do sertão sempre torna débil e que se tocam com carícias de comadres sem apertos e beijos no rosto, quando antes do trabalho

---

ao dos dias de hoje: a) a partir de modificações nas condições naturais da agricultura e da pecuária; b) através das condições atuais de distribuição de produtos da agricultura; c) através de mudanças nas relações sociais que, aos poucos, passam da solidariedade para a opressão e da gratuidade para o interesse” (Peões, Pretos e Congos, 111 e 112).

se encontram e se abraçam  
quase com medo do que fazem. sinais de carinhos vestidos de  
silêncios. falo da estima. falo de uma qualidade de amor que  
entre si têm as pessoas da terra e certas espécies vegetais  
com que convivem por milênios de gerações.

### **quatro**

que bailado é mais rude entre as danças de roça do que esse  
baile diurno: solo que a fiandeira faz com o só compasso dos  
tambores do tear o as flautas finas das lançadeiras do fio de  
algodão? Dança que ela própria toca no órgão de que é maestro  
e prisioneira, de pé, sobre os dois paus das pisadeiras<sup>17</sup>  
move a tecelã o corpo com a precisão de uma tropa de soldados  
enquanto os braços jogam de um lado para o outro,  
no mesmo compasso binário que rege todo o ofício,  
a embarcação da lançadeira.  
Barco que faz viajar sob o tecido em que a trama na dança  
faz o fio de linha fina de algodão.

<sup>17</sup> Algumas partes constitutivas do *tear de mesa* em Goiás: órgão da linha, brexada, rasteiro, vara, lios, queixa, pente, tempereiro, espremedeiras (também: pisadeiras, pisapé ou pedais), lançadeiras, brexada do pano, órgão do pano, macaco, sarilho, cambitinho, corda do sari, tirada, banco.

Descrição da trajetória da urdidura e do tecido no tear: “... Dispostos horizontalmente, os fios passam dentro das *casinhas* ou entre as malhas das *folhas de liço*. A quantidade de fios a correr pelas *casinhas* ou entre elas depende da maneira como foi urdida a linha: *lisa*, *meia parelha* ou *emparelhada* (...). Sempre há necessidade de ‘deixar umas deixas’, isto é, saltar algumas *casinhas de liço* sem passar nelas as linhas, para evitar que o tecido repuxe durante o trabalho e saia torto. As deixas estabelecem o equilíbrio entre os fios. No caso dos tecidos de *repasso* ou das *cobertas*, a distribuição dos fios de *urdidura* entre as *folhas do liço*, eles são passados por entre os *dentes* do pente — a quantidade de fios a ser colocada em cada *dente* depende também da maneira como foi urdida a linha: *lisa*, *meia pareia* e *empareada*. E depois do *pente*, ou seja, entre o *pente* e o *tempereiro* que se introduz a lançadeira com o fio da trama ou *tapume*. Após cada braçada, a artesã puxa firmemente a queixa onde está encaixado o *pente*; este, além de separar os fios da *urdidura*, pressiona os fios da trama entre si. Para que as braçadas se mantenham na mesma posição reta da brexada, depois de tecer alguns centímetros de pano, se faz necessário o uso do tempereiro, cujas extremidades em garra são engatadas à varanda e mantêm o pano esticado em sua largura. O tempereiro é o limite entre a linha e o tecido, que continua horizontalmente até atingir a trava do tear. Esta é a roliça ou oitavada e é sobre ela que se curva a artesã para jogar a lançadeira e puxar a queixa (observe, leitor, que a artesã joga a lançadeira e puxa a queixa — CRB). O tecido passa por cima dessa trava e em seguida desce em direção ao órgão do pano ao qual é enrolado sobre a brexada do pano e as pontas dos cabristios”. (Tecelagem Artesanal, 117. Os grifos são da autora, Marcolina Martins Garcia.)

## Falo de ritos do trabalho nos sertões de Goiás.<sup>18</sup>

26 de janeiro de 1981

<sup>18</sup> Também há mutirões e traições de fiandeiras, não raro associados aos de lavradores. Transcrevo a descrição de um: “Cerca de 53 homens trabalharam no roçado do pasto e 10 mulheres na *cardação e fiação* de algodão, entre cantorias e muita alegria, tanto no trabalho em casa quanto no *roçado*. Às 11,30 horas fizeram pausa para o almoço e retornaram ao trabalho. Por volta da 14 horas pararam novamente o trabalho para outra refeição; após esta, algumas pessoas voltaram às suas casas, principalmente as que residiam mais distante; outras retomaram o trabalho até cerca de 16,00 horas, quando foi feita a *entrega do serviço*, aos *treçoados*, trouxeram do *roçado* até a porta da casa, entre vivas e fogos, o *dono do serviço*. Os trabalhadores traziam nas mãos galhos e ramos verdes, agitando-os ao compasso dos vivas, enquanto mantinham dentro de um quadrado de madeira o *treçoadado*. Em frente à casa, sua mulher, que também tinha serviço a receber, juntou-se a ele no quadrado de madeira. Houve, então, diante de todos, a entrega do trabalho realizado no decorrer do dia. Em seguida todos os presentes jantaram, retirando-se logo depois para suas respectivas casas, prometendo retornar à noite para o pagode (*Tecelagem Artesanal*, 156 — grifos da autora).

Em tempos em que as mulheres do sertão começam a participar de lutas e movimentos populares, o próprio mutirão de fiandeiras ganha novos usos e sentidos. Notícia de um jornal que circula entre lavradores e moradores de periferia das cidades do Interior de Goiás:

“*Mutirão de Fiadeiras em Itaguaru* — Fiadeiras de Itaguaru fazem um mutirão e contam como aconteceu: ‘Foi na casa de uma de nossas companheiras. Reuniu 40 mulheres. Foi um dia muito alegre e animado. Conseguimos fiar dois sacos de algodão, batemos papo e conhecemos novas companheiras e ainda ajudamos Dona Maria.’

*Sentido do Mutirão* — ‘um dos sentidos foi do serviço. Mas foi também prá conversar sobre nossos problemas. Estamos pensando em continuar os mutirões. Já foi marcado mais dois mutirões e queremos nos unir com mulheres de outros lugares. Também estamos participando de outros movimentos como: Movimento das Lavadeiras, no Sindicato e nos Mutirões de Roça junto com nossos companheiros. As fiadeiras fizeram esses versos dando o sentido do movimento:

“De mutirão em mutirão  
Vai crescendo a união  
Todos juntos homens e mulheres  
Um dia certo vamos vencer

O mutirão é sempre bom  
Os homens também vai lá  
Para juntos conseguirmos  
Nossa luta iguala

Nós que somos mulheres  
Devemos ser organizadas  
Pois, da sociedade  
Somos as últimas exploradas

O homem e a mulher  
Precisa lutar unido  
Pra junto defender  
Do mesmo inimigo.”

**três instrumentos de lavrar***Goiânia***a. o machado**

nada há mais certo  
do que o golpe  
desse parceiro da morte.

**b. o arado**

de tanto escavar os veios da terra  
e polir entre os seus ossos minerais  
o seu aço, brilha sob o sol de março  
a sua lâmina — vela do sulcar.  
é seu o ofício de navegante de um mar  
onde o barco faz o rumo e a onda,  
marola que lhe afia o fio da proa  
apontada sempre para o lado do campo  
onde o porto da noite vai chegar.

**c. a ceifadeira**

a luz da estrela mais próxima  
brilha no fio dessa arma cortadeira.  
na mão ágil do ceifado” de arroz  
a lâmina recurva corta e recorta

e no curvo do aço que lhe dá o ofício  
 arranca aos punhados, quando vai e volta,  
 o buquê dourado da flor do grão do arroz.

2 de março de 1981

**figuras na sombra do dia**

*Itapira*

Com o corpo por igual curvado  
 forçam o fio da enxada e escavam o chão.  
 Com a curvatura que dá ao corpo enfim  
 figura de um arco tenso,<sup>19</sup>  
 instrumento de carne e nervos adestrado ao trabalho  
 fazem cantar a música da matraca.  
 Ia atira punhados de grãos de milho  
 distâncias regulares no sulco,  
 trilha que uma noite antes  
 O arado puxado por dois burros  
 riscou na folha do mapa da lavoura:  
 desenho que o lavrador faz de memória  
 de tanto traçar e apagar a mesma tela.  
 Com as duas mãos polidas de tanto fazer

---

<sup>19</sup> Segundo Heráclito, o obscuro: “Nome do arco: vida, Obra do arco: morte” (Frag. 48) (Refranes Presocráticos, 92). Em outra versão aparece: “Do arco o nome é vida e a obra é morte”, com a seguinte nota de rodapé para a palavra arco: “No grego *biós*, forma homônima de bios = vida” (Pré-Socráticos),

o ofício de lavrar, cheias dos sulcos  
 arados na carne pelo dardo do cabo  
 do arsenal de instrumentos de plantar,  
 o lavrador prepara outro ano do sono da terra.  
 Embora haja ali sinais de um coito  
 nada há que na boca da noite  
 sinalize qualquer espanto de prazer.

## ***Beiras de Minas***

*Diga, cadê o que tinha?*

*Antônio Cícero de Souza.*

*Perguntando para não ser respondido.*

*Para Joel, Rubem e Regis, mineiros  
 e filósofos. Mas que sempre  
 souberam nunca misturar uma  
 coisa com a outra.*

28 de junho de 1981

**Aprender com Minas**

*Congonhas do Campo — Minas Gerais*

### **1. De Minas**

De Minas virá  
 o verdor do vasto

do pasto que em Minas  
é verde e amanhece.  
e amanhece em Minas  
cada vez que a chuva  
visita novembro.  
cada vez que a noite  
arvora o sereno  
que o vento de Minas  
orvalha nos fundos  
dos cantos da sina  
de gentes e bichos.

De Minas virá  
o sabor da terra  
do vento que em Minas  
convive com a mina  
de ouro da orquestra  
de vales e vilas.  
convive, comparte  
e se afina em Minas  
até o tom fino  
de uma escala acima  
onde o vento inventa  
como o trem e o povo:  
caminhos, caminhos.

## **2. Em Minas**

O que é de memória  
em Minas tinha  
guardado pelos potes. nas moringas  
do barro fino que o tempo-oleiro  
misturava com água na gamela

modelava na banca do quintal  
e queimava no forno da cozinha.

O que é de lembrar  
por Minas ia  
pelas eiras, por beiras, pros caminhos<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> A respeito da idéia absolutamente fundamental de que Minas são caminhos por onde se deve estar sempre passando — em corpo ou pelo menos em espírito - - indo ou vindo, Dory Caymi diz o seguinte:

Por toda terra que passo  
Me espanta tudo que vejo  
A morte tece o seu fio  
De vida feita ao avesso  
O olhar que prende anda solto  
O olhar que solta anda preso  
Mas quando chego eu me enredo  
Nas tramas do teu desejo.

O mundo todo marcado  
A ferro, fogo e desprezo  
A vida é o fio do tempo  
A morte é o fim do novelo  
O olhar que assusta anda morto  
O olhar que avisa anda aceso  
Mas quando chego eu me perco  
Nas tranças do teu desejo.

*Eh Minas, Eh Minas*  
*E hora de partir, eu vou*  
*Vou me embora pra bem longe (bis).*

do traçado que a tropa viageira  
 tricotava entre vales e vielas.  
 entre serras, sereno, noite adentro  
 entre as vilas que pela via havia.

O que é de saudade  
 havia em Minas  
 desenhado nos panos, nos bordados  
 do tecido que a vida-fiadeira  
 fiava no claro da janela  
 costurava com fio de roca velha  
 e cerzia na mão de três meninas.

### 3. Com Minas

Com Minas se aprende  
 um saber matreiro:  
 carregar no bolso  
 um toco de tudo.  
 Se aprende com Minas  
 redizer o mundo:  
 pensar “trem” pra “coisa”

---

*(Desenredo)(os grifos são meus)*

Já João Guimarães Rosa tece as seguintes considerações sobre os mistérios do andar por Minas: “Pra mais onde? Ah, aonde os altos bons: o Chapadão do Urucuia, em que tanto boi berra. Mas nunca chegamos nem na Virgem-Mãe. Afiguro, desde o começo desconfiei de que estávamos em engano. Rumos que eu menos sabia, no viável. Como a serra que vinha vindo, enquanto para ela eu ia indo, em tantos dias: longe lá, de repente os olhos da gente percebem um fio de tremor — se vê um risquinho preto, que com léguas andadas vira cinzento e vira cinzento e vira azul — daí, depois, parede de morro se faz. No arquear dali, foi que se pegou o primeiro caminho achado, para se passar. Bem baixamos. Que andávamos desconhecidos no errado” (*Grande Sertão, Veredas*, 288).

Também, o seguinte, indispensável: “Quadrante que assim viemos, por esses lugares, que o nome não se soubesse. Até, até. A estrada de todos os cotovelos. Sertão se diz —, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem. Mas, aonde lá, era o sertão churro, o próprio, mesmo. Ia fazendo receios, perfazendo indagação. Descemos por umas grotas, no meio de serras de parte-vento e suas mães árvores. O pongo de um ribeiro, o boqueirão de um rio ... Já depois, com andada de três dias, não se percebeu mais ninguém. Isso foi onde o morro quebrou. Nós estávamos em fundos fundos”. (*Grande Sertão, Veredas*, 289).

e “uai” pra “susto”.  
 Com Minas se aprende  
 o saber do avulso:  
 espreitar a vida  
 de “cocra”, na curva.

Se aprende com Minas  
 de graça, sem custo  
 que a vida que passa  
 não passa nem assusta.  
 Com Minas se sabe:  
 tudo vive, tudo volta  
 e com a chuva que cai  
 o que seca renasce.  
 Renasce e relembra  
 (todo o ano, toda a vida)  
 que dezembro repõe  
 até março, até junho  
 o verde que a seca  
 secou após julho.

27 de junho de 1982  
**os profetas**  
*Congonhas do Campo*

Os profetas de Congonhas  
 se entreolham  
 olham o céu de Minas  
 espiam a noite.  
 Velam o vôo dos pardais  
 e andorinhas e o vagaroso  
 passo das beatas velhas da cidade.

Aqui, profetas mineiros

de alma de pedra, imóveis, amigos  
eles não são terríveis, são amáveis  
guardiões de coisas simples:  
meninos, mendigos e turistas  
dos morros de Minas sem mistérios  
que as companhias infames  
de minérios arrebatam, rasgam  
e profanam.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup>. Pablo Neruda, num Diário de Viagem fala dos profetas: “Cortando a pobreza, como se corta um queijo, aproximamo-nos, e Matilde me fotografava com saias, com Daniel, com Ezequiel, e não me sinto mal ao lado de cada um, só que eles foram melhores poetas que eu e se mostram agora, em seus retratos de pedra, poderosos ou pensativos, iracundos ou adormecidos. Jonas tem um peixe do qual apenas divisamos a cauda entre as cabecinhas negras e brancas dos romeiros da romaria. Aproximo-me para ver se é uma sereia (que beleza seria ver um profeta na rede de uma filha do mar), mas não. Trata-se apenas de uma baleia, de sua baleia, que o Aleixadinho lhe pôs sorridente junto da cintura, para que não a dei

Sobre os mesmos profetas, alguns anos antes de ler o livro de Neruda escrevi o seguinte:

*Jeremias*

trago nas mãos somente  
estas sete palavras  
3 eu disse e outras 4  
eu calo e me invento.

trago o meu calado  
olhar sobre a cidade,  
o gosto de quem sempre  
pudesse ouvir o vento.

o jeito de quem sempre  
ameaça com envolver  
as duas mãos nos bolsos  
e enchê-las de sementes

no gesto temerário  
(pior que a profecia)  
de baixar as mãos mortas  
e levantá-las vivas

carregadas da sombra  
que pese sobre o rei  
e sobre o povo invente  
o trigo, a vinha, a grei.

*Amós*

muitas coisas há para aprender

---

mas eu não vim aqui para ensinar.  
carrego comigo, amarrada ao cinto  
a ira de morder o grito  
e mais a vontade de gritar.

procuro a palavra perdida na rua  
a palavra suja e molhada, a que sua  
do trabalho duro de inventar diário  
a verdade que o povo cantando criasse  
e soubesse, ao falar, que dizia o difícil  
exercício imenso do imaginário.

procuro a palavra parida na luta.  
que a palavra fácil do poema inútil  
tem, como o rico, o reino ou o deserto  
o poder profano de tecer o fútil  
de secar a flor e de trair o verso.

### *Jonas*

ele fez a viagem  
habitante do incrível,  
de dentro do peixe  
descobriu seu grito

de dentro do escuro  
descobriu o claro  
que escondia dentro  
de seu verso raro.

### *Joel*

pensei que de noite  
pudesse ouvir os homens  
o seu pecado e o fértil  
poder dos seus nomes,

mas depressa aprendi  
que na noite eles sonham,  
de dia é quando inventam  
o de que se envergonham.

o que fazem na noite  
na cama e após a mesa  
é o que mais Deus perdoa  
e, às vezes, recomenda.

de dia é quando o rei  
do povo cobra o imposto  
pelo ato de oprimi-lo  
do alto de seu posto.

de dia é quando pensam

---

multiplicar os lucros,  
é quando contam e somam  
a conta dos seus juros.

de dia é quando empreitam  
o mal sobre a cidade,  
é quando fazem dela  
entre o banco e o mercado.

de dia é que eles pecam  
quando soltam o gado  
no campo de onde expulsam  
o homem e o seu arado.

*Zacarias*

fizeram a morte  
e depois me convocaram  
a falar sobre festas no sertão.  
fechei as mãos e  
com as duas mãos fechadas  
gritei ao pobre: basta!  
e ao povo: não!

*Malaquias*

(com idéias de Brecht)

falo dessas cidades  
com assombros de fúria  
lugares de onde sobram  
sortilégios de astúcia.

onde ao povo se vende  
o seu próprio trabalho  
e a sina de ser sempre  
abaixo de operário.

falo dessas cidades  
destruídas a seu tempo  
pelo povo e os seus anjos  
sobre reis e seus inventos

por menos do que isso  
o fogo as derreteu  
e delas restou só  
o vento que as varreu.

São pequenos escritos chamados na ocasião: *Os P (r) o (f) e t a s*, dedicados a Pedro Casaldáliga, um poeta e profeta que no susto de um dia virou bispo.

12 de julho de 1982  
**semeada entre pedras**  
*Diamantina*

No fim de um caminho “das minas”,  
sem outros caminhos de Minas  
diamantes e sempre-vivas  
é tudo o que dá Diamantina.  
Não há vagantes aqui,  
não há fantasmas. Se houvesse  
a cidade os convocaria,  
tristes errantes do escuro  
funcionários do turismo  
que pela noite errariam  
em balcões, bares e esquinas  
desses chãos de pedra fina.  
Chãos de pedra dura ao trato  
de cereais e hortaliças  
onde crescem em orfanatos  
e roças de enfermaria  
moitas de plantas esguias.  
Mas não há flores mais claras  
(cantam aqui seresteiros  
do amor de moças, meninas)  
o que as que nascem nos campos  
das antigas noites frias  
dos julhos de Diamantina.

---

## ***A Trama da Rede***<sup>22</sup>

*Para José Inácio e para Cláudia*

*Nesses momentos porém o indivíduo torna-se lírico, porque cada metamorfose é em parte um canto de cisne, em parte a abertura de um grande poema novo, que em cores indefinidas, mas brilhantes, procura conquistar sua forma; e ainda assim gostaríamos de erigir um monumento àquilo que uma vez vivemos e que deve reconquistar no sentimento o lugar que perdeu para a ação.*

***Karl Marx***<sup>23</sup>

### **Um**

Essa é a trama da rede:  
o tecido das trocas que fabricam  
o pano de uma rede de dormir  
enreda o corpo do homem na tarefa  
de criar na máquina a rede com a mão.

**A armadilha do trabalho em casa alheia  
engole o homem e enovela todo o corpo**

---

<sup>22</sup> As alegorias sobre o trabalho desta parte do *Diário* foram feitas para o filme *A Trama da Rede*. O diretor, José Inácio Parente, durante um surto de lucidez, incorporou ao filme apenas sete de todos os poemas escritos. O filme — um curta-metragem de nove minutos — recebeu os seguintes prêmios: melhor filme, melhor direção e melhor montagem no Festival de Brasília de 1980; Margarida de Preta, da CNBB, em 1980. Foi escolhido pela Embrafilmes para representar o Brasil no Festival Internacional de Curta Metragem em Oberhausen. Foi convidado para os festivais de Bilbao, Havana e Nancy.

<sup>23</sup> De uma carta escrita pelo jovem Karl Marx a seu pai em 1837. Os escritos de “A Trama da Rede” são uma leitura dos momentos em que O Capital fala mais de perto do operário e dos usos de seu corpo. Muito do que ele escreveu também foi depois de ver as tramas dos lugares onde os homens fazem panos e tecidos. Usei tanto a edição integral publicada pela Civilização Brasileira, quanto a edição resumida por Julian Borchart e editada pela Zahar. Sempre que sejam textos desta última os que apresento nestas notas, indico: (Julian).

no fio no fuso na roda na teia  
do maquinário da manufatura  
que produz o seu produto: a rede  
e reduz o corpo-operário à produção.<sup>24</sup>

## **Dois**

No palco da oficina coletiva  
onde se cria a rede de dormir  
as mãos espertas da mulher aprendem  
o bailado do labor da geometria  
que costura tece corta e fia.

A dança dos dedos ponteando o pano  
torna cativo o corpo da operária  
da máquina-rotina e da destreza  
que seguem regras da trama do fazer  
na varanda da rede a tessitura  
do ofício servil de sua costura<sup>25</sup>

## **Três**

---

<sup>24</sup> Com algumas de suas numerosas mãos empunhando ferramentas, o operário coletivo, composto de todos os operários parcelados, estica o fio, enquanto suas outras mãos, com outras ferramentas, cortam-no e apontam-no etc. Sucessivas no tempo, as diversas operações tornam-se simultâneas no espaço. .Julian, 70.

<sup>25</sup> Oficina é qualquer quarto ou local, com teto ou ao ar livre, onde exerce um ofício qualquer criança, adolescente ou mulher, e em relação ao qual tem direito de acesso e controle aquele que emprega essa criança, adolescente ou mulher. (transcrição de parte da *Workshops' Regulation Act*, 565).

O corpo-bailarino que transforma  
a coisa bruta em objeto  
(a fibra em fio e o fio em pano)  
e o objeto na mercadoria  
pano pronto na rede e sua valia)  
transforma o corpo do homem operário  
em outro puro objeto de trabalho  
pronta a fazer e refazer no fuso  
aquilo de que a fábrica faz sua riqueza  
de que, quem faz, não se apropria.<sup>26</sup>

### **Quatro**

Tece o fio a fina flor da vida  
do menino que trabalha na oficina.  
Do corpo do menino a quem domina  
rede que dentro dele habita.

### **Cinco**

---

<sup>26</sup>. O trabalhador trabalha sob o controle do capitalista, a quem pertence seu trabalho. O capitalista cuida em que o trabalho se realize de maneira apropriada e em que se apliquem adequadamente os meios de produção, não se desperdiçando matéria-prima e poupando-se o instrumental de trabalho, de modo que só se gaste deles o que for imprescindível à execução do trabalho. Além disso, o produto é propriedade do capitalista, não do produtor imediato, o trabalhador. O capitalista paga, por exemplo, o valor diário da força de trabalho. Sua utilização, como a de qualquer outra mercadoria, por exemplo, a de um cavalo que alugou por um dia, pertence-lhe durante o dia. (209/2 10).

tear comanda o corpo do operário:  
os pés a perna as mãos os braços  
os jogos ágeis de tronco e dorso  
a atenção absoluta do olhar.

São os movimentos do esforço do artesão  
O que move o maquinário do tear,  
mas uma vez movido a corpo e dança  
ele impõe o ritmo ao corpo que o moveu.

Assim faz o homem triste o seu trabalho  
e é triste o seu canto — o seu cantar,  
porque não há motivo de cantos de alegria  
pra quem trabalha à força o seu tear.<sup>27</sup>

## Sete

Sob a trama do trabalho em tear alheio  
o corpo não possui seu próprio tempo  
e é inútil que lhe bata um coração.

O relógio interior do operário  
é o que existe na oficina, fora dele,  
de onde controla o tear e o tecelão.<sup>28</sup>

## Oito

---

<sup>27</sup> *O antigo dono do dinheiro marcha agora à frente como capitalista; segue-o o proprietário da força do trabalho como seu trabalhador. O primeiro com um ar importante, o sorriso velhaco e ávido de negócios; o segundo tímido, contrafeito, como alguém que vendeu a própria pele e apenas espera ser esfolado (197).*

<sup>28</sup> *O trabalho dos operários empregados nas fábricas é atualmente o triplo do que era antes da introdução do novo tipo de trabalho. A maquinaria, sem dúvida, cumpriu uma necessidade substituindo nervos e músculos de milhões de homens, mas por outro lado fez crescer prodigiosamente o trabalho dos homens que dominam seu movimento incessante (Julian, 108/109).*

De longe o dono zela por quem faz:  
 pela força do homem que trabalha,  
 não pela vida do trabalhador.  
 Aqui não há lugar para o repouso  
 ainda que o produto do trabalho  
 seja uma rede de pano, de dormir  
 e que comprada serve ao sono e ao amor.<sup>29</sup>

## Nove

Durante a flor da vida inteira  
 fazendo a mesma coisa e refazendo  
 uma operação simples de memória  
 o operário condena o próprio corpo  
 a ser tão automático e eficaz  
 que domine o gesto que o destrói.

A reprodução continua, diária, igual  
 de um mesmo ato repetido e limitado  
 todos os dias, sobre os mesmos passos,  
 ensina ao artesão regras de maestria  
 do trabalho que afinal então domina  
 através de saber sua ciência  
 com a sabedoria de um corpo massacrado.<sup>30</sup>

## Dez

---

<sup>29</sup> *O capital não tem por isso a menor consideração com a saúde e com a vida do trabalhador, a não ser quando a sociedade o compele a respeitá-las. À queixa sobre a degradação física e mental, morte prematura, suplício do trabalho levado até à completa exaustão responde: Por que nos atormentarmos com esses sofrimentos, se aumentam nosso lucro? (306).*

<sup>30</sup> *Entremos agora em detalhes. É de início evidente que um operário, durante toda a sua vida executando uma única e mesma operação simples, transforme todo o seu corpo num órgão automático e unilateral para essa operação que ele completa em menos tempo que o operário que faz alternadamente toda uma série de operações” (Julian, 66). “Os conhecimentos, a inteligência e a vontade que o camponês ou o operário independentes desenvolvem, ainda que em frágil medida, não são agora mil. exigidos senão para o trabalho conjunto na oficina. Os operários parcelado. perdem as potências intelectuais da produção, potências que agora se opõem a ele como capital. (Julian, 77).*

Menina, menina  
 amarrada ao fio do fuso  
 da ponta da rede de algodão.  
 Que sonhos, menina  
 há escondidos  
 entre as pontas do fio  
 e o coração?

### **Onze**

Quem fia e enfia?  
 Quem carda e corta?  
 Quem tece e trança?  
 Quem toca e torce?  
 A moça o menino.  
 A velha o homem.  
 Eles são, artistas,  
 parte do trabalho coletivo  
 que faz a trama da rede  
 e a rede pronta:  
 o objeto bonito do descanso  
 que inventa a necessidade  
 da servidão do trabalho  
 do corpo produtivo.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Quando as senhoras trabalham como os próprios filhos em casa, o que modernamente significa num quarto alugado, freqüentemente num sótão, a situação é a da pior, se isso é possível. Essa espécie de trabalho é encontrada num raio de 80 milhas em volta de Nottingham. Quando o garoto empregado nos estabelecimentos comerciais deixa-o às 9 ou 10 da noite, dão-lhe muitas vezes um embrulho com rendas para fazer o seu acabamento em casa. O fariseu capitalista, representado por um dos seus lacaios assalariados, faz-lhe a entrega com a frase untuosa: 'Isto é para a mamãe', mas sabe muito bem que o pobre homem que o pobre menino vai ter de ficar sentado ajudando" (536). Da mesma maneira em Fortaleza, onde o filme foi feito. Crianças trabalham nas fabriquetas de redes o dia todo. Mas as tarefas de acabamento, as que dispensam máquinas ou utilizam artefatos caseiros, são feitas em casa, por meninos, meninas, moças e velhas. Uma das que aparecem no filme tem pouco mais de 70 anos. Há mais de 50 ela faz as 'varandas' das redes". Trabalha noite e dia, possivelmente mais de 16 horas por jornada. Já não pode mais deixar o trabalho de que é serva, O que saberia fazer com a liberdade que nunca teve?

## Doze

A dança ritmada desse corpo  
de bailarino-operário de um ofício  
de que o produto feito não é seu,  
cria o servo de quem lhe paga aos sábados  
para o que sobra da vida de trabalho  
do corpo de quem fez e não viveu.

O trabalho-pago, alheio e sempre o mesmo  
obrigando o operário bailarino  
à rotina de fazer sem possuir  
torna-o, artista, servo do artil  
de entretecer pano e redes sem criar  
e recriar-se servo sem saber.<sup>32</sup>

## Treze

Não há música de dança na oficina  
e o bailado das mãos da operária  
obedece ao comando da orquestra  
de um maestro que existe no tear.  
As pessoas trabalham sem repouso

---

<sup>32</sup> *A utilização da força de trabalho é o trabalho. O comprador da força de trabalho consome fazendo o vendedor trabalhar. Com uma olhada sagaz de conhecedor, o fabricante escolheu os meios apropriados para certos serviços especiais: a fiação, a sapataria etc. Ele se apressa, pois, em fazer consumir a mercadoria comprada, a força de trabalho, fazendo que os próprios meios de produção sejam consumidos pelo detentor da força de trabalho, pelo operário com o seu trabalho (Julian, 34).*

Também em Rimbaud, da seguinte maneira:

*Mas agora, este labor cumprido, tu, teus cálculos, tu, tuas impaciências, não são mais senão vossa dança e voz, não fixadas e de modo algum forçadas, embora em um duplo acontecimento de invenção e de êxito uma razão, na humanidade fraternal e discreta pelo universo sem imagens; — a força e o direito refletem a dança e a voz somente agora apreciadas (Soneto Iluminações, 126).*

e o corpo que se move move a roda  
que move o corpo que de novo move o fuso  
que semelha o que parece dança ao longe  
mas que de perto é só o esforço atento  
do bailado do homem preso ao passo  
do corpo produtivo a trabalhar.<sup>33</sup>

### **Catorze**

Não conhece descanso o corpo na oficina.  
Ele é parte das máquinas que move  
e que movidas não sabem mais parar.  
Os pés descalços prolongam pedais  
os braços são como alavancas  
e as mãos estendem pontas de um fio  
que existe no fuso e no tear.

O trabalho do corpo é o objeto  
que o homem vende ao dono todo o dia.  
O corpo-livre pertence ao maquinário  
que ao homem converte no operário  
de que retira o preço do sustento:  
a comida a cama a casa o agasalho,  
o que mantém vivo o corpo e o seu trabalho.

---

<sup>33</sup> “O mecanismo específico do período manufatureiro é o próprio operário coletivo composto de muitos operários parcelados. As diferentes operações que o produtor de uma mercadoria executa alternadamente e que se fundem no conjunto do processo de trabalho o solicitam de diversos modos. Ele precisa usar, ora mais força, ora mais habilidade, ora mais atenção; porém o mesmo indivíduo não pode possuir todas essas habilidades no mesmo grau. Uma vez tornadas independentes, separadas e isoladas as diferentes operações, os operários são também divididos, classificados e agrupados segundo as suas diversas aptidões” (72/73).

## Quinze

era uma vez uma moça  
tecedeira de arte fina  
que vivia não sei como  
que morava não sei onde  
que amava não sei quem.  
era uma moça triste  
de uma tristeza sem nome  
de uma saudade menina  
que não tinha coisa alguma  
que se chamava Ninguém.<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> Aqui é preciso fazer um intervalo em Marx e recorrer por momentos a outras pessoas que refletiram sobre a questão da possibilidade da inexistência do que se supõe existente e a existência do que se supõe inexistente. Começemos com Metrodoro de Kio, que afirma o seguinte no seu fragmento 1: “Nenhum de nós sabe nada de nada; nem sequer sabemos isso mesmo de se sabemos ou não sabemos; nem se sabemos que sabemos ou que não sabemos; nem se, no fim das contas, há alguma coisa ou não há”. Portanto: “Todas as coisas são o que alguém pense delas” (*Refranes Presocráticos*, 133). No livro 1 do *Memorial de Isla Negra*, Pablo Neruda completa a idéia da seguinte maneira, no poema *O Longo dia de Quinta-Feira*:

Bem vestido, com pérola na gravata,  
e já estranhamente rasurado  
quis sair, mas no havia rua,  
não havia ninguém na rua que não havia,  
e portanto ninguém me esperava.  
E a quinta-feira duraria todo o ano.  
(*Memorial de Ilha Negra*, 230)

No que concorda em absoluto com as observações de Vinicius de Moraes, com que, inclusive, andou pelo Brasil.

Era uma casa  
Muito engraçada  
Não tinha teto  
Não tinha nada  
etc...  
(*A Casa*, *Poemas Infantis, Poesia Completa e Prosa*, 375)

Um dos pesquisadores do assunto a quem a questão mais preocupou foi Jogo Guimarães Rosa, que lhe dedica quase todo o *Prefácio — Aletria e Hermenêutica — do Tutaméia — terceiras estórias*. Entre os inúmeros e riquíssimos exemplos populares e eruditos com que trabalha, quero reunir alguns aqui:

Comprei uns óculos novos,  
óculos dos mais excelentes:

## Dezesseis

É penoso o trabalho de quem tece  
 amarrado às teias de uma empresa  
 que encobre o afeto do ato primitivo  
 de recriar como rede um fio de pano.  
 No gesto do artesão há um pensamento:  
 um desenho insistido de beleza,  
 uma memória ancestral dos seus antigos  
 onde repousam cores, sonhos, bichos,  
 margaridas do campo, rios e montes  
 da lembrança querida que ainda existe  
 no tecido da trama dessas vidas.  
 No espanto vivo de quem vive a meias  
 sem olvidar o amor que há no viver.  
 Uma afeição contida nessa gente  
 que a oficina trabalha por prender.<sup>35</sup>

## Dezessete

---

não têm aros, não têm asas  
 não têm graus e não têm lentes

Ou então, esta magnífica tradução que ele atribui a Vinícius de Moraes, outra vez:

Sobre uma escada um dia eu vi  
 Um homem que não estava ali;  
 Hoje não estava à mesma hora.  
 Tomara que ele vá embora.  
 (*Tutaméia*, 7 e 11).

Por isso mesmo e voltando por um momento mais aos Pré-Socráticos, de acordo com o depoimento de Aristóteles, o discípulo de Heráclito, “Crátilo concluiu por acreditar que nem sequer se deve falar; e limitava-se a fazer sinais com o dedo, e criticava Heráclito por haver dito que não é possível submergir-se duas vezes em um mesmo rio, segundo o seu parecer não é possível nem sequer uma vez” (*O Pensamento Antigo*, 47).

<sup>35</sup> “A ignorância é mãe da indústria e da superstição. O raciocínio e a imaginação estão sujeitos a erros; mas é independente de ambos um modo habitual do mover a mão ou o pé. Por isso, as manufaturas prosperam mais onde mais se dispensa o espírito e onde a manufatura pode... ser considerada uma máquina cujas partes são seres humanos” (414, Marx cita a A. Ferguson).

As rodas do maquinário da oficina  
silenciaram sua alma de menino.  
Mas a rede de pano que fabrica  
domina o pensar desse artesão  
e ele sonha com ela a noite inteira.

Fazer a rede enreda o corpo todo o dia  
de quase todo o tempo de viver  
na trama do trabalho da oficina  
que tece a vida do homem na rotina  
de fazer o fio o pano a rede  
que à noite abrigam o meio corpo  
do artesão cansado do trabalho  
de entretecer a vida nesse enredo.

A mesma vida a fio que enfim acaba  
e entre panos um dia entra em pane  
e na passagem carrega, noite adentro,  
o resto do trabalho do homem morto.<sup>36</sup>

### **Dezoito**

Longe a lua brilha o céu de Fortaleza  
e ilumina o tecido dos telhados.  
Dentro da casa a moça tece e fia  
a varanda da rede branca, branca  
como o luar da lua e sua beleza.  
Como o vazio do ofício e sua tristeza.

### **Dezenove**

Com as mãos de artista sobre o pano  
da rede que é tecida na oficina  
o menino ouvia dentro, ouvia a vida.  
Uma vida imensa, presa nos fundos

---

<sup>36</sup> “A máquina, sem dúvida, ao criar para esses tecelões ‘sofrimentos passageiros’, tirava-os desta vida passageira” (494).

dos recantos que dentro dele havia.

Uma terra de sons finos, festas e barulhos.  
a fina teia do assobio dos companheiros  
das memórias do menino aceso um dia  
e que a oficina esforça que ele esqueça,  
pra que sobre do menino e sua lembrança  
só o corpo que faz. E sua perícia.

### **Vinte**

As veias que a velha tem no rosto  
são veios da teia do trabalho  
de uma vida inteira.  
Uma história tecida e remendada  
nos panos do chão da oficina.  
De tanto esticar o fio de pano  
ela fez sulcos no corpo  
e fez as rugas que no rosto  
falam do triste fio de sua sina.

Ela tece em silêncio  
e no entanto  
que canções essa velha  
saberia cantar  
nesse canto onde cantam  
só a roca e o tear?

***Memorial do Errante***  
***anotações sobre viajar***

*O primeiro acontecimento foi, no atalho já  
pleno de fulgores frescos e pálidos, uma  
flor que me disse o seu nome.*

*Jean-Arthur Rimbaud, Aurora.*

*Para Rubem César, viajero infatigável.*

20 de setembro de 1981  
**do alto sobre o cerrado**  
*Entre Minas e Goiás*

Há um duplo tapete de artesão  
estendido ao vagar dos olhos  
de quem viaja ao pôr-do-sol  
sobre o Cerrado em setembro.

O avião voa acima do cinza  
do bordado de linha feito a mão  
que o horizonte costura  
e a tarde pinta.

Uma colcha de ruas e avenidas  
que o mago das seis horas traça  
a lápis, retoca e depois tinge  
com o pincel rebelde do arco-íris.  
Do branco de noivado ao verde-sonho,  
do verde ao roxo escuro da quaresma,  
esse pintor da tarde tece a tela  
que do avião se avista da janela.

No chão da terra o olhar atento  
vê o tapete dos barro dos Gerais  
que as chuvas de dezembro repintaram  
na paisagem que junho deixou ocre.  
Entre montes pequenos e outros montes<sup>37</sup>  
há por toda a parte ali sinais dos homens:  
campos de pastos e campos de plantio  
que a altura do vôo torna planos.

Ali é um jeito humano quem cobre  
a tela dos alqueires do Planalto:  
o Havana escuro da fina geometria  
da escrita do arado sobre a terra,

---

<sup>37</sup> “Atrás de morro tem morro”, provérbio mineiro, segundo o testemunho de Ana Maria Machado.

sob o molhar da chuva, do sereno  
 que em tudo desvenda um tom mais denso:  
 o verde tenro do milho de novembro  
 e o verde escuro do milho quando adulto,  
 o amarelo-palha do seco fim da safra  
 antes que ao campo dissolva o alaranjado  
 do fogo das coivaras e seus ventos.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Sobre a questão das cores do mundo:

1º) Como quando pintores quadros votivos pintam coloridos  
 homens em arte bem entendidos por seu talento,  
 os quais tomam em mãos pigmentos multicores,  
 em harmonia tendo misturado uns mais e outros menos,  
 deles formas a todas (as coisas) semelhantes produzem,  
 árvores estatuindo e também homens e mulheres,  
 e feras e pássaros e peixes que se criam n'água... (Empédocles de Agrigento, frag.  
 23; *Os Pré-Socráticos*, 231)

2º) ...

Que reconheço na distância  
 de vidros lúcidos ainda:  
 eis o incêndio de ocre  
 que à tarde queima Olinda;

eis todos os verdes do verde,  
 submarinos, sobremarinos:  
 dos dois lados da praia  
 estendem-se indistintos;

...

Para língua mais diplomática  
 a paisagem foi traduzida:  
 onde as casas são brancas  
 e o branco, fresca tinta;

...

o amarelo da cana verde,  
 o vermelho do ocre amarelo,  
 verde do mar azul,  
 roxo do chão vermelho.

Até que num círculo mais alto  
 essas mesmas cores reduz:  
 à sua chama interna,  
 comum, à sua luz,

que nas cores de Pernambuco  
 é uma chama lavada e alegre,  
 tão viva que de longe  
 sua ponta não perde,

A tudo a seu tempo o viajante assiste  
de um voo à tarde sobre o reino do homem  
e sua mania ancestral, estranha, acesa,  
de plantar e pintar tudo o que existe.

5 de agosto de 1980

**de um trem mineiro**

*Entre Campinas e Uberlândia, depois do Rio Grande*

Só um trem caminhando noite adentro  
e entrecortando a manhã das estações  
divide a noite e o mundo  
em pedaços, meio a meio  
entre os trilhos da tropa dos vagões.

Só em rumos de trem vereda afora,  
viajantes do mar até o sertão,  
há vidraças abertas e há vigias  
dos mistérios do vento às virtudes  
de viajar entre o rio e o coração.

A moldura do trem aberta invade

---

até que enfim todas as cores  
das coisas que são Pernambuco  
fundem-se todas nessa  
luz de diamante puro.

(João Cabral de Melo, *De um avião*, Poemas Escolhidos, 186/187)

as pautas do ponteio dos Gerais,<sup>39</sup>  
 as aves piam, o trem escuta, o sol se esconde  
 há uma curva depois de cada curva  
 e outra curva depois de cada ponte.  
 A noite é o que o trem inventa dela  
 e xilografa no quadro da janela.

Há um pouco de trem em cada coisa  
 que o viajero avista na vidraça.  
 As imagens de há pouco são o que resta  
 do que o trem risca e rabisca *sob* e *sobre*  
 os alqueires do céu de cada terra  
 por onde passam o trem e a sua festa.<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> A respeito da palavra Gerais, difícil termo da geografia de caminhos e corações, considere o leitor as seguintes explicações de João Guimarães Rosa:

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora e dentro, uns dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado de autoridade. O Urucuia vem dos montões oeste. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens lá há. *O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho.* Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães é questão de opiniões ... O sertão está por toda a parte. (*Grande Sertão, Veredas*, 9) (grifos meus)

<sup>40</sup> Outros escritos fiz sobre trens, o mais poeta dos objetos viajeros. Um deles, também sobre trem mineiro, diz o seguinte:

“Pois o trem que vai por Minas  
 não professa o menor projeto de chegar.  
 Ele pensa duas vezes, vai por terras  
 que — ele mesmo não sabe — dão no mar.  
 O trem de Minas se repensa e repentista  
 reescreve o seu jeito de pensar.  
 De fazer-se trilhos e ir-se em serras,  
 caminhos do cerrado, de viajar.  
 Ele nunca pratica, trem mineiro  
 o custoso exercício de apontar  
 em sua curva na hora presumida  
 em que se espera o trem e o seu vagar,  
 ou fazer de um ponto a outro porto  
 o cumprir de sua sina de alcançar  
 a estação final — o lugar-volta.  
 Ele prolonga, vagaroso trem de Minas,  
 a serena aventura de vagar

26 de maio de 1976

**um trem de Recreio a Carangola**<sup>41</sup>

*Belo Horizonte*

**a ida**

Como ir de Recreio a Carangola  
se o trem que passou não passa agora  
e não retorna jamais o seu retardo,  
o costumeiro atraso tão mineiro  
de um tardo viajar entre povoados  
que se apegam ao trem como ao acaso?

**a volta**

E como voltar de Carangola pra Recreio  
se entre os trilhos a grama cresce em meio  
a caminhos de um tempo acostumado  
ao repassar desse trem e sua viagem

---

entre serras de verde e pastos pensos  
sobre vilas de meio de caminho.  
As cidades do trem, de tão pequenas  
que só recursos do trem sabem levar”.

(*Os Objetos do Dia*, 126)

<sup>41</sup> Por ocasião do poema a Leopoldina havia avisado pelos jornais que a partir de uma determinada data iria suspender as viagens de trens que faziam o caminho entre Recreio e Carangola.

entre gentes-viventes dos roteiros  
 que o trem fia, remenda, tece e cose  
 por cidades de espera, agora mortas?<sup>42</sup>

13 de julho de 1979  
**os barulhos do escuro**  
*ilha de Itaparica — Bahia*

o silêncio da noite  
 faz ouvir  
 o som de cem ruídos  
 congregados:  
 o grilo do canto  
 de seus sapos  
 o coaxar do silvo  
 de seus grilos  
 e o pio em sol menor  
 da selva-orquestra  
 dos mais de mil insetos  
 do arvoredo.  
 Mas numa escala abaixo  
 mais profunda  
 a noite toca o ruído  
 rouco do segredo  
 do homem no seu sono:

---

<sup>42</sup> Conforme Milton Nascimento e Fernando Brant:

Ponta de Areia ponto final  
 da Bahia-Minas estrada natural  
 Que ligava Minas ao porto, ao mar  
 Caminho de ferro mandaram arrancar  
 velho maquinista com o seu boné  
 lembra o povo alegre que vinha cortejar  
 Maria-fumaça não canta mais  
 para moças, flores, janelas e quintais  
 na praça vazia um grito um ai  
 casas esquecidas viúvas nos quintais  
*Minas*

Ver ainda Heráclito de Éfeso: “É preciso lembrar-se também do que esquece por onde passa o caminho” (Frag. 71, *Os Pré-Socráticos*, 92).

na sem-volta da hora  
 que há no fundo  
 do sem-lume do poço  
 do seu sonho.<sup>43</sup>

21 de setembro de 1981

**do alto sobre**

*Entre Goiás e Minas*

Viajo sobre a pele de uma lavoura  
 de algodão aberto em flores brancas,  
 semeadura que todos os anos desde os começos do homem  
 o alfaiate que tece os roteiros do mundo  
 alinhava de novo nas varandas do céu.  
 Lá em baixo o papel das nuvens é tão igual  
 que parece haver sido impresso a mão.  
 O lado onde o sol descansa desenhou um risco  
 interminável do laranja-da-pele ao amarelo-do-verão  
 e eu nunca vira antes uma linha tão fina  
 na roupa de domingo do horizonte.  
 Por cima do liso das nuvens o crepúsculo  
 não é tão desmesurado como os de agosto em Goiás  
 e depois dos dias e noites quentes de lá  
 não é tão aceso nem tão humano.  
 Mas, como raro, é um fino fio de luz  
 que de uma ponta à outra do firmamento  
 borda no pano o tecelão do céu:

---

<sup>43</sup> Empédocles de Agrigento: “Abrigar em recolhido peito” .. (Frag. 5; Os *Pré-Socráticos*, 228)

um fio de linho que aos poucos  
 passa do branco ao branco escuro  
 e do escuro que há no branco ao negro,  
 que é a mais pura cor da noite.

## **Os Sobreviventes**

*Dirigimos por escrito ou pessoalmente os nossos  
 sofrimentos para que saibam de nossa situação.*

**Terêncio Luís Silva — Tuxaua Makuxi**

*carta aberta das nações indígenas de Roraima.*

*Para Beto e Fanny, almas índias.*

### **ânima indígena**

Suave alma indígena  
 amiga amada das densas  
 terras das florestas.

Ancestral leve ave  
 de uma aragem afeita  
 a deuses e pastagens  
 dos vales da lembrança.

Suave alma altiva  
 sinal de breve rastro  
 primitivo, marca deixada  
 impressa na passagem

de um povo pela história  
 — alma suave —  
 e pela vida do homem  
 e sua viagem.<sup>44</sup>

### **Guaicuru**

O tropel dos potros que montamos  
 em tropelias da tribo pelos tardos  
 tempos do vagar errante entre pastos,  
 trotar de guerreiros, tropa armada,  
 ecoa hoje em que monte? De que era?

### **Guarani**

Deus é quem  
 não chega nunca  
 e a Terra-Sem-Males  
 é a que existe

---

<sup>44</sup> Alma, almas, espírito, âni­ma, questão difícil. Assim, em T.S. Elliot:

Sai da mão de Deus a alma ingênua”  
 Em direção a um monótono planeta  
 de cambiantes luzes e rumores, rumo  
 à luz e à treva, ao seco e ao úmido,  
 Ao quente e ao frio;...  
 Incapaz de prosseguir ou retornar, temente  
 Da realidade ardente, do bem oferto,  
 Negando o sangue como inoportuno, sombra  
 Da própria sombra, espectro da própria treva,  
 Deixando papéis em desordem no quarto empoeirado,  
 Principiando a vida no silêncio após o viático.  
 (Animula, em *Poesia*, 137).

Ou então, o que é dito aqui para a alma de um só, um espírito de um que parte, vai, pensado em meu caso para a de um povo, uma nação que um dia soube inventar mitos, línguas e cantos.

Pequena alma, alma terna e inconstante, companheira do meu corpo, de que foste hóspede, vais descer àqueles lugares pálidos, duros e nus, onde deverás renunciar aos jogos de outrora. Por um momento ainda contemplemos juntos os lugares familiares, os objetos que certamente nunca mais veremos ... esforcemo-nos por entrar na morte com os olhos abertos...  
 (em *Memória de Adriano*, de Marguerite Yourcenar, 287).

sempre além.  
 Vida é o que há  
 do que restou  
 do coração.  
 E se cansam  
 os passos da tribo  
 de buscá-la,  
 os sonhos não.

Toda a noite  
 eles são o mito  
 que a memória dormida  
 reconstrói.<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> Eis, trágica no silêncio matinal de uma floresta, a prece meditativa de um índio: a clareza de seu apelo não se altera pelo fato de subterraneamente aí perceberem o senso e o gosto da morte, para a qual a extrema sabedoria dos guarani é de saber encaminhar-se:

Meu pai Ñamandu! Tu fazes com que novamente eu me levante!  
 Da mesma forma, fazes com que novamente se levantem os Jeguakava,  
 os adornados em sua totalidade.  
 E as Jechukava, as adornadas, tu fazes com que novamente  
 elas também se levantem em sua totalidade.  
 E aqui está: a propósito dos adornados, a propósito dos que não  
 são teus adornados, a propósito deles todos, eu questiono.

E entretanto, quanto a tudo isso,  
 as palavras, tu não as pronuncias, Karai Ru Ete:  
 nem para mim, nem para teus filhos destinados à terra indestrutível  
 à terra eterna que nenhuma pequenez altera.  
 Tu não as pronuncias, as palavras em que se encontram as normas  
 futuras de nossa força, as normas futuras de nosso fervor.

Pois, em verdade,  
 eu existo de maneira imperfeita.  
 Ele é de natureza imperfeita, o meu sangue.  
 ela é de natureza imperfeita, a minha carne,  
 ela é assustadora, desprovida de toda qualidade.  
 As coisas estando assim dispostas,  
 a fim de que meu sangue de natureza imperfeita,  
 a fim de que minha carne de natureza imperfeita,  
 se mexem e rejeitem longe deles sua imperfeição:  
 joelhos dobrados, eu me inclino,<sup>1</sup> na esperança de ter um coração valoroso.  
 E, entretanto, aqui está, tu não pronuncias as palavras.

## Waimiri-Atroari

Do que falar a língua  
da alma do índio?  
Acaso o que existe vivo  
nos ritos da memória  
existe ainda na vida?

---

Por causa de tudo isso,  
não é certamente em vão que, no que me concerne,  
necessito de tuas palavras:  
as das normas futuras da força.  
as das normas futuras de um coração valioso,  
as das normas futuras do fervor.

...

Em conseqüência, eis que sou levado a dizer,  
Karai Ru Ete, Karai Chy Ete:

os que não eram pouco numerosos,  
os destinados à terra indestrutível,  
à terra eterna que nenhuma pequenez altera,  
todos esses, tu fizeste com que em verdade  
eles questionassem outrora,  
a propósito das normas futuras de sua própria existência.  
E certamente eles as conheceram em sua perfeição, outrora.  
E se, quanto a mim, minha natureza  
se liberta de sua costumeira imperfeição,  
se o sangue se liberta de sua costumeira imperfeição de antanho:  
então, certamente, isso não provém de todas as coisas más, mas de  
que meu sangue de natureza imperfeita,  
minha carne de natureza imperfeita,  
se mexam e expulsem para longe deles sua imperfeição.  
É por isso que tu pronunciarás em abundância as palavras,  
as palavras da alma excelente,

para aqueles cuja face não apresenta nenhum sinal.<sup>2</sup>

Tu as pronunciarás em abundância, as palavras,  
Ohl Tu, Karai Ru Ete, e tu, Karai Chy Ete,  
pare todos os destinados à terra indestrutível, à terra eterna,  
que nenhuma pequenez altera,  
Tu, Vós!<sup>3, 4</sup>

1. Descrição do movimento da dança ritual.

2. isto , para aquele que recusa o batismo cristão.

3. Esse texto foi recolhido em junho de 1966 no Leste do Paraguai. Foi gravado em língua indígena e traduzido com a ajuda de Léon Cadogan. A ele os nossos agradecimentos (de Pierre Clastres)  
(Pierre Clastres, *Profetas na Selva, A Sociedade Contra o Estado*, 115 a 117).

### **Avá-Canoeiro**

A noite cal duas vezes  
 sobra um mesmo dia?  
 O rio banha duas vezes  
 com a numa água  
 a mesma terra?  
 A canoa que nele viaja  
 Acaso passa na ida  
 Por onde passou na volta?  
 Que deus dá a um mesmo povo  
 o poder de uma vez e outra  
 viver a mesma vida primitiva?

### **Carajá**

Os tiros dos turistas  
 espantaram os deuses  
 que dormiam no rio.

### **Xavante**

Nossos bravos eles  
 mataram muitas vezes.  
 Mas somos um povo  
 de uma história invencível.

### **Nambiquara**

Povo da terra.  
 Povo sobre terra deitado  
 cor do chão. Aquele  
 que à noite espalha  
 a cinza da fogueira

e nela deita o corpo  
 e o coração.<sup>46</sup>  
 Como colher da terra  
 a força de uma luta  
 desmedida  
 contra o que vem do sul  
 e invade a terra e a vida?  
 Como atirar contra  
 a artimanha do invasor  
 a força viva da terra  
 e a do amor?

### **Tapirapé**

Na beira do lago de seu nome  
 os meninos banham e mergulham.  
 Na roça que a coivara faz na mata  
 brota o arroz, cresce e amadurece.  
 Faz muitos anos não é mais preciso  
 matar a criança que nasce depois de três.  
 Mas o olho nu da tribo já avista  
 encostado nos limites da aldeia  
 o fio armado do arame das fazendas.  
 A desolada morte que elas plantam  
 nos pastos e rios de Mato Grosso  
 espreita de perto a terra do índio.

### **Kaiapó**

Cinco dedos da mão  
 contam quem somos.  
 Uma cesta pequena  
 carrega o que temos.  
 O vagar de um menino  
 limita onde estamos.

---

<sup>46</sup> “Advinha-se entre eles todos uma gentileza imensa, uma tranqüilidade profunda, uma ingênua e encantadora satisfação animal e, sintetizando esses diversos sentimentos, alguma coisa como a expressão a mais emocionante e a mais verídica da ternura humana” (Claude Lévi-Strauss, *Tristes Tropiques*, 336, falando sobre os Nambiquara).

A memória de um só  
 conta a história  
 que fomos.<sup>47</sup>

### **Ianomâmi**

No largo da aldeia  
 cercada de varas  
 os meninos brincam  
 o brinquedo de aprender  
 o grito do guerreiro  
 que sonham dar um dia,  
 que um dia irão dar.  
 O grito do ferido a flechas  
 E a glória de lutar.

Povo feroz. Povo feroz  
 afia as armas, reúne os homens  
 antes que a morte invisível  
 do branco venha mansa  
 no meio da noite e a tudo  
 envolva de um longo silêncio.  
 Envolve na derrota sem luta  
 a morte dos homens da tribo  
 sem o tempo sequer  
 do grito do guerreiro.<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> Os Kaingang de São Paulo, por exemplo, foram reduzidos de 1.200 pessoas, na época da pacificação, em 1912, para apenas 87 indivíduos esfarrapados e famintos em 1957. Os Xoklêng de Santa Catarina caíram de mais de 800 pessoas para menos de 190. Os Nhambiquara de Mato Grosso passaram de um número estimado em 10.000 para menos de 1.000. Os outrora orgulhosos e prósperos kayapós, vivendo na região de Conceição do Araguaia, no Sul do Para, caíram de 2.500, na época do primeiro contato em 1902, para menos de 10 em 1957. (Shelton Davis, *Vítimas do Milagre*).

<sup>48</sup> Coincidindo com a chegada de uns e outros, caiu sobre os Yanomami e hecatombe das dores indizíveis, das mortes inenarráveis. Eram agentes de civilização que se antecipavam a ela, representados pelas pastes brancas, desconhecidas até então. Um arrombam os peitos de tosse e catarro. Outras, cegam os olhos de dodói e gonorreia. Ainda outras, apustemam a pele de sarampo e varíola. Outras ainda, apodrecem e caruncham os dentes de cáries. Com elas vieram, também, as que estiolam, esterilizam e fenecem os sexos dos homens e das mulheres. Para onde foi? — eles se perguntam apavorados — o poder dos espíritos da floresta virgem, que por todos os tempos

**Kaingang**

Entre as terras  
d onde sou  
e que não tenho  
quisera derramar  
o coração que fui  
sobre a memória  
das mortes de onde venho.

---

protegeram seu povo pra ferido, os Yanomami? Que sucedeu com a potência incontestável dos antigos pagés, capazes desde sempre de prever e evitar desgraças e de curar todas as doenças? Nada podem já os espíritos, desmoralizados, talvez até mortos, como os homens. Nada podem também os pajés. Nem os novos homens oferecem nenhum remédio eficaz contra a dor e a morte que chegaram com eles. (Depoimento de Darcy Ribeiro para o álbum *Yanomami*, de Cláudia Andujar).

## ***Festas da Roça*** ***calendário incompleto***

*A vida sem festas  
é um longo caminho sem hospedaria.  
Demócrito do Abdera<sup>49</sup>*

*Ao “povo dos Bentos” e outros povos,  
“nações” de foliões e violeiros dos  
recantos sonoros de Goiás*

### ***Natal***

os cegos o as putas  
estavam atentos aos sinais.  
foram eles que viram a estrela  
e elas avisaram aos pastores  
com quem antes pelos campos  
havam feito o amor  
que Jesus havia vindo.

---

<sup>49</sup> Fragmento 231, página 347 de *Os Pré-Socráticos*.

Também: Hubert e Mauss, na *Introdução à Análise de Alguns Fenômenos religiosos* (1908), indicam que os tempos fortes da coletividade são as festas, o espaço que ocupa a sociedade está consagrado e as maneiras de ser religiosas estão em correspondência com condutas eminentemente coletivas (Victor Karadi, *As funções sociais do sagrado*, apresentação a *O Sagrado e o Profano*, 35). Ainda: Fora do ritual nada mais existe (Marcel Mauss, *La Oraclón, Fenômeno Social*, em *Lo Sagrado y lo Profano*, 115).

## ***Santos Reis***

Foliões viajeros treze dias na estrada  
 de casa em casa tocam e cantam a notícia  
 de um menino, um rei, no sei,  
 que nasceu longe há muito tempo.  
 Levam violas e palhaços e viajam a nova  
 da festa que fazem a seis de janeiro.  
 O morador de cada rancho recebe a Folia,  
 pega a bandeira e pela casa inteira  
 desfila as bênçãos que se crê que ela traz.  
 Alguns choram pelos cantos, outros cantam,  
 outros palmeiam no tabuleiro da sala uma catira.<sup>50</sup>  
 Todos comem juntos da mesma comida igual  
 e se abençoam com antigos gestos e poesia.  
 E entre si trocam bens e bênçãos  
 solidários roceiros, solenes devotos de reis  
 que entre si repartem a mesma crença  
 pela qual os bichos e outros seres têm nomes  
 e os acontecimentos do mundo têm sentido.<sup>51</sup>

## ***Festa de Santa Cruz***

Ao mesmo tempo dançamos três noites

---

<sup>50</sup> É preciso que alegres os homens primeiro cantem aos deuses com mitos piedosos e palavras puras. (Xenófanes de Colofão, fragmento X, 462 C; *Os Pré-Socráticos*, 68).

<sup>51</sup> Esta é a estrutura contratual da Folia. Em nome de pedir e de receber bens materiais ... os foliões são obrigados a retribuir por meio de dádivas sociais (a proclamação do valor moral do gesto do doador) e espirituais (bênçãos e pedidos de proteção divina). Promesseiros e devotos, contra-atores da Folia, *dão* porque estão incorporados ao ritual e dar é um de seus momentos. Mas eles *dão*, também, porque a crença simbólica, que garante com palavras a legitimidade das trocas, proclama a reciprocidade desejada: o doador será abençoado nesta vida e/ou na outra; os seus bens serão proporcionalmente aumentados; os seus familiares e os seus animais serão protegidos. Todos acreditam que o ato de dar obriga Deus a retribuir, em nome dos Três Reis (mediadores sobrenaturais) e através do trabalho religioso dos foliões (mediadores humanos). O dom, a coisa dada, dirige o contra dom, a coisa retribuída, pelo seu poder: o dinheiro atrairá mais dinheiro; o frango, o porco e o gado atrairão proteção necessária sobre os seus iguais restados na casa de quem os deu. (*Sacerdotes de Viola*, 45).

para nosso deus e nossas mulheres.  
Primeiro dançamos em frente de cruces  
com violas, cabaças e pandeiros  
e fazemos medidas a flores e a velas  
que os vizinhos da noite acendem na aldeia.  
Depois com alegrias profanas giramos  
entre nós e com as nossas mulheres,  
rodeamos seus corpos na “roda” da dança  
e cantamos quadras que falam do amor.  
Nos olhamos nos olhos com festas de falas  
e, pobres e velhos, somos ligeiros  
e sagrados tanto quanto deuses.

### ***Carnaval***

Só o repique da enxada  
nas limpas do arroz  
faz ruídos de festa  
nas tardes de março.

### ***Semana Santa***

Um deus morreu, é preciso lembrar.  
 Mas é aos mortos do homem  
 que é preciso salvar.  
 No meio da noite das sextas  
 da Quaresma, encapuzados  
 aos bandos de branco e violas  
 passam pelas casas onde há  
 velas acesas e silêncios nas portas.  
 Ali cantam e pedem que cantem e rezem  
 pela alma dos mortos  
 que vagam pela terra.<sup>52</sup>

### ***Função de São Gonçalo***

Adiante do altar dançamos pelo morto  
 e o seu retrato a cores com tarja negra  
 entre imagens de santos e flores do campo  
 brilha à luz de velas. Brilha.  
 Em suas filas de beatas e devotos  
 sapateamos e batemos palmas uma noite inteira  
 e por seis “voltas” cantamos versos ao santo  
 para que a alma do promesseiro morto tenha paz.<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> ... Em noite solitária, de olhar cego, diria Empédocles de Agrigento. (Frag. 49, *Os Pré-Socráticos*.)

<sup>53</sup> Antônio Telles, mestre folgazão do São Gonçalo em Batatuba, perto de Piracaia e Atibaia, em São Paulo, canta na “primeira volta” da Dança (que alguns chamam *Função* e, outros, *Folga*) para que o morto, em nome de quem se canta, come o dança, tenha finalmente paz. De entremeio a cada quadra se sapateia e palmeia; seja dito:

o dono dessa promessa  
 Senhor Zulmiro Mariano  
 Foi dono dos folgazão  
 E já morreu faz muitos anos,  
 Ele deixou sua promessa  
 Nós aqui temos pagando  
 E nós cantando em frente o altar  
 Ele no céu está escutando  
 ...

## ***Festa do Divino Espírito Santo***

*crenças que alguns contam*

Virá o tempo em que um deus terreno e solidário  
renascido do amor que sobrar entre os pobres  
e recriado na alma do alvoroço dos homens  
inundará o espírito dos seres da terra.

Tudo e todos serão outra vez revestidos  
de um sinal de estrelas marcado na fronte.  
O prenúncio de uma era anunciada por profetas  
em que os fortes serão mortos e os fracos, eternos.<sup>54</sup>

## ***São João***

Botas de couro cru que temos pisam o sereno da manhã  
e nossas mãos feitas do liso calo das armas de lavrar  
empunham viola e objetos de crer.

---

<sup>54</sup> Joaquim de Fiori foi um monge cisterciense e, durante alguns anos, abade em Corezzo, na Calábria. Faleceu em 1200. Escreveu comentários às Escrituras que quase lhe valeram punições eclesiásticas. Foi obrigado a retratar-se deles. Atacou a teologia trinitária de Pedro Lombardi e negou a unidade real das 3 pessoas da Santíssima Trindade, Foi anatematizado no 5º Concílio de Latrão. Três grandes eras regem o mundo. A primeira, começada no Gênesis e concluída com a vinda do Cristo, foi a Era do Pai ou do Antigo Testamento. Também a Era da Lei. A segunda, iniciada com o trabalho redentor de Jesus estaria prestes a concluir-se. Era a Era do Filho, do Novo Testamento ou do Amor. Um profeta viria anunciar o advento de uma era definitiva: a do Espírito Santo, da Concórdia ou do Testamento Eterno, Deus viria habitar o Mundo e entre todos reinaria um tempo abençoado de caridade e concórdia entre homens espirituais capazes de uma nova compreensão dos Evangelhos. Um enviado de Deus substituiria os bispos. Os poderes terrenos, o papado e a igreja deixariam de existir. Comenta-se que a teologia de Joaquim de Fiori deixou muitos adeptos sobretudo entre os franciscanos.

Somos os que, desembarcam nos campos do amargo  
 e carregados de aços todos os dias  
 refazemos a mesma guerra contra os astros  
 e os poderosos da Terra. Mas aqui nessa noite,  
 à meia noite entre santos e devotos sem letras  
 o tapete de brasas ardentes aquece a alma e o terreiro,  
 e nós, homens de fé ali andamos descalços  
 uma vez e muitas, som dor, sem sofrer,  
 sem saber se pisamos em brasas ou flores.

### ***Finados***

Os mortos são tantos que os vivos  
 precisam trabalhar noites sem fim.

### ***O Bendito de Mesa***<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> Ainda há, finalmente, no repertório de uma Folia, um tipo de música — o Bendito de Mesa ou Agradecimento de Mesa - que não deve ser classificado entre as Foliass/Cantorias ou entre os cantos do Terço. O Bendito de Mesa é a hora de mais significado na Folia, é a hora de agradecer, e não se aceita conversas nessa hora (depoimento do violeiro José Onofre Leite, dito Marreco).

Além de ser um dos momentos mais belos e solenes de uma Folia, o Bendito de Mesa é muito interessante por seu caráter coletivo. Ele é sempre antifonal e o número de vozes varia segundo a região, a Folia ou o número de cantores disponíveis. Curiosa, porém, é a associação que o Bendito de Mesa faz dos dois sistemas de cantar Foliass. Ele

Pegar esse canto pelo braço. Erguer  
 essa reza pelo ponto do corpo mais difícil,  
 a parte mais acesa do rezar.  
 Envolver o Bendito na armação pura da voz.  
 .Enovelar o fio das sete notas, seus bemois,  
 com o aço do laço puro da fala e seus anzóis.<sup>56</sup>

Cantá-lo só e desenvolto sem violas  
 a oito lavradores do sertão.  
 A oito vozes diversas de goianos,  
 pássaros de um grave acento antigo.  
 Rezadores de Reis que com a mão  
 desfiam da mesa em volta à volta longe  
 de serras, campos e povoados,  
 o sagrado que se canta na oração.  
 Cantar o canto a plena pura voz,

---

pode ser cantado no sistema goiano com as vozes dobradas, ou em terças simples, como nos Terços Cantados.

Mas o Bendito de Mesa também pode ser cantado — como o é habitualmente — num sistema goiano/mineiro, ou seja, antifonal, sem responsório do Embaixador e com seis vozes. E o Bendito seguinte, cantado pela mesma Folia, significa — mais que um exemplo interessante de modulações — o fechamento de um círculo e o estabelecimento de um sistema coral popular derivado do canto das Folias (Yara Moreyra, *Música nas Folias de Reis Mineiras em Goiás*, 9 e 10).

<sup>56</sup> Cantos sem instrumentos, a pura voz, em João Cabral de Meio Neto:

*Se diz a pelo seco  
 o cante sem guitarra;  
 o cante sem; o cante;  
 o cante sem mais nada;  
 se diz a palo seco  
 a esse canto despido:  
 ao cante que se canta  
 sob o silêncio a pino.*

...

*O cante a palo seco  
 é um cante desarmado;  
 só a lâmina da voz  
 sem a arma do braço;  
 (A Palo Seco, Poemas Escolhidos, 198/199)*

V a toda inteira vontade de cantar.<sup>57</sup>  
 Como se acaso a voz, o canto e a prece  
 tomassem conta de mais de meia vida  
 dessa gente vida afora usada e havida  
 no silêncio dos ofícios do lavrar.

## **Teoria**

*Procura os doutores, se não te basta o vento*  
**Pablo Neruda<sup>58</sup>**

---

<sup>57</sup> O mesmo poeta, no mesmo poema:

*A palo seco é o cante  
 de grito mais extremo:  
 tem de subir mais alto  
 que onde sobe o silêncio;  
 é Cantar contra a queda  
 é um cante para cima,  
 em que se há de subir  
 cortando, e contra a fibra  
 A palo seco é o cante  
 de caminhar mais lento:  
 por ser a contrapelo,  
 por ser a contravento;  
 A Palo Seco, 2011*

<sup>58</sup> Ou então, do mesmo Neruda: Enquanto escrevo minha mão esquerda me reprova". (*Canto Geral*, 361).

2 de maio de 1981  
**tocar com as mãos**  
*Mossoró*

No há nada que com a vida  
não se aprenda.  
A teia do aranha  
que a memória tece  
é feita com o fio dos nervos  
do que o corpo tocou antes.

3 de maio de 1981  
**saber do rio**  
*Mossoró*

Na beira das areias do rio  
o riacho canta e arranha a margem,  
cantarola uma canção de rezas soltas:  
trechos de arranjos e frases avulsas.  
sem um repente sequer do seu cantar  
o rio decora o som de sua sina,  
a conhecida trilha do existir  
na pauta antiga de seu viajar.

canções de paz, ponteio navegante  
no audaz hemisfério do inventado  
coração do homem, esse ansioso  
caminhante de mortes e lugares.

17 de março de 1981

**o claro da noite**

*São Paulo*

Não vale da noite  
o seu veludo. Não vale  
o vago de seu nome: *noite*,  
o sereno silêncio e o negrume  
do novelo da negra teia escura.<sup>59</sup>

Vale a sua luz. O claro  
vestido do véu da lua cheia.  
O espiral das estrelas-vagalumes,  
o trabalho noturno de voá-las  
e o volteio diário de acendê-las.

28 de junho de 1981

**o amarrido da palavra**

*Congonhas do Campo*

Havia pouco a pronunciar  
sobre os silêncios escritos ali.  
Palavras que os magos togados da tribo  
deixam que sejam ditas. Deles será o poder  
de dizer e proibir de ouvir?  
Mágicos que ofertam sacrifícios à noite

---

<sup>59</sup> Natureza ama esconder-se. (Heráclito, o obscuro, fragmento 123, *Os Pré-Socráticos*, 97).

e fazem no quarto trancado livros e livros,  
escritos que inventam quando patrulham a rua  
para que toda a desordem das esquinas  
seja revista e classificada.

Mas os loucos que temos perguntam:  
acaso cabe a vida na palavra?<sup>60</sup>

5 de outubro de 1981  
**memória e artifício**  
*Rio de Janeiro*

Escrevo sobre canários e urubus e busco no olhar sobre os  
voos que há no mundo um momento dos pássaros da infância:  
bicos de lacre, celeirinhos e curios. Sinais de vida que  
habitaram mundos de que fui. Sobre esses escrevo ainda  
quando parece que é sobre o sério do homem e suas alquimias.  
Escondidos nos cantos ocultos dos poderes do homem sobre os

---

<sup>60</sup> Empédocles de Agrigento:  
Agora vem, e como de homens e mulheres de muitos prantos noturnos rebento.  
trouxe é luz separando-se o fogo, destes ouve; pois não é mito sem alvo a sem ciência.  
(Frag. 62, *Os Pré-Socráticos*, 235).

quais escrevo há uma multidão de aves, passarinhos que sabem todos os cantos. Cores de penas que são o colorido da razão. As formas de cultura de que falo não devem ser mais do que o cantar de canários da terra das matas que havia atrás de minha casa na Gávea. Escrever é sempre uma vontade de lembrar. As palavras são vivas quando são a memória da vida e tem então a sua magia. Falo das trocas que entre os homens há através dos passarinhos. Falo da vida.<sup>61</sup>

25 de setembro de 1981

**a prática da pesquisa**

*(num vôo entre Brasília e São Luís)*

Que pedaços do mundo que observo  
habitarão partes da mim que os vejo?  
Qual seiva de urna flor vermelha  
das manhãs de agosto, que florida  
no entremeio dos Gerais de Minas  
terá a mesma tinta de uma vida  
que corre no rio de minhas veias?

---

<sup>61</sup> “No fundo .ao misturas. Misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas, Misturam-se as vidas, e é assim que as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca” (Marcel Mauss, *Ensaio sobre a Dádiva*).

16 de outubro de 1981

**lugar de sair**

*Brasília*<sup>62</sup>

Onde existe a muda  
saída da vida?  
Onde há o lugar sinuoso  
dos silêncios do acaso?  
Onde o homem se veste  
dos fenos do outono?  
Onde assiste encostado  
à janela do ocaso  
o murmúrio da morte,  
o sussurro do sono.<sup>63</sup>

7 de janeiro de 1981

**o mar o mato a vida**

*Itatiaia*

O avesso do mar  
é o mar ainda.  
E o cinza que a tarde

---

<sup>62</sup> Xenófanes de Colofão:

É ao pé do fogo que tais palavras deves dizer, no inverno,  
deitado em cama macia e saciado,  
bebendo doce vinho, lambiscando grão-de-bico:  
Quem és afinal entre os homens? Quanto anos tens, meu caro?  
Que idade tinha, quando o Medo chegou?  
(Paródias, frag. 22, *Os Pré-Socráticos*, 71)

Ainda em Heráclito, o obscuro: Como alguém pode esconder-se diante daquilo que jamais tem acaso? (Frag. 16, *Refranes Pré-Socráticos*, 30), outra versão: “Do que jamais mergulha como alguém escaparia?” (*Os Pré-Socráticos*, 87).

<sup>63</sup> Heráclito de Éfeso, sem dúvida: A rota para cima e para baixo é uma e a mesma. (Frag. 601; ainda: A rota do parafuso do pisão, reta e curva, é uma e a mesma. (Frag. 59); também: Heráclito (dizendo que) o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo e discórdia” (Frag. 8); finalmente: Conjunções o todo e o não todo, o convergente e o divergente, o consoante e o dissonante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas. (Frag. 10) (*Os Pré-Socráticos*, 86 e 91).

pinta quando finda.

Nem azul nem verde  
 nem claro nem limpo  
 esse avesso é o triste  
 do escuro que existe  
 na noite. No azul-roxo  
 que o seu pincel risca  
 quando faz a escrita  
 do amor quase infindo  
 do querer envolvê-lo  
 com um novelo azulíneo  
 por baixo e por cima.

O avesso da vida  
 é a vida ainda.  
 Um lado é o outro  
 e a ida, a vinda.

18 de julho de 1980  
**situações de sob e sobre**  
*Cidade de Goiás*

### ***1ª situação***

O espiral da espera  
 acororado à beira  
 do poço da esperança  
 olha e no fundo dele  
 vê na água a sua face  
 de velho e de criança.<sup>64</sup>

---

<sup>64</sup> Ou, como em João Cabral de Meio Neto, falando do ovo:

Sem possuir um dentro e um fora,  
 tal como as pedras, sem miolo:

**2ª situação**

Na beirada do poço da memória  
 se entrevê embaixo a roca  
 fiadeira do fio da linha d'água  
 que fia, no oco dos guardados  
 do que a vida um dia foi e fez,  
 ela mesma: fiada, acesa, havida.

**3ª situação**

os tardos traços  
 da vivência:  
 a tabuada de comos  
 e porquês  
 a soma que começa  
 de ás a jotas  
 e termina  
 de erres até zes.

algum dia de 1979  
**algumas questões**  
*Joaçaba*

Onde na memória  
 subsiste a fera?  
 onde mora o feroz  
 livramento escuso  
 dos esconsos da vida?  
 que quadrante esconde  
 a história armada  
 não do amor, da luta  
 que nos fez heróis  
 do viver cada dia?

---

e só miolo: o dentro e o fora  
 integralmente no contorno.

Que recanto do estranho  
claro-escuro da mente  
reinventa a profunda  
armadilha do humano?  
onde o acaso esconde  
a lembrança escrita  
de um passado havido  
a golpes de gritos?

Do que valem pontes  
atando sem destino  
uma margem à outra  
de um rio que não existe?  
como dizer a fala  
que de seu nome livre  
o homem e ensine o grito  
que ilumine a noite  
sem dizer coisa alguma  
do que é já sabido?

Perguntar, de que vale,  
se a noite quando chega  
não interroga à cidade  
sobre que tetos deve  
escurecer mais azul?

De que vale saber  
a textura da vida,  
a duração dos dias?  
nem os pássaros sabem  
de manhã, quando cantam,  
porque cantam e porque

a manhã que os encanta  
amanhece com o canto  
sonoro do seu sopro.

Do que vale guardar  
qualquer coisa no bolso,  
se tudo o que vale  
cabe na memória e só  
onde um momento tem  
o tamanho do eterno?

12 de abril de 1978  
**a vontade do simples**  
Campinas

A difícil tarefa  
da memória acesa  
é esquecer de tudo  
que não cabe à mesa  
de um jantar: a toalha  
as flores, o vaso, as pessoas,  
demorados convivas  
da conversa que se assa  
cada noite entre o calor

da sopa e a sobremesa;  
 a própria sopa quente,  
 a sua fumaça, o queijo  
 ralado e o pão francês.  
 Além de outros gestos  
 e objetos de beleza,  
 o feijão-com-arroz, o copo  
 de água, a goiabada cascão,<sup>65</sup>  
 tudo o que nas festas  
 de domingo em casa pobre  
 cria momentos  
 entre o real e a realeza.

### ***Três mitos sobre a alegoria da fala***<sup>66</sup>

#### **primeiro**

#### ***O poeta descobre o amor***

Um viver que transborda do seu corpo  
 que atravessa as fronteiras do pensar  
 seus próprios rios, margens de anteparo  
 do sonho de antever sinais ao largo  
 de mares navegados aos teteios.  
 Um pensar de feiticeiro, pensamento

---

<sup>65</sup> Sobre esta questão consultar Aldir Blanc e João Bosco, *O Rancho da Goiabada* (Disco de Ouro, RCA)

<sup>66</sup> Quem percebe uma dificuldade e se admira, reconhece a sua própria ignorância. Por isso mesmo, de certo ponto de vista, também o amante do mito é filósofo, já que o mito compõe-se de maravilhas. Aristóteles, *Metafísica*, 1, 2, 982b, *El Pensamiento Antiguo*, 15.

que se derrama do pote da matéria  
 de que se faz com o mesmo sopro  
 o corpo e a alma, o nome e a rua.  
 A não miragem nem canção do inexistido  
 mas a vida revivida e resguardada  
 de se perder entre setas de caminhos  
 do perigo das prccuras de seu mapa.<sup>67</sup>  
 O lembramento do fértil haver-se sido  
 em tantos mundos vividos da vontade  
 de fazer, entre o pensado e o sentido:  
 sinais do corpo, tatuagens da memória,  
 o que não esqueça de haver havido um dia:  
 flor do campo, fio de roca e força de moinho.<sup>68</sup>

**segundo**  
**O poema caça**

*pra Carlos Vogt, caçador*

O poema é a vontade  
 da armadilha da palavra.  
 É quem a desvela e é  
 a sua abracadabra.<sup>69</sup>

---

<sup>67</sup>. Assim, em Demócrito de Abdera, entre 470 e 360 a.C.: Um poeta, tudo o que ele escreve com entusiasmo e sopro sagrado é, sem dúvida, belo. (Frag. 18, *Os Pré-Socráticos*, 326).

<sup>68</sup>. Melhor ainda no modo como Filolau de Crotona diz a mesma idéia: Há certos pensamentos mais fortes que nós, (Frag. 16, *Os Pré-Socráticos*, 258).

<sup>69</sup> Para que então o poema pelo menos realize, como um pensar, o que o difícil Heidegger diz que deve, quando escreve a respeito de Anaximandro do Miloto:

Então o pensar deve trabalhar com a palavra o enigma do ser. Ele faz pensar a aurora do que foi pensado na proximidade do que deve ser pensado (*Os Pré-Socráticos*, 53).

Viva e nua a palavra sonha  
 o livre ser sem regra e lema  
 no balbucio selvagem da criança  
 ou no baralho bom da fala solta  
 que na cozinha se usa e na varanda,  
 e escorre como o caldo da moenda.<sup>70</sup>

Por isso a palavra é revolta  
 à poesia e sempre que pode fica  
 a sete metros do cerco do poema.

Por isso a poesia é difícil,  
 o poema se arma de laço e faca e sai à caça  
 no rastro da toca da palavra.

O poeta sobe no arvoredos  
 e a noite inteira passa à espreita  
 do arredio rebanho da linguagem.  
 Do bicho bravo de que se  
 a palavra é o mapa do lugar,  
 o poema é a via e a viagem

---

<sup>70</sup>. Mas às vezes, as palavras que são livres na fala dos dias e são belas no poema, pesam sobre o poema o peso de um trabalho duro.

O que há para falar sobre todas  
 as coisas? O poeta não sabe  
 e carrega sobre os ombros  
 a tristeza das palavras.  
 O poeta nunca soube  
 e apenas carrega nos ombros  
 uma ou outra palavra  
 que ele procura suportar  
 (*Os Objetos do Dia*, 75).

**terceiro**  
***a razão de escrever***

às vezes o poema  
é o ódio da poesia<sup>71</sup>  
assim como a vida  
é a fome da morte  
e a noite arma a

---

<sup>71</sup> Consultar, sem dúvida, João Cabral de Melo Neto: *Antiode — contra a poesia dita profunda* (Poemas Escolhidos, 28 a 33).

Também Pablo Neruda:  
Por isso não me esperem de regresso  
Não sou dos que voltam da luz.

(*O Poeta, O Episódio, Memorial de Ilha Negra*, 217)

armadilha ao dia.  
 Às vezes a luta é  
 a vocação da vida  
 assim como o poema  
 é a escrita do sonho  
 antigo da esperança  
 de que o povo enfim  
 transforme um dia,  
 na linha de frente  
 do combate,  
 a história e a escrita.<sup>72</sup>

## **GOIÁS**

*Para Carmo Bernardes onde a vida de Goiás  
 é uma fala cheia de vida.*

9 de julho de 1976  
**do alto a igreja avista**  
*Luziânia de Goiás*

Do alto do morro a igreja vigia Luziânia.  
 Sentinela desarmada no meio da noite desmedida do Planalto  
 a igreja dos negros do Rosário vigia e abençoa a cidade.  
 Escoltada pela sombra esguia de três coqueiros  
 A igreja vela a memória do Arraial de Santa Luzia.<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> Todavia, não será de modo algum efeito de lenda!; Segundo Rimbaud, concluindo o poema *Noite Histórica*. (Iluminações, 131).

Ontem, que caminhos foram os de bandeirantes e viajeiros  
de arma em punho, que a cidade ainda espera  
no poço fundo dos guardados de arca e cofre,  
perdidos rumos, riscos de chegar?

Do primeiro morro, do primeiro sono  
dos ermos recantos da noite a cidade revive  
banzos e cantos de esquinas dos negros do ouro.  
Mas que ouro houve e que negros nessas terras verdes  
dadas do pequi, ao milho e ao cristal de rocha?  
Pouco mais que nada, ouro que uma brisa da manhã  
Carrega em agosto e perde pelos atalhos do cerrado.

Por isso a cidade-caminho foi posto, pasto de passagem  
da romaria, dos viajantes sem fim das tropas dos gerais,  
passantes com os olhos num ponto sempre além de Luziânia:  
tropas, tropéus, bois e boiadas pelas trilhas de Santa Luzia.  
O que a igreja avista do alto do seu monte  
são campos de mortos, cemitérios do sertão  
onde o tempo rói com igual fome o pó de brancos e escravos.  
O que a cidade vê com os olhos de vigia da torre da igreja

---

<sup>73</sup> Este grande arraial está situado em terreno desigual, na latitude austral de 18 graus e 7 minutos e na longitude de ... graus e ... minutos, sobre o córrego do Fumal, e é cortado por outro córrego pequeno que tem boa ponte de madeiro; ó o mais extenso da província, com quatro ruas principais, 278 casas, boa cedem e casa do conselho, magnífica igreja paroquial sobre uma pequena praça e duas capelas filiais; muita indústria em tecelagem, excelentes frutas e os melhores marmelos da província. Fica légua e meia distante e ao sul da estrada de Paracatu para Goiás, donde está apartado 47 1/4 léguas. Os seus moradores são muito civilizados; não é sujeito a moléstias e faz grande comércio de fumo e marmeladas. No distrito deste arraial existe a famosa serra dos Cristais, donde se tiram brancos e amarelos, e alguns vermelhos, em muita quantidade. ... Vai decaindo em razão de ser freqüentada no tempo presente a estrada do Rio Paranaíba, a qual poupa mais de 40 léguas de caminho a quem vem do Rio para Goiás, atravessando a Província de Minas Gerais ... Foi fundado em 1746 por Antônio Bueno de Azevedo.

é a sobra antiga, o mofo da estrada dos caminhos palmeados,  
 traços entre riachos, poeira de mapas roídos  
 e os riscos do acaso sobrados da memória,  
 restos de estórias perdidas do Planalto.

23 de janeiro de 1980

**sertão, sertões**

*Santo Antônio dos Olhos D'Água*

Aqui é um lugar avulso  
 que ainda não foi feito  
 por isso alguma coisa sempre  
 continua acontecendo.  
 Mesmo quando é meio-dia  
 o sol é quente e incendeia  
 almas do mundo e das gentes.

Mesmo quando é mais tarde o dia  
 e a vida parece parada no ar.  
 Aqui é um canto esconso  
 da esquina do estranho. Um rumo  
 que não foi trilhado ainda e onde  
 tudo o que veio existir de vivo —  
 o corpo da terra, o mato, bichos  
 e pessoas — existe devagar.<sup>74</sup>

27 de janeiro de 1980

**uma ave voa na manhã**

*Goiás Velha*

No miolo da manhã em Vila Boa de Goiás  
 um papagaio verde avoa apressado

---

<sup>74</sup> Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. (*Grande Sertão, Veredas*, 22) Ou então: O senhor tolere, isto é o sertão. (9); Ainda: o sertão está em toda parte (9).

pras eiras de um canto de/encontros  
 dos ermos de um lugar de bichos.  
 Quem do chão olhasse essa ave solta  
 esticando com o voo de arte livre  
 o fio da linha do trilho azul do céu  
 haveria de pensar:

*Nesse voo eu iria se pudesse  
 passarinho do meu próprio viajar,  
 passado do anejo mundo afora  
 passaredo da pressa de chegar.*<sup>75</sup>

12 de fevereiro de 1980

**Brasília, caminhos de sair**

*para o Hugo, um de lá*

Brasília é bom caminho de sair:  
 setas, estradas, vias, traços finos  
 sinais entre trilhas que costuram  
 seus mundos fora no cerrado, no sertão.  
 Os em volta da cidade sitiada  
 entre ruas e verdes do horizonte.  
 Brasília é bom em riachos de entre grotas:  
 corguinhos d'água, vertentes, fios de prata  
 do sem-fim das planuras que a cidade  
 fotografa e retoca o ano inteiro  
 entre secas de julho e águas de janeiro.  
 É bom Brasília nos caminhos tardos  
 Da terra que sobrou aos camponeses.

---

<sup>75</sup>. Neruda também dá nomes aos pássaros, passarinhos:

Tudo me professaram os pássaros, passarinhos, passarolos, passacéus, porém não aprendi nem a voar nem a cantar. Mas aprendi a amá-los vaga mente, sem respeito pela familiaridade da ignorância, olhando-os de cima peru baixo, orgulhoso da minha estúpida estabilidade, enquanto eles riam voando sobre a minha cabeça... (*Para Nascer Nascer* 131). Tal como eu acho que acontece comigo também.

É bom no seu trabalho, longa espera  
de que um deus frutifique roça e pasto.  
Jeitos de amanhos que salvam a cidade  
(entre edifícios, patrões e burocratas)  
De se perder inteira. De uma vez.

27 de janeiro de 1982

**alguns fogos, algumas roças**

*São José de Mossâmedes*

Quando amonta na mula amansada do vento  
e viaja serra acima, do sopé à cumeeira  
o fio da coivara é uma linha fina  
de um tecido de algodão laranja  
que a brisa mansa do sueste tece  
e a palha seca do cerrado empina.

Um fino fio carmim de fogo ralo  
noite após noite costurando a colcha  
de um arvoredado seco e ressecado  
que cobre encostas de serra e pedra  
por onde a custo sobe o fogo do alfaiate.

O oposto dele é o fogo de armadilhas  
 que apronta o guerrilheiro seu irmão  
 quando desce a serra entre matas e grotas  
 e contra a espada dos capins do pasto  
 aponta e atira facas de aço em brasa.

Cavaleiro que a onda de si mesmo  
 à noite monta e na manhã cavalga ao vento,  
 fogo-potro bravio a galope em disparada  
 contra o verde e o seco. Guerreiro  
 irado com a sua foice erguida  
 cortando a fogo os fios do mato vivo.

28 de dezembro de 1981  
**as flores aprendem com as pessoas**<sup>76</sup>  
*São José de Mossâmedes*

O ouro vivo dos ipês de agosto  
 amanhece os matos de Mossâmedes.  
 No trilho dos remansos da manhã  
 a água fria do cristal dos córregos

---

<sup>76</sup> Dentro do âmbito destes diversos condicionamentos, as culturas se desenvolvem pela acumulação de compreensões comuns e pelo exercício de opções, como um desdobramento dialético das potencialidades de conduta cultural, cuja resultante é o fenômeno humano em toda a sua variedade. A contingência de gerar-se dentro destes enquadramentos uniformizadores é que permite às culturas evoluir direccionalmente. Em lugar de recomeçarem sempre a partir do suas bases, concatenam as atividades humanas através de gerações, poluo compor sequências evolutivas equivalentes às da evolução da vida. Estas sequências são, a um tempo, mais capazes de evolução e mais uniformes do que as biológicas. Enquanto a natureza, evoluindo por mutação genética, não pode voltar atrás e é regida por um ritmo lento de transformações, a cultura, evoluindo por adições de corpos de significados e de normas de ação, e difundindo-se por aprendizagem, pode experimentar mudanças rápidas, propaga-las sem grandes limitações espaciais ou temporais, e redefinir-se permanentemente, compondo configurações cada vez mais inclusivas e uniformes. (Darcy Ribeiro, *Processo Civilizatório*, 38).

E se, de repente, a natureza aprendesse com a cultura, com as pessoas?

desceu a serra e fez descer em fila  
as flores que bordam os pequizeiros.  
Outros ipês do mato mais adiante  
pintam de roxo o piso do arvoredado.<sup>77</sup>

Sob os troncos cerzidos no cerrado  
há tapetes estendidos com as seis cores  
que a natureza aprendeu a entretecer  
espiondo das janelas os teares  
das casas das mulheres-fiadeiras.  
Quintais onde se fia tinge e tece  
o tecido sem-fim dos fios alados  
que a cultura dos “sem-letra”  
escreve e assina.

Nessas roças de fazendas entre matos  
a natureza fia o que a cultura tece  
e a memória das duas não esquece.  
De modo que entre campos e povoados  
há coberturas de copas e de colchas:  
flores de panos que as pessoas fazem  
e as plantas da floresta vêm e imitam,  
sob um claro de coivaras pelas serras  
entre o sol do dia e o luar de agosto.<sup>78</sup>

29 de dezembro de 1982  
**viver do ouro, viver de sobras**  
*Cidade de Goiás*<sup>79</sup>

Faz um rosário de anos e mais anos  
desde quando o ouro das areias que escorriam

<sup>77</sup> Na verdade de outras cores também. São mais frequentes os ipês amarelos que fazem minas de ouro nos matos do Cerrado. Há alguns brancos, raros porém.

<sup>78</sup> Brilhante à noite, errante em torno à terra, alheia luz, segundo Parmênides de Eléia (Frag. 14, *Os Pré-Socráticos*, 151).

<sup>79</sup> Nomes antigos e atuais da mesma cidade: Goiás, Cidade de Goiás, Santana de Goiás, Vila Boa de Goiás, Goiás Velha (que os de lá não gostam que seja pronunciado).

entre as águas quentes desses riachos acabou.  
Como a mesma areia entre os dedos do menino  
findou de uma vez o ouro-em-pó que por um século  
trouxe a riqueza e casos de desgraça  
a casas de adobe que ficaram velhas  
na face oeste da Serra Dourada.

Perdidos pelos sem-volta dos caminhos  
que, um dia trouxeram da costa  
querosene, sal e escravos,  
os ricos e pobres do lugar fugiram da vida  
ou migraram com tropas de mulas e tralhas  
para povoados do norte. Lugares mornos  
onda rios mansos de águas lamacentas  
ao contrários desses arroios cristalinos  
tem um sujo bom de lama que a cada ano renova  
o chão onda o arroz cacheia o ouro do grão.

Migraram para os ermos cantos escondidos  
onde sei diz que “boi vira brabeza”:  
grotas e vãos, buracos dos baixios de serra.  
Com as sobras do ouro que possuíram  
Os coronéis do lugar compraram alqueires  
de onde hoje os filhos e netos expulsam  
os filhos dos filhos dos peões meeiros,  
a descendência do camponês do passado  
a quem os mitos dos pais dos avós  
disseram que depois do fim do *tempo do ouro*  
reinou por ali por muitos anos, a *idade do ouro*.  
Um tempo inesquecido nas sagras dos velhos  
quando todos plantavam por direitos de posse e uso  
e mesmo os pobres do mundo lavravam sem tributos  
as terras dos outros e de todos.  
Um *tempo antigo* que a lembrança da roça  
não quer esquecer, quando por anos e anos  
sempre setembro esparramava aos ventos  
por todos os cantos, por todas as casas,

o cheiro solidário de um fogo interminável  
de queimadas entre alqueires de campos sem cercas.

29 de dezembro de 1981

**beiras do Rio Vermelho em Goiás**

*Vila Boa de Goiás*

Um bando de pombas-rolas e anus-brancos assustados  
voou de uma margem à outra do rio Vermelho  
na curva onde depois de passear pela cidade  
o rio volteia uma última vez antes de sair.  
Fugindo do tremor de meus passos na terra  
as aves deixaram por alguns momentos  
a sombra que usam às onze horas da manhã  
e outra vez colocaram o poço da curva do rio  
entre o domínio da natureza e o da cultura.

Do outro lado havia um bando de bois e burros  
em estado de graça, mastigando um verdor  
de pastos de dezembro em ano “bom de água”.  
Do lado de cá havia um longe de meninos pretos  
cujos bisavós cavaram com os punhos o leito do rio.  
Havia velhas lavadeiras de beira de poço que o turista  
procura prender em fotos de domingo.

Mulheres magras que na cabeça equilibram sem pressa  
“malas” de roupas, trouxas e “amarríos”  
dos “serviços” antigos dos pobres do lugar.  
Vinham em filas de silêncio pelo fio das trilhas  
que o passar do tempo rabisca no espaço  
entre as últimas ruas e as praias do rio.  
Elas passam pelo pasto onde o sol de Goiás  
e as flores do cerrado abrem todo o ouro  
que sobrou há cem anos, desde quando se conta  
que um bando de paulistas iludiu com artimanhas  
os filhos dos sábios dos índios goiás.

Onde houve outrora senhores e escravos  
as lavadeiras de “cocra” na beira do rio  
lavam e quaram séculos de roupa suja.  
A nudez dos meninos das eiras de fome da cidade  
atesta a todos que afinal se habita um tempo de paz  
de uma gente esquecida de “bandeiras” e “senhores”  
que recria na praia, com gestos de terça-feira,  
uma história antiga que houve muitas vezes  
antes de tudo acontecer.

14 de fevereiro de 1982

**voos a oeste**

*(entre São Paulo e Goiânia)*

No tempo em que as coisas eram feitas para o homem  
os aviões voavam baixo e do alto se via a olho nu  
a repartição do reino dos seres do mundo:  
as matas que por milhões de eras cercaram o homem  
o eram agora cercadas por eles e a lenta  
demarcação dos seus territórios de conquista.

Aquele foi um tempo em que o homem e a terra  
 Estavam sempre em luta e se amavam muito.  
 Muitos anos mais tarde quando os vôos a oeste  
 Voavam roçando o topo dos morros  
 era possível vislumbrar do alto  
 os estragos do amor e os afagos da guerra  
 que entre um e a outra sempre houve.

Pelo vão das nuvens, em vôo de vizinhos s  
 e via então sobre aqueles terrenos de batalhas  
 entre os filhos do homem e os matos,  
 frutos do amor secando ao sol.

## ***A Meseta Tarasca***<sup>80</sup>

*diário de uma viagem de 14 a 31 de  
 junho de 1981 ao México*

*Vede — disse Tangaxuan, ao guerreiro  
 Ecuangari — o mau trato que me dão após  
 havê-los acolhido em meu território e  
 haver acreditado nos seus deuses. Tomai*

---

<sup>80</sup> A Meseta Tarasca domina quase todo o Estado de Michoacán, no México. Quando os índios Toltecas chegaram ao Vale do México já os tarascos teriam constituído um grande império nas altas mesetas à volta dos lagos de Michoacán. Muito mais tarde lutaram e venceram os Astecas. Mais tarde ainda o império Tarasco foi dividido em três reinos dados aos filhos do último imperador. De um monumento de estrada perto de Pátzcuaro: “O valente e generoso rei Tariacuri que teve mais vastos domínios que seus antecessores dividiu seu território nos reinos de Tzintzuntzan, Pátzcuaro e Coyuca, dando a seu sobrinho Tangaxcuan o de Tzintzuntzan, ao seu filho Higuigari o reino de Pátzcuaro e a seu sobrinho Hirepen o de Coyuca; assinalando ao primeiro a insígnia verde, ao segundo a cor branca e ao terceiro o vermelho”.

Em 1523 Tangaxuan II encontrou-se com o conquistador Cristobal de Olid em um lugar hoje conhecido como *Humiiladero*. Em 1530 foi torturado e morto, Os tarascos, conquistados, esparramaram-se pelas serras da Meseta.

São eles os índios do estudo de George Foster sobre uma comunidade camponesa do México: *Tzintzuntzan*. Michael Belshaw estudou uma outra comunidade tarasca: *La Tierra y la Gente de Huecórío*. Assim também Ralph Beals: *Cherán — A Sierra Tarascan Village*. Dispersos em pequenas comunidades — *pueblos, pueblitos e egidos* — desde a época da conquista, vivem pelas serras e vales das beiras próximas o longínquas do Lago de Pátzcuaro.

*minhas cinzas e distribui-as pelos meus povos, para que guardem memória de seu rei.*

*Tangaxuan II, imperador tarasco, morto pelos espanhóis por ordem de Nuño de Gusman, na beira do rio Lerma, em 1530. Conforme escritos de um monumento na estrada de Morélia a Pátzcuaru.*

*Para Fernando Michel Carona, nunca esquecido.  
Para Anton de Schutter e Annemiek,  
dois tarascos nascidos na Holanda.*

### ***Sentada no chão do trem***

*no trem, entre México e Michoacán*

Comer a *tortilla* que enrola a pimenta,  
matar com o pão barato a fome.  
No chão do trem ao mesmo tempo  
dar o peito ao filho e amamentá-lo  
de leite, mitos e ternura  
enquanto o sol avança em direção à Meseta  
para onde viajam o trem e o horizonte.  
Misturar os miúdos do pão no molho ralo  
da galinha e comer a carne das sobras  
dos brancos imóveis no alto dos bancos.

Sentada no chão do trem  
essa velha índia sem um nome conhecido  
que a língua erudita dos viajantes pudesse pronunciar,  
essa mulher de aldeia de um *pueblo* tarasco  
onde os vagões não param mais do que um minuto,  
essa velha de pele e panos puídos  
arranjava como um sábio, ao seu lado,  
os amarrados dos objetos devolvidos do mercado:  
os pedaços caseiros dos bens do viver.  
Sentada no chão do trem com as mãos

a velha dobrava as pregas da saia.  
 As pregas más da vida ela dobrava.  
 Uma e outra com as duas mãos ela dobrava.

E num murmúrio cheio de becos e penumbras  
 com a saia de lã sentada no sujo do vagão  
 a velha cantava pra ninguém ouvir  
 uma canção repleta de um profundo amor.  
 um amor imenso, ancestral, indecifrável  
 por coisas e pessoas mortas  
 e por nomes esquecidos.

***Um homem morto na polícia***

*notícia de conversa de dois viajantes no banco da frente*

Não quero cantar um canto de heróis  
 que eu nunca soube e nem dizer as palavras  
 que não aprendi. E difícil ensaiar à hora da morte  
 os versos não recitados na infância.  
 Mais difícil é lembrar o arrazoado da prece  
 quando foi pouco o tempo de amor pra crer sem medo.  
 Até agora não fui coisa alguma de que um dia  
 se pudesse fazer uma bandeira de três cores  
 para levarem pelas ruas as crianças.

Nunca fui sequer alguém de quem  
 ao menos se pudesse contar pelos bares  
 uma pequena legenda de bairros pobres,  
 um desses casos de vida que durante seis  
 ou sete anos as velhas do lugar contam  
 e recontam e juram que foi verdade  
 e depois os netos esquecem para sempre.  
 Agora que um fino fio de meu sangue  
 tinge o cordão dos meus sapatos  
 e uma baba sem palavras de susto  
 escorre e molha a minha barba suja,

agora que eu morro sozinho e espancado  
 sobre a poça de meu mijo frio  
 quisera que ao menos o mijo e o sangue  
 dissessem a quem me ouvisse gemer, da janela da rua,  
 o que havia em mim escondido de humano.

### ***O menino que dorme***

dorme menino indiozinho  
 no sacolejo mole desse trem.  
 sonha um sonho lindo, menininho,  
 um sonho de outro dia, noutra trem.  
 um trem de ferro correndo  
 sonho adentro  
 por onde o sacolejo do caminho  
 carregue você, menino índio,  
 até num outro *pueblo*.  
 um *puebilto* pequenino  
 onde as cabras, os jumentos,  
 os sapos, bois e gentes  
 sejam felizes para sempre, amém.

### ***O cego e seu violino***

*numa rua de Pátzcuaro*

Como é que o velho cego  
 imagina o violino?

Como é que ele figura  
 o seu volume e o do fino arco  
 que entre os dois dedos segura  
 do novelo da mão que toca  
 e depois estende a palma aberta  
 ao passante?  
 Depois de tocar pra ninguém  
 ele se abraçou com o violino  
 e quando ouviu na lata o som de duas moedas  
 (o sino do tintim de duas moedas)  
 sorriu. Aquela era a música  
 que a sua música quis ouvir.

### ***Os pescadores tarascos***

*Ilha de Janítzio no lago de Pátzcuaro*

Com as suas redes finas de fios de mariposas  
 Os pescadores tarascos pescam os últimos peixes  
*charalitos* que os deuses e os brancos esqueceram no lago.  
 Navegando canoas de troncos talhados  
 de madrugada eles pescam em círculos  
 pequenos peixes do lago de Pátzcuaro.

De manhã pescam o olhar do viajante.  
 Pescam a atenção dos olhos do turista  
 e os pesos que atiram e um deles recolhe depois  
 de fingirem aos brancos que fazem a sua pesca de índio.

À noite os pescadores tarascos saem  
 Cada um por sua conta e viajam pelo lago  
 a direção dos quatro pontos cardeais.  
 E vão longe sobre águas frias  
 e cheias de silêncio e mistérios  
 onde ninguém de fora possa vê-los,  
 onde ninguém venha quebrar a solidão da noite.

Jogam no lago as redes das figuras  
das estranhas armadilhas da memória.  
Sozinhos atiram no lago as redes  
e procuram arrancar de um poço inatingível  
as águas escuras do imaginário de seu povo.  
As águas sem nome dos mitos da tribo.

### ***Cemitério com mortos e flores***

*Janítzio*

É o mais florido de todos  
o cemitério tarasco da ilha de Janítzio.  
Pequenas flores laranja e amarelo  
não deixam lugares para os túmulos  
e portanto os mortos dormem num jardim.

Entre a encosta do morro que escala a ilha  
e o telhado vermelho das casas e casas  
que rodeiam o caminho da beira do lago  
o cemitério florido de Janítzio  
convida com graça os vivos a que venham  
conviver com os mortos a alegria  
de morar em um campo onde as flores,  
mais do que a alma dos seus mortos,  
dizem ao homem que a vida vence a morte.

***A ilha com a ponte***

*Jarácuaro, no Lago de Pátzcuaro*

O capim do lago e os aguapés  
cercam a ilha de Jarácuaro com ferros de verdes.  
Do lado de lá dos morros de Pátzcuaro  
Jarácuaro aprende a viajar do lago para a margem.  
Aprende a lição de não ser mais ilha como Janítzio,  
Tecuen, Yunuen, Uruanden e La Pacanda.  
Pelas costas dos pastos de Jarácuaro  
os homens estenderam uma ponte de aterros  
entre a ilha do lago e a terra de Michoacán.  
Assim essa ilha, lugar de camponeses e pescadores  
treina a ser a fácil terra do continente.  
Aprende a conviver com quem lhe invade pela ponte  
e espera o tempo em que livre da prisão do lago  
saberá conviver a sua gente honrada  
com outras prisões que cercam o lago e o mundo.

***Do alto do monte****Cercanias de Pátzcuaro*

Do alto do monte de El Estribo  
se vê o verdor de Michoacán:  
as cinco ilhas navegando o lago  
e os *puebilitos* perdidos entre margens de água  
e as da estrada: Tócuaro, Huerório e Napítzaro,  
arrabaldes de índios do outro lado do lago.  
Além dos morros, invisível à vista, Tzintzuntzan  
protege do olhar dos brancos: gentes, roças e ruínas.  
Mais além dos montes, além do poder do olhar  
e da lembrança, como se chamam os *pueblos* que imagino,  
entre campos de pastos e cultivos de milho e alfafa  
com as iguais torres altas dos campanários  
onde três vezes por dia os índios tocam sinos  
pelos seus deuses e os dos brancos?  
Que vida se vive nos ranchos de adobe dos pobres do lugar,  
onde sempre alguma fumaça na chaminé consola dizer  
que nos fogos do forno se assa a *tortilla*  
e as mulheres da casa misturam as sobras de tudo  
no caldo de que sai a sopa quente comida com *chile*?

***Os montes de Michoacán****caminho de Tócuaro*

Aqui os montes não cercam as cidades  
com pedras e aços como muros à volta de tudo.  
Aqui de dezembro a janeiro os montes são verdes  
e mesmo quando altos eles são os roçados  
onde o índio planta o milho  
de que a vida tarasca vive  
a lavoura dos seres de *pueblos* e *pueblitos*.

Os tarascos convivem com campos  
cercados de pedras de que fazem muros.  
Convivem com os grandes lagos da Meseta  
e se neles há ilhas nelas se metem  
e ali habitam com os seus bichos o tralhas.  
Sobem morros, montes de Michoacán,  
serros da cercania e ali fazem casas,  
fazem *pueblos* e campos de plantio.

***Entre as roças, o pueblo***

*Santa Ana Chapitiro*

Em Santa Ana a lavoura  
 dorme e acorda com o *pueblo*.  
 Diversa dos outros que a um canto  
 se afastam pra fugir de seus pastos  
 e dos campos que plantam os índios,  
 Santa Ana se deixa invadir das tropas  
 das roças de milho e alfafa,  
 de tal sorte que mesmo as ruas e as casas  
 parecem haver sido semeadas.  
 Cultivos entre outros de Santa Ana Chapitiro,  
 de seus campos, roças e roçados,  
 de que são os homens a lavoura  
 que a terra planta. E suas casas  
 e os sonhos de camponeses purêpechas<sup>81</sup>  
 e seus bichos do cotidiano, e seus deuses.  
 Semeadura também, frutos iguais da mesma terra  
 que depois de nascidos ao sol, no chão,  
 os homens comem e de novo plantam e colhem  
 no roçado difícil do coração.

***Chuva, chuvas***

*caminho entre Santa Ana Chapitiro e Tzentsénguaro*

a chuva é a irmã mais moça  
 de tudo quanto há,  
 e quando cai como agora  
 sobre os ombros do mundo  
 e lava os olhos e a cabeça  
 de tudo o que há de vivo,

---

<sup>81</sup>. Purêpecha é o nome que os tarascos dão à sua língua, às vezes a si próprios, os que são dela. Uma língua riquíssima que os gregos falaria com bom gosto. Preste atenção, leitor aos acentos sonoros dos nomes das cidades.

é como a bênção que um deus de índios  
derrama sobre plantas e bichos,  
e sobre os homens, sua cria, seu assombro.

### ***Muros separando roças***

*Tzentsénguaro*

Os muros de pedras do *Egido* de Tzentsénguaro  
separam roças de milho de roças de milho.  
Separam o mesmo do mesmo e o igual do igual.  
Apenas os olhos dos camponeses de lá  
sabem medir qual é a roça de milho de cada quem.  
Para o passante, o que são iguais roçados  
que muros também iguais de pedra separam,  
são nomes para os lavradores do lugar  
que os semeiam junto com as sementes.  
São como os sinais da diferença que faz  
aqui a igualdade do *pueblo* camponês.  
São nomes de gentes as roças de milho  
que os muros separam.  
Para que outra coisa melhor  
serviriam os seus nomes de batismo  
do que para nominar na terra,  
entre muros iguais de pedra,  
o fruto do trabalho do homem?

### ***A igreja e a praça***

*Huecório*

Vindo do *pueblo* de Tzetzénguaro  
 cheguei a Huecório por portas de trás.  
 Vindo entre a chuva e o sol do mês de julho  
 vim passando pastos e saltando muros de pedra.  
 Pela trilha de onde vim havia em cada muro  
 pedaços baixos de pedras derrubadas,  
 caminhos de passar marcados de outros pés  
 que pisam segredos de fundo de quintal.  
 Para chegar na praça da igreja  
 saltei o degrau baixo de um último muro.

Na praça havia bêbados e crianças.  
 A igreja aberta estava vazia  
 e os seus santos de massa e madeira  
 nada mais sabiam do que conversar.  
 Nos sinais de que ninguém havia ali  
 e nos traços de Deus que por toda a parte eu via  
 aprendi outra vez que quando ele não descansa  
 dos homens nos campos e nas estradas,  
 está no coração dos bêbados e das crianças.

***Vestida de negro****caminhos de Pátzcuaro*

No alto de um morro  
 cercada de árvores  
 mal se vê a ponta do telhado  
 da casa da *Quinta*  
 que o marido ergueu  
 e o tempo desfez.  
 A casa onde sozinha  
 a Señora de Mújica  
 Tece a trama do fio  
 dos seus cabelos

e a fina teia triste  
da sua viuvez.

***A velha cantava***

*na estação de trem de Pátzcuaro a velha  
cantava pro menino, seria assim?*

“Convém cantar cançõezinhas  
enquanto o tempo no passa  
enquanto a noite não chega:  
uma é sobre uma águia  
a outra, de um papagaio.

aponta com o teu dedinho  
doces caminhos da noite,  
duas estrelas no espaço:  
numa mora uma princesa  
na outra, só um palhaço.

quanto eu morrer colhe flores  
enquanto a noite não chega  
no campo junto do lago:  
numa me acharás de novo  
na outra, nem o meu rastro.”

***Um homem com chapéu e poncho***

*estação de Pátzcuaro*

1.

Conheci hoje o chefe da comunidade de Napítzaro.  
Ao lado do trem que chegava na estação onde estávamos  
ele não parecia mais do que um homem como eu  
e como todos os outros ali, indo e vindo  
com os seus tesouros de amarrados de trouxas e pacotes.  
Um homem camponês tarasco de quem a mão áspera  
da terra e da pedra deixou sinais do trabalho na minha  
quando nos cumprimentamos com o duplo aperto de saudação  
onde as palmas se enlaçam pelos polegares  
segundo os costumes purêpechas  
que esse homem de chapéu e poncho não deixa morrer.  
Ele me saudou como aqui se fazem os *comuneros* dos *egidos*,  
esse humilde altivo chefe de aldeia em Napítzaro  
calçado de sandálias grossas e velhas.

2.

Do lado oeste do lago, Napítzaro se protege e vela sua gente  
da invasão dos brancos que chegam outra vez do norte  
como os conquistadores de Espanha,  
armados de cavalos e artimanhas.  
Há cinco séculos essa terra invadida pede sem ódio  
aos deuses, que se não for possível livrá-la do homem branco,  
os seus filhos e filhas sejam pelo menos livres  
de serem como o branco.  
Escondida entre montes, entre o lago e os campos  
onde como outrora floresce a flor do milho  
Napítzaro inventa meios de salvar a sua pouca gente  
de viver de vir e retornar pelas trilhas de Pátzcuaro,  
para vender a troco de um punhado de moedas mexicanas  
a artesanaria barata de onde com o tempo os índios desvestem  
os sinais antigos dos seres de outrora.

E esquecem de esculpir e pintar símbolos de deuses o heróis  
 e aprendem a fazer os traços que não faziam  
 para que sejam gratos os seus pratos aos olhos dos turistas.  
 No silêncio que cala entre as falas que faz  
 esse homem índio chefe de aldeia em Napítzaro pergunta  
 pelo tempo em que a tribo deixava sinais de beleza  
 sobre os barros em que as moças punham as mãos.  
 Os sinais corriqueiros de uma antiga vida primitiva  
 de que nem os velhos sentados nos tocos do tempo se lembram  
 e nem os deuses das artes segredam nos sonhos  
 que os índios da Meseta navegam no meio do lago da noite.

***O amanhecer dos homens e do sol***

*a praça do mercado em Pátzcuaro*

Depois da demorada tempestade da noite  
 quando os trovões falavam a língua dos deuses dos tarascos  
 e gritavam em Purêpecha a memória de cantos  
 em volta das fogueiras,  
 a capital do antigo império — Pátzcuaro,  
 amanheceu rodeada de um sol de ouro e cantos de aves.  
 As velhas de *rebozo* e longas tranças vindas  
 dos *pueblos* das serras e dos cantos do lago,  
 as velhas índias gordas e suas filhas de iguais saias, cintas  
 e *rebozos* pretos nas cabeças de tranças  
 deságuam dos ônibus aos bandos na praça do mercado  
 e se dobram carregando na curva das costas  
 sacolas e embrulhos de palha do que vender:  
 cebolas, folhas de verde, pêssegos e ameixas, peixes  
 e objetos de madeira e cobre, *ruanas* e *morrales*.  
 Tudo o que trazem espalham pelo chão da manhã iluminada  
 e depois arrumam no mostruário das calças  
 por onde se sentam e algumas bordam blusas  
 e outras vendem barato, a qualquer um que chegue,  
 os objetos colhidos no tecido da terra  
 ou na lavoura artesã de seus fornos e teares.

E assim se dão no que vendem essas mulheres públicas,  
acostumadas a pedir e ceder com sabedoria,  
nos jogos do regateio  
que abaixa sempre um pouco o primeiro preço que anunciam  
essas filhas altivas de Erêndira.<sup>82</sup>

Mas nos sótãos dos segredos da língua dos tarascos  
que apenas entre elas se sabe falar e compreender,  
nessa difícil língua de raios e trovões e também  
de doçuras de pôr-do-sol e manhãs claras da luz da fala  
elas se escondem.

Ali as mulheres purêpechas se refugiam,  
no meio da praça, na frente de todos,  
dos brancos turistas de fortes e longes  
a quem vendem o trabalho do tempo dos seus dias.  
Ali se ocultam, melhor do que no escuro das choças de adobe  
dos homens que chegam e pensam que compram suas almas  
nos desenhos que pintam, bordam e costuram.  
No que criam e trazem essas mulheres  
índias de pele escura e longas saias negras,  
que vendendo na feira tudo o que fazem com as matérias do chão,  
não passam a quem compra um só segredo dos barros de que são.

### ***O sino de santa clara***

*Vila Escalante, antiga Santa Clara dei Cobre*

Os artesãos refundiram muitos dias de trabalho comum  
no sino de mil e cem quilos de puro cobre  
da igreja de Santa Clara da Vila Escalante.

---

<sup>82</sup> Erêndira, princesa tarasca, guerreira dos tempos da conquista. Em uma das batalhas contra os espanhóis escapou deles montando um de seus cavalos.

Para usar em casa e vender na feira de Pátzcuaro,  
 quantos pratos e potes, candelabros, jarros, copos,  
 pequenos sininhos de colar e outros objetos de adorno  
 não fariam com o cobre que consumiram no sino da cidade?  
 Quanto tempo do trabalho de muitos meninos e homens  
 não terão jogado na soma de fundir o sino  
 que muitos meses depois, no chão do adro da igreja,  
 ainda espera quem saiba içá-lo até o campanário?  
 Em que misterioso recanto do saber de todos  
 esses homens tarascos a quem Don Vasco de Quiroga<sup>83</sup>  
 reensinou artes do cobre misturadas com o gosto da hóstia,  
 sabem que não foi o sino o que fundiram  
 pra que de uma noite em diante ele toque eternamente  
 um sonoro canto piedoso entre os muros de pedra da cidade  
 e os montes muito além do chão dos vivos e mortos  
 de Santa Clara dei Cobre?  
 O trabalho comum de muitas mãos multiplicadas fez o sino.  
 O ruído dos martelos ágeis, como um outro som de campanário,  
 fez os seus nomes comuns  
 e lembrou a todos os nomes dos mortos,  
 antigos artesãos, e os nomes dos velhos sábios da aldeia  
 e os nomes de suas filhas e mulheres.  
 Como uma canção ritmada em muitos tambores de metal  
 o trabalho solidário criou uma fala de versos numa língua antiga  
 há muitos anos perdida da memória da voz.  
 Uma língua que só o corpo silencioso acorda e faz cantar  
 com palavras que de novo acendem no coração a história.  
 Tocando a melodia das três notas do sino de Santa Clara  
 a um Deus de outras terras que aprenderam a amar  
 é para si próprios que tocam, pequenos homens anônimos:  
 índios de beira de estrada,  
 artesãos tarascos do caminho da serra.

---

<sup>83</sup> E nome de um hotel: Posada Dom Vasco de Quiroga. Mas muito antes f.oi um bispo espanhol da Conquista. Ao contrário de outros, identificou-se profundamente com os índios e dedicou a eles boa parte de sua vida. Reuniu-os em pueblitos à beira do lago. Aproveitou muito de seu saber e arte e lhes ensinou os vários segredos de artesanias que os tarascos — hoje camponeses e pescadores — sabem fazer e fazem para usar e vender. A memória indígena chama-o Tatá Vasco.

É para os deuses antigos de quem não lembram mais  
nem o rosto, nem o poder e nem o nome.

É para a lembrança de outras gentes que viveram aqui  
o fio comprido da estação de suas vidas.

Tocam no trabalho do cobre a música de sinos e martelos,  
que fazendo o sino maior da igreja de Santa Clara del Cobre,  
faz igualmente os símbolos através dos quais se irmanam:  
solidários homens pobres de um sonho silencioso e eterno.

### ***O trabalho no cobre***

#### *Vila Escalante*

Caminhando pela estrada  
de Santa Clara a Opopêo  
por toda a parte escuto  
a bateria do martelado do cobre  
marcando o compasso da musiquinha  
da marcha caseira do trabalho.  
Toda a cidade martela o seu ofício  
e eu vi pelo vão das cercas meninos  
que antes de saberem as artes de ler-e-escrever  
aprenderam as regras do alfabeto  
que a escrita do martelo arranca do metal.  
Cercada de mínimas lavouras de milho  
e pastos magros de gado leiteiro,  
cercada de altos morros cobertos de pinheiros  
Santa Clara amanhece martelando a vida  
e o relógio que marca aqui o tempo  
é o martelado que acompanha os dias  
das horas de sua gente no seu cobre.

### ***Fogões e fumaças***

#### *Opopêo*

Com o sol a caminho do meio do céu  
quem visse sem o lenço de fumaça branca  
do fogão de pedras os telhados dos ranchos de Opopêo

pensaria que a essa hora todo o *pueblo* dorme  
 e ali apenas os burros da Meseta Tarasca  
 zurram os erres de uma conversa mexicana.  
 Mas debaixo dos tetos há uma vida coletiva  
 que acordou uma hora antes do sol.  
 Há uma cuidadosa diferença de trabalhos do pobre  
 que desde cedo empurrou ao campo o camponês  
 e a sua junta de dois bois de arado.  
 Que prendeu na prisão do *metate* a mulher,  
 a que entre as pedras já moeu o milho  
 e entre as palmas das duas mãos fez a *tortilla*  
 que o fogão da casa assou desde quando  
 o seu fogo acendeu a aurora.  
 Que suave seiva de vida humana  
 flui desses casebres e sobre campos  
 coalhados de pedras se derrama  
 como rios mansos de gestos, todos os dias?

### ***O roçado de milho***

*caminhos de saída de Opopêo*

No compasso binário  
 dos braços do vento  
 as facas do milharal  
 fazem a sua dança matinal.  
 Atrás de muros de pedra  
 retomam uma luta inacabada  
 e se cruzam e batem  
 umas contra as outras,  
 folhas de uma roça guerreira  
 coroadas na cabeça de flores  
 que sob o sol de outubro  
 derramam o pólen das espigas.  
 Não há mortos e nem feridos  
 nessas batalhas de todos os dias.  
 Assim, é mais a dança do que a luta

isso que fazem as folhas espadas  
do milho dos filhos dos tarascos.  
Ao contrário dos homens de posse  
do Norte do México e do Brasil  
que pela terra onde os servos plantam  
o milho e o pasto, matam  
e mandam matar.

***A alma do muro e a do homem***  
*caminho de Tzurumútaró*

e o que é que esconde  
debaixo da alma de quem fez  
a alma do muro de quem é?

***A história do teto da igreja de Napítzaro***  
*relato de Anton de Schutter*

Porque a boa fé não pode conviver com tetos velhos  
as pessoas do *pueblo* de Napítzaro  
resolveram por sua conta e risco reformar o telhado do templo.  
Um dia na praça reuniram os *comuneros*:  
homens, velhos e meninos  
e depois de calcularem com matemática milenar  
a quantidade de madeira que o teto precisava  
decidiram visitar os companheiros das aldeias vizinhas  
e contar a sua história, de modo a que eles cedessem  
aos de Napítzaro as grandes árvores das matas  
que faz muito tempo não existem mais perto do *pueblo*  
Assim, foram de *pueblo* em *pueblito* e a todos falaram do teto  
camponeses pobres, lavradores de *egido*  
os *comuneros* da volta do lago concordaram ceder  
aos de Napítzaro as grandes árvores do seus morros.  
Depois de falar com os iguais a língua perêpecha  
foram os de Napítzaro conversar em bom espanhol

com os senhores do poder municipal, vestidos de calças finas e calçados com botas de pelica.

Armados com as razões da fé foram juntos conseguir dos brancos da cidade as licenças para cortar das matas da volta do lago as árvores que ganharam dos irmãos, madeira sobre a qual os cuidados do trabalho solidário faria o teto da igreja que, mais do que ao templo de pedras, lhes haveria de cobrir o coração de um terno amor. Os homens de botas de pelica responderam que sim, que os de Napítzaro podiam cortar as árvores, desde que pagassem aos cofres do tesouro municipal uma soma de pesos para cada uma, maior do que o gasto da comida que a família tarasca compra na feira do domingo. Assim, os homens da aldeia voltaram à sua beira do lago imaginando que aquilo tudo um dia fora plantado pelos deuses que tinham e pelos seus avós e que durante as muitas centenas de anos em que apenas os índios foram os donos dos montes e matas da Meseta nunca uma só delas foi devastada por mão de homem.

E não tendo o dinheiro que a lei dos brancos antepunha à fé coletiva, que é a lei do pobre, os homens do *pueblo* de Napítzaro resolveram entrar nas matas dos morros dos seus mortos no meio da noite e delas cortar quanta madeira precisasse o teto da igreja dos seus vivos.

E por meio de sinais e silêncios a comunidade combinou a ação do roubo sagrado da madeira do templo. Na hora indicada em línguas de silêncio só as estrelas do céu de abril do México assistiram de todos os cantos surgirem muitas e muitas juntas de bois no meio do tapete azul-escuro da noite da Meseta. Os homens e os bichos subiram os morros e entraram nas matas onde velhos machados em mãos de mestres inventaram segredos do cortar sem ruídos as árvores marcadas de véspera. E derrubaram as árvores, e serraram as toras e puseram a madeira sobre os carros de juntas de bois.

Sem luzes, sem velas e lanternas, no claro do escuro  
 fizeram o trabalho de cortar e reunir, serrar e carregar  
 a madeira que os irmãos cederam e os brancos quiseram cobrar.  
 E do alto dos morros da beira dos lagos  
 desceram das matas e voltaram caminhos do *pueblo*.  
 Como era preciso haver silêncio, que canções de alegria  
 terão murmurado os corais dos corações.  
 Quem um dia for ao outro lado do lago de Pátzcuaro  
 e chegar no *pueblo* tarasco do *egido* de Napítzaro,  
 quando entrar na igreja dos seus santos  
 e quiser orar a um deus em que a sua alma crê,  
 não olhe nenhuma das imagens de massa que há por lá.  
 Olhe para o teto da igreja, para as madeiras da mata  
 que um dia os homens do *pueblo* armaram debaixo do telhado.  
 Pois se um deus há e vaga pelo mundo em busca dos homens,  
 ele existe no trabalho solidário  
 que torna sagrada a igreja e o seu teto.

***A memória das velhas da tribo***  
*mulheres de Tzintzuntzan*

Como voltar aos quartos da memória?  
 canções, cantigas, acalantos de ninar.  
 Que imagens atrás da cortina dos olhos  
 guardam essas velhas vestidas de preto?  
 Essas índias feias, revestidas de pensar?  
 Que cenas antigas de uma vida anterior  
 subsistem vivas nos ocos saudade:  
 dobras do *rebozo*, os guardados do bolso,  
 um lenço de menina, um santinho padroeiro  
 entre ervas de cheiro, os objetos caseiros  
 e a luz da lamparina?  
 Mais do que a uma história de mitos e heróis,  
 nos dias de fina chuva fria do mês de maio

a tribo inteira sonha regressar a cheiros da lenha do fogão  
que um dia houve o nunca mais saiu  
da cozinha que habita o coração.

### **Potes de barro**

*Tzintzuntzan*

Que a pintura dos potes e pratos rasos  
que as índias desenham nos barros cozidos  
da argila que buscam na beira do lago  
não pinte as imagens que os que compram  
trazem escondidas de suas terras ao Norte.  
Que nos pratos e potes que mãos de meninas  
fazem cheios de bichos e flores de pintura  
não se pinte para a venda da feira de sábado  
coisa alguma que não fale ao coração.  
As pessoas que fazem e as que compram,  
quando olharem as pinturas cozidas  
no forno do fundo dos quintais  
saibam que ali existem riscos da vida  
de uma história antiga, muito antiga,  
de que se lembram só os velhos e as panelas.

### **Os seres da manhã**

*Erongarícuaro*

Na beira do lago, na beira do dia,  
Erongarícuaro  
mói o doce milho de seu maio.  
No campo os corvos espantam os espantalhos

e na parede da igreja há o túmulo de uma mulher  
 que morreu na cidade de Quiroga em 1884  
 e morta quis voltar ao *pueblo* de onde era.  
 Os vivos entram pela igreja com passos de veludo.  
 Passam pelo túmulo da retirante  
 com os olhos pregados no padroeiro,  
 mas no meio da noite é a morta quem vela por todos  
 e protege o *pueblo* de bruxas e fantasmas.  
 Às onze horas da manhã um bando de carneiros  
 cruza sem o menor perigo a rua da praça da cidade.  
 Entre a praça e a igreja alguns meninos  
 jogam com palavras indecifráveis  
 um desconhecido jogo de bola e mistérios.  
 No alto de duas árvores dessa manhã de preguiça  
 uma assembléia de pardais canta em coro  
 que é dia e a vida continua.

### **As velhas da igreja**

#### *Chupícuaro*

As igrejas estão vazias ou cheias de mulheres. Numa delas em Chupícuaro um padre jovem de calça americana e casaco de couro confessava duas velhas índias num confessionário aberto dos dois lados. Ele nada possuía da figura escura e retórica que se espera de um padre confessor no México. No entanto, mal uma velha saiu repondo nos ombros o *rebozo* que durante a confissão usou para cobrir a cabeça, a outra se derramou de joelhos e começou a desfiar os milênios de pecado e santidade que os povos que correm no seu sangue lhe deixaram por herança. Poucos minutos depois, limpa a poder de falas e gestos em latim, ela não saiu mais branca nem mais santa do que entrou. Mas perdoada, ela sim bem poderia abrir os braços e esticar as mãos na praça do mercado sobre as nossas cabeças e as dos bichos e a tudo abençoar. E com um grande, enorme grito indomável ela podia conjurar todo o mal do mundo. Todo o mal.

***bois e carneiros nos lados da estrada***

*perto de Uricho*

Na estrada entre Erongarícuaro e Uricho  
lado a lado caminhavam pelas duas beiras do caminho  
uma pequena procissão de bois e um cortejo de carneiros.  
O vaqueiro aos farrapos que do seu cavalo conduzia os bois  
cantava pra si mesmo, pros bois e pros mortos,  
uma canção purêpecha de pequenos gritos e palavras longas.  
De longe em longe os bois e burros de outras seitas  
pelos dois lados dos pastos na beira do caminho  
ouviam o canto e continuavam depois, sem pressa,  
uma conversa de quatrocentos anos.

***A igreja nova, feita aos sábados***

*Uricho*

constroem os de Uricho  
uma igreja nova  
nessa terra tarasca  
onde os deuses voam  
nas flautas dos ventos.

***As mulheres de Uricho, seus rebozos***

*Uricho*

Por mais que em julho seja quente  
na Meseta o sol mexicano do verão  
e por muito que queime o corpo à tarde  
um calor de aços nessas terras altas,  
as mulheres de Uricho não se afastam  
dos *rebozos* que usam, negros panos de lã  
presos nos ombros e soltos ao vento e à história,  
tal como as duas tranças de seus cabelos, negros  
e cortados por duas e mais duas finas linhas de um fio azul.  
Ora os colocam como os índios do lago,  
envolvendo a cabeça, o pescoço e os ombros  
e descendo o caminho entre o peito e as costas.  
Ora descobrem dele as cabeças e os *rebozos*  
carregam sem perigo tanto as coisas que levam à feira,  
quanto os filhos e filhas dos tarascos.  
Sempre viajam junto ao corpo os *rebozos*  
essas mulheres da Meseta, porque mais do que o corpo,  
eles abrigam a memória da vida indígena de onde vêm.  
Por isso usam os panos negros que não vendem  
e vendem na feira os coloridos panos que não usam.

Porque são uma nação sem bandeiras  
os povos indígenas de todo o Michoacán  
hasteiam no corpo das mulheres as duas cores da tribo.  
Bandeiras de negro e azul ao vento voando.

### ***Do alto do monte***

#### *Arocutim*

Ao contrário dos outros do lugar  
o *pueblito* de Arocutim subiu morros  
e assentou nos altos as casas de sua gente.  
Deixou em frente o lago longe

e hoje avista do alto a estrada.  
 Rebelde, veio fazer seus *comuneros*  
 viverem a vida entre roças de pedras.  
 Mas de nenhum outro *pueblo* do lago  
 se vê o planeta tarasco  
 como do alto dos morros secos de Arocutim.

***Mãos, como grades***

*San Jerônimo Purenhêcuaro*

No chão da praça quase vazia  
 as mulheres se assentam  
 com as pernas cruzadas com estilos de índio  
 e cobrem com saias e *rebozos*  
 os escuros das sobras do corpo.  
 Algumas colocam os dedos da mão  
 como grades diante da boca  
 (gesto comum como um rito, um sinal)  
 como a prisão que guarde a alma  
 do espanto e proíba o coração  
 de verter em palavras os medos do mundo.  
 Com os dedos das mãos na frente da boca  
 estiram os olhos para algum lugar do horizonte,  
 um ponto perdido da vista, mas vivo,  
 e que jamais um homem comum  
 pode crer que exista.

***O nome***

*Ucasanáscatua*

Nunca fui lá.  
 um *pueblito*  
 entre o lago  
 e Tzintzutzan.  
 mas quis escrever  
 apenas para pronunciar  
 o nome: Ucasanáscatua.

## ***Notícias do Norte***

*Retomemos o estudo ao rumor da obra  
 devoradora que se concentra e sobe nas massas.*

***Jean-Arthur Rimbaud***  
***Juventude domingo***

*Para alguns que vivem e lutam no Norte,  
 “na caminhada”, eles dizem.*

16 de março de 1982  
**o martelo agalopado**  
*Olinda*

O colosso de cabras e cavalos  
 no convívio do cobre com o cangaço.  
 Os ensaios dos magos do castelo  
 E a farinha na cuia do alarido  
 Dos invernos do povo, do amarelo  
 Que no cano dos tiros é atirado  
 Quando o susto da fome faz os fogos  
 Dos cantares dos gritos do martelo.

Os cuidados de tê-los e cavá-los  
 Com ferreiros e ferros, com os aços

De artefatos de espadas e cutelos  
 E o afiado das facas, o retinido  
 De mortes que eu escuto, vejo e velo  
 Nas carreiras da vida e do pensado  
 Entre os verdes das almas e os seus mofos  
 Nos espantos dos golpes do martelo,

O que arrasa lá montes e, cá, valos  
 A poder de seus feitos e meus faços.  
 Os anseios dos reis, os seus anelos  
 Por reinados malditos, malferidos.  
 Seus temores do tempo e seu novelo  
 Nos repentes do povo revoltado,  
 Revirando dos remos seus estofos  
 Nos acessos dos braços do martelo.<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup>. Eu nunca teria escrito esta pequena aventura nordestina se não tivesse ouvido uma noite quente em Olinda, na casa de Paulo Esmanhoto, depois de haver caminhado ruas e ruas dos cantos de lá, um disco do Quinteto Armorial, Uma das músicas era um Marte/o A galopado, escrito por Ariano Suassuna. Para que o leitor saiba do que falo — ou sobre o que canto — transcrevo abaixo os escritos do Suassuna.

O galope sem freio dos cavalos  
 Os punhais reluzentes do Cangaço  
 A prata dos bordões, no seu traspasso  
 O pipocar do rifle e seus estralos.  
 O sino, os seus toques de badalo  
 Nas onças com seus olhos amarelos  
 O lajedo que é trono e que é Castelo  
 O ressoar do mundo — essa onça parda.  
 O vento, o sangue, o sol, a madrugada  
 E eu tinindo o galope do martelo.

Na prisão destas pedras fui atado  
 Aos olhos garça do uma cega fera.  
 O sangue da pobreza é uma pantera  
 Que estraçalha meu peito injustiçado  
 Onde reina a justiça do Sonhado  
 Senhores do baraço e do Castelo  
 Ele vem, e eu, ao fogo do flagelo  
 Mesmo em dura prisão assim metido  
 Na cadeia dos anos vou detido  
 Retinindo o galope do martelo.

15 de março de 1982

**viver de festa**

*Olinda*

***Para Paulo e Neca***

Já que o mar-oceano, viajero de verdes,  
 não comeu pelas costas a cidade antiga  
 com dentes afiados de coral e espuma  
 e marés de lanças de ondas e ondas,  
 nada melhor do que festejar a vida.  
 Como quem se vê sempre em perigo  
 Olinda faz isso todos os dias.

“Nada melhor” — ela pensa — “do que fazer  
 da vida um festejo da idéia de estar viva.

Uma festa de fogos e bêbados, festeiros  
 da alegria diária de haver sobrevivido  
 quatrocentos anos festiva em terra firme”.

Entre montes e matas de coqueiros

Olinda foge do mar, da maresia,

e pinta de azul, vermelho e cal

o almanaque da linha de fortes e igrejas

e a teia fina do fio do casario.

---

E as abelhas, o mel acre e dourado  
 O angico, o tambor e a baraúna,  
 A concriz auri-rubro, a caraúna  
 Os cardeiros de frutos estrelados.  
 Chora a vida: ‘ai meu sangue assassinado!’  
 Grita o mundo: ‘na pedra eu me cinzelo!’  
 E o tempo: ‘tudo queimo e esfarelo!’  
 Quanto a mim, aos açoites da Virola  
 Vou nas cordas de prata da viola  
 Retinindo o galope do Martelo.

(*Sete Flexas*, Quinteto Armorial)

15 de março de 1982

**viver de festa II**

Olinda

No meio da noite quente dos outonos,  
 madrugada dentro, ladeiras acima,  
 carnavais de frevos e maracatus,  
 todos os sábados, todos os meses.  
 Olinda ama tudo menos a Quaresma.  
 Ama caetanos, leões e pintombeiras  
 e, menina, se festeja o ano inteiro  
 carimbando com o carmim dos feriados  
 quatro em sete dias do calendário.  
 Ruas de pedras e ladeiras de morros  
 saem de praças e morrem em largos  
 e entre templos com adros bons pra bailes  
 desfiam recantos de desfiles e danças.  
 Aqui a pobreza dos porões convive  
 com cordões de blocos e fantasiados  
 e mesmo velórios são festas de bairro  
 onde ao morto se vela com retretas.  
 Os pretos de Olinda crêem que nada há  
 que não se possa reunir e pôr na rua,  
 e nenhuma dor ou beleza existem melhor  
 do que em rituais de blocos e batuques.  
 A morte mesmo, se viver que venha armada<sup>85</sup>

---

<sup>85</sup>. Mas não com os fuzis e fogos que João Guimarães Rosa sugere para Deus, quando ele for aos sertões dos fundos dos Gerais:

Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é só um pedacinhozinho de metal”  
 (*Grande Sertão, Veredas*, 18).

de atabaques pandeiros e cuícas.  
 Que não leve ninguém dessa cidade  
 sem cortejos de frevos e andores,  
 sem sinais de respeito ao seu festejo.

12 de janeiro de 1979

**sinais de alerta**

*Rio de Janeiro*

nos morros do Rio  
 é com as pipas,  
 suas cores e rabos  
 suas riscas,  
 que os meninos  
 avisam aos amigos  
 a vinda perigosa  
 da polícia.  
 entre vôos de pardais  
 e urubus  
 as pipas não são,  
 no céu de abril,  
 o brinquedo infantil:  
 são a notícia.

25 de outubro de 1981

**domingos de mar**

*Fortaleza*

Na praia cheia de Iracema em Fortaleza  
 os retirantes do domingo fazem juntos  
 como se o mar fosse o miolo da cidade.  
 Como se ela, com seus prédios e placas  
 fosse dunas de areias, beira de um mar longe  
 a que se voltasse em manhãs de segunda.  
 Por isso tratam o mar com dengo e chamego,

como se ruas e avenidas de onde arribam  
fossem um estranho ermo despovoado  
e a praia e os mares da praia  
a praça da cidade que habitassem.

Ali armam tendas e espalham famílias,  
vendem e compram objetos de feira pobre,  
coisas de coleta feita também a beira-mar:  
cocos, siris, mariscos e cajú.  
Alguns trabalham e metem mar adentro  
pequenas jangadas de um só, sem vela alguma  
(sem o velame dos cartões postais).  
E como não estão mesmo pra turistas  
se tratam a si e ao mar sem rituais  
De tudo são íntimos em tardes de domingo  
e lidam com o mundo por meio de apelidos.  
Andariam nus não fossem os cervos  
dos autos de fé e da polícia,  
mas como podem se espojam pela areia  
viram os corpos de frente para o sol  
escutam rádios, bebem, fecham os olhos  
e sonham os mundos que cabem num domingo.

18 de setembro de 1981

**viver de catar**

*Belém do Pará*

A mulher magra no meio da noite quente de Belém catava  
o lixo de lata e sacos de plástico. Catava restos de miolos  
e farelos de comida e com a tampa da palma da mão aberta  
empurrava pelo vão da boca as misturas da culinária que  
acabara de criar. Ela nada tinha da imagem da morte e  
ficaria espantada se alguém do Sul tivesse pena dela.  
“Estou viva!” diria. E era uma viva imagem da guerrilheira  
de uma batalha sem tropa ordeira na luta bruta por

sobreviver. Uma densa imagem da fúria com que a vida se  
apossa desses desertos de corpos e os força a atravessar  
as milhas de um dia a mais.

19 de setembro de 1981

**chuvas em Belém**

*Belém*

Vi como a chuva cai em Belém do Pará.  
Como os ventos minerais do firmamento  
convocam de repente, a sons de tropas,  
a procissão de nuvens e a banda de raios  
dos quatro pontos cardeais.  
Eu vi como a pena de um artista  
o céu azul veste de uma capa cinza  
e pinta de mais cinza o cinza dessa capa.  
Vi como então o silêncio de um momento  
desaba em Belém do Pará os tamborins  
da orquestra da chuva que batucam em coro  
o couro das telhas dos telhados.  
Só os homens correm nessa hora — e não são todos.  
Os bichos e outros viventes de Belém: plantas,  
aves do céu, espíritos dos mortos e dos que não morrem  
e vagam vagarosos nos remansos dos rios,  
esses recebem a chuva em paz, sem assombros,  
como na minha terra ao Sul às seis horas  
se assiste aos brilhos de festa da Estrela d'Alva.

12 de outubro de 1981

**beira do rio negro**

*Manaus*

Costurada no tapete espesso da floresta,  
sem estradas de chão por onde ir,  
esquecida de rumos secos, seguros  
de migrar das margens de si mesma

Manaus existe ilhada entre águas e matos  
e habita uma terra úmida rodeada de paus  
e bichos: do rol sem fim dos recursos avulsos  
da nação das coisas virgens que há na vida.

Por isso anda armada. Sentinela  
na porta de seus muros se vigia:  
cidade sitiada, cidadela.

Por todas as partes a teia de aranha  
das ruas dos limites de Manaus  
convive na cama com a tela do arvoredos  
e os riscos de bordados do rio Negro.

Por isso, acuada em seu claro de floresta,  
a cidade se arma das pistolas e das facas  
que há nos nomes, cheques e moedas.  
Cidade armada, vigia atenta, luz acesa,  
ela se esconde do escuro a noite inteira  
mas nos claros do dia se rebela.  
Na linha de frente espalha asfaltos  
e no miolo do centro semeia entre lojas  
lavouras e roças de edifícios;  
importa máquinas de mares que não vê,  
conversa com gringos em inglês  
e cobre o corpo com peças de nylon.  
Mas a ilusão civil da vestimenta  
não dura a volta de sete quarteirões.

Pra todo o lado onde espia essa cidade  
o olhar escuta os barulhos do rugido  
do cerco de bichos, rios e matas virgens  
e dos mil mitos que dormem na memória  
da literatura dos igarapés: encantados,  
botos, mães-d'água, almas, passaredos,  
viveres que convivem entre esquinas  
com o matagal das gentes e seus medos.

30 de setembro de 1981

**seca/cheia: dois rios do norte**

*Marabá — beira do Itacaiúnas e do Tocantins*

No espelho da seca o Itacaiúnas  
monta castelos de pedra. Pontes  
que o passante cauteloso atravessa  
de um lado ao outro do rio a pé.

O Tocantins arranca do seu leito  
roçados de quintais de areia,  
um outro rio ao lado, criando praias  
que junto ao rio correm até a cheia.

Em setembro se veste o Itacaiúnas  
de um manso riozinho de lavadeiras.  
Os meninos tratam o rio como riacho,  
como um irmão, um igual de cama e mesa.

Maior, o Tocantins nem por isso mesmo  
faz as lonjuras do oceano que esconde  
até quando, depois das águas de janeiro,  
encosta o corpo no pilar das pontes.

Sobem juntos os dois rios na cheia.  
A tudo inundam de águas e refazem  
ilhas do que era há pouco continente  
e das ilhas, jazigos de ave e gentes.

Marabá entre os dois afina ainda  
a fina língua de terra de que é.  
E do que sobra sobre a água junta

seus vivos: os seus salvos da maré,

Uma gente do sul do Pará, acostumada  
a existir entre os rostos opostos dos rios  
os tempos de marido-e-mulher e cheia-e-seca  
que água e areia tecem com os seus fios.

1.º de outubro de 1981

**meninos catam mangas a pedradas**

*Marabá*

Setembro amadurece mangas em Marabá  
mas a fome dos meninos vem de maio.  
por isso tem pressa e se arma de pedra.  
Desde seis horas da manhã eles acordam  
o dia a pedradas — tiros de estilingue  
que varam a copa das mangueiras  
e se não topam com os muros de uma manga  
poderiam varar folhagens do infinito  
e derrubar a ponta doce de algodão  
da Estrela d'Alva.

A fome da seca fora de hora faz somas  
com a fome diária da miséria rotineira,  
por isso os meninos a quem ela assusta  
esperam dezembro com as alegrinhas  
de festinhas roceiras de Natal.

Então os viventes mirrados da beira dos rios  
se banham nos vaus de antes das enchentes,  
viajam nos mundos de entre um rio e outro,  
catam bichos, mangas e mangabas,  
os mil recursos das matas do Norte.

Mais adiante ajudam pais a colher na roça  
 braçadas de mãos de milho verde.<sup>86</sup>  
 Por toda a parte há prenúncios do episódio  
 de quando o sol madura frutos e grãos  
 e a fome faz tréguas de Ano Novo  
 com os migrantes dos matos do sertão.

13 de julho de 1979

**Posseiros de São Félix do Araguaia  
 cavam trincheiras na mata**

*São Félix do Araguaia — Mato Grosso*

As garças traçam mais lentos os vôos sobre o rio  
 e as chuvas de dezembro anseiam renascer a terra.  
 Há flores que desde abril guardaram ocres e azuis  
 e a primavera espreita o toque de invadir de novo os campos.  
 Não obstante há silêncios no Norte e entre ranchos  
 viaja o sussurro de que é preciso resistir.  
 Aguçar a faca dos olhos à presença do inimigo  
 e cavar fundo trincheiras pelo chão da mata.  
 Cavar trincheiras nos fundos da noite  
 na mesma “quadra” onde em outros tempos  
 esses eram dias de arar no campo o vão da semente.  
 (Porque diverso do Araguaia divertido  
 onde se vai pescar e beber pinga  
 existe um rio subterrâneo de guerrilhas  
 de uma luta posseira sem descansos).  
 Cavar trincheiras com mãos tão cheias de ternura  
 e com enxadas, armas feitas para o dia da colheita.

---

<sup>86</sup> Mão é uma medida de espigas de milho. Uma mão goiana são 20 atilhos; uma mão mineira são 15 atilhos. Como um atilho contém 4 espigas, uma mão goiana são 80 espigas e uma mão mineira são 60 espigas. Estas são medidas roceiras usuais para o milho verde, em espigas, usado para as pamonhas, os curaus e semelhantes entre os fins de dezembro e fins de fevereiro. Milho maduro, em grãos secos recebe as medidas usuais: litro, meia quarta, quarta, arroba etc.

Cavar na mata buracos que escondam das balas do Sul  
o corpo multiplicado do lavrador-posseiro,  
migrante de muitas terras, sempre mais a Leste.  
Agora não é um tempo de tardes mansas no sertão,  
embora caiam no teto dos ranchos chuvas de dezembro  
e pelos campos e quintais haja balaios de mangas e pequis.  
Agora não é de novo um tempo de trabalho e festa:  
plantar no chão da várzea grãos de milho e arroz,  
fazer na capela do *patrimônio* a *festa da santa*,  
pescar nos remansos do rio o pacu e a pirarara.  
Esse não é um tempo de rezas mansas,  
de ladainhas de santos e terços de rezadeiras e beatas.  
Semente agora é o corpo do semeador — josés do mundo,  
pequenos grãos de vida jogados no fundo das trincheiras  
como o sinal que acende, dentro da terra, lutas do povo.  
Gritos coletivos que avisem aos invasores  
a força sem fim do desespero, porque o cemitério que há  
na beira do rio em São Félix do Araguaia  
não cabem mais corpos e cruzes dos mortos do sertão.<sup>87</sup>  
De pouco valem os sinais de paz da natureza no Araguaia,  
porque finalmente este é um tempo de resistir,  
e se o corpo magro de um povo um dia armado  
é como uma festa de santo feita às avessas  
nenhuma outra é tão santa como essa festa de fé na luta  
do homem que resiste nas trincheiras que cavou  
nas sombras dos sem-fins de Mato Grosso  
de onde sabe, sabemos todos, saberemos,  
sairá um dia o verdadeiro plantio do lavrador do Norte:  
semeadura guerreira de esperança dos livres,  
colheita posseira de terra e liberdade.

---

<sup>87</sup>. Andei uma manhã com José de Souza Martins pelo cemitério de São Félix do Araguaia; ele fica longo, a um lado da cidade e bem junto à margem do grande rio que em algumas cheias o invade e lava. Cruzes de madeira, covas amontoadas e anônimas, muitas vezes. Pedro Casáldaliga nos contou que ele mesmo enterrou no cemitério mortos que alguém deixava, vindos das lutas de doenças ou tiros do sertão, na porta da igreja.

22 de junho de 1981  
**orações de posseiros**  
 Goiânia

*ao pessoal das beiras do Araguaia*

Resistir, irmão, lutar,  
 são outras maneiras  
 de existir, modos de amar,  
 razões de crer.<sup>88</sup>  
 Há dias em que o fuzil  
 na mão do posseiro  
 é a ferramenta  
 mais útil do viver.  
 A faca que leva  
 o sertanejo dependurada  
 na cintura  
 e com que luta e sangra,  
 é como a cruz que crava  
 e onde reza,  
 e é sua reza e benzedura.<sup>89</sup>

---

<sup>88</sup>. Quando se tratava de um deslocamento mais lento, como era há 20 anos atrás, o posseiro fazia sua rocinha e era o filho dele que sofria nova expulsão. Isto diluía o impacto da violência do capital sobre o lavrador. Hoje não, e com qualquer pessoa com que você converse, até crianças, vai ouvir que está cansada, que não dá mais. AI eles resolvem resistir. 'Eu vou pra onde? Se eu sair daqui vou morrer de fome'. E são exatamente estes grupos que estão resistindo. (José de Souza Martins, *Expropriação e Violência*, 31).

<sup>89</sup>. Isso aí a gente é alguma coisa, ou não é coisa nenhuma. Não sei, não sou doutor pra responder, nem vivo enrabichado no colo de professora. Epa lá, disse eu, expulsa a gente, toca fogo na casa, machuca as rezes, destrói a roça, mas não avacalha a gente, na frente assim da mulher, dos filhos; fica bem não, isso não tem cabimento, e lá vai a faca cabra da peste, filho da puta, vai atazanar tua mãe, me deixa em paz, e toma faca no lombo, e o corpo do patife a serviço do fazendeiro se estrebuchando todo, feito galinha de pescoço torcido, eu em cima dele tocando a peixeira na barriga do filho da puta, pois não se ave- calha um homem assim não, na frente da mulher, da cunhada, dos filhos, senso com que cara fica a gente, e tome facada, e os outros cabras safado correndo, e eu tome faca, e a mulher pedindo pelo amor de Deus pra eu parar com isso, as crianças gritando e eu sem me controlar, enfiando a peixeira feito punhal deslizando na barriga do corno

29 de setembro de 1981

**notícias de oeste**

*Marabá*

Chegam notícias da banda oeste do sul do Pará.  
 Pelas águas enormes por onde navegam as canoas  
 chegam notícias dos quadrantes do sertão:  
 os posseiros sem terra se armam  
 e cortam fios das cercas do arame farpado.<sup>90</sup>  
 Gentes “sem eira nem beira”, lavradores,  
 frágeis homens de aço que ali foram com os avós  
 plantar roças de cereais,  
 escondidos nas matas da beira dos rios  
 resistem ao fio do cerco dos jagunços.<sup>91</sup>  
 Resistem aos poderes da polícia que chega de avião  
 e prende um povo armado de enxada, foice, peixeiras  
 e espingardas de caça.  
 Contra o cerco dos arames e leis do poder das fazendas  
 que envolve o posseiro com redes de ferros estendidas

---

Daqui não arredo mais o pé. Os filhos tão de pé grande, não morrem meu de fome. Peão sou agora, sei que não vai durar muito, não. Vida de pobre é curta feito pavio de vela”.Depoimento de um posseiro, *Nós, do Araguaia*, Edilson Martini, 212/13).

<sup>90</sup> “O processo de expulsão do camponês (seja ele colono, morador, agregado) do interior de grandes propriedades (sejam elas fazendas de gado ou grandes lavouras) se funda na derrubada de uma cerca que separa pasto e roça, ou na anulação dos limites entre chão de terra e canavial” (Margarida Maria de Moura, *Invasão, Expulsão e Sucessão* — 2) No caso do posseiro, o processo é às avessas. A grande fazenda ameaça com cercas. Ela invade roçados, patrimônios (povoados de moradia) e os cerca. Uma parte importante da luta dos posseiros pela defesa de suas terras é a derrubada coletiva do cercas dos latifúndios. Conflitos armados às vezes certam lutas por derrubadas de cercas.

<sup>91</sup> “Eu não sou filho de ninguém, sou filho do Diabo. Mas também sou filho de Deus. Passa fora capeta, vai atazanar o canhoto, que eu não sou canhoto não. Antes do ano 2000 o Amazonas vai inundar tudo; o Araguaia, o Xingu, o das Mortes vão ser um rio só, um grande lago, e esse será o dia do Juízo Final. Quem tiver muito pecado o canhoto, com o dedinho indicador, vai chamando, cheio de riso cínico. Isso aí vai virar um marzão, do tamanho do mundo. Eu não mato ninguém, cumpro as ordens do Senhor. Ajudo a descansar, alívio dos sofrimentos dessa vida, não sei, isso não é pergunta que se faça a um homem; respeito é bom e eu gosto, eu não mato ninguém, obedeço apenas às ordens do Senhor. Quem mata é o Diabo. Sou jagunço, e daí?” (Depoimento de um jagunço da região do Araguaia a Edilson Martins, *Nós, do Araguaia*, 141).

de que modo cortar os fios das tramas do mal?  
 A polícia invade com patrulhas de cruzados malditos  
 ranchos de palha de onde “em nome da lei” requisita  
 os artefatos da revolta que os patrões temem em São Paulo:  
 facões do mato, espingardas pica-pau, linhas e anzóis.<sup>92</sup>  
 E dali expulsam com ordens de despejo dos juízes vendidos  
 um povo errante da “bandeira verde”, acostumada  
 à rotina de vagar sempre mais a oeste  
 em busca de uma terra sem ouro e diamantes,  
 mas de solo fértil e livre de jagunços.  
 Uma terra livre, enfim, uma “Terra Prometida”  
 onde a bandeira verde e o aço das enxadas  
 possam ser plantados para sempre  
 num largo verde de capim batido  
 onde as crianças corram e cresçam em paz.

## ***Alguns Mestres Alguns Mortos***

---

<sup>92</sup> “Eu, Jovino Alves Leotério, lavrador, domiciliado e residente em Sumaúma, município de Sítio Novo, pai de família de três filhos, declaro que no dia 25 do julho de 1980, às cinco horas da manhã, estava pisando o arroz, me rodearam dentro de minha casa, com as armas em riba de mim. Pediram para calar a boca, falaram que esses padres que andam por aí não valem nada, um dia carregam a minha mulher e eu só fico para olhar, queriam notícias das espingardas que os padres tinham deixado em Sumaúma, queriam saber onde estava o valentão daqui, falavam do Pedrão. Me levaram no quarto, tomaram minha espingarda, procuraram revólver debaixo do colchão, não encontraram. Me trouxeram para a fazenda, no caminho diziam no meio do caminho ‘vamos te matar’, eu ficava quietinho. Quando cheguei na fazenda, o José Ferroira diz que não tinha direito a mais nada, que é pra desocupar a casa e queimar. Pedi um prazo, disse que não dava de jeito nenhum, que eu era teimoso. Passei um dia em baixo de ordem dele na fazenda. Éramos 21 homens e uma mulher. Às cinco da tarde nos despacharam. Dia 26 passei o dia todinho carregando meus trens para a casa do meu sogro. Dia 29 de julho tocaram fogo na minha casa. Parece que foi o cabo de Axixá, segundo o professor de Santa Luzia, a quem o cabo contou”. (Depoimento de um lavrador em um processo jurídico, *O Massacre dos Posseiros*, Ricardo Kotscho, 37).

*Tua memória e teus sentidos não serão senão  
o alimento de teu impulso criador. Quanto ao  
mundo, em que se tornará quando saíres dele?*

**Jean-Arthur Rimbaud**  
**Juventude IV**

**Marcos Arruda**

*companheiro, poeta, um dia exilado*

contra a dura pena  
do livre voo  
ameaçado  
resta a esperança  
da ave viva,  
mesmo amordaçada.

**Pedro Garcia**

*poeta e educador, da ilha do Desterro*

a poesia é a imagem mais incrível.  
a faca de fio mais afiado  
e escrita fera. a linguagem  
que entre as mãos sujeita  
os seres uma vez e muitas  
e depois os fala, livres  
para sempre de serem  
como foram um dia. por isso é  
a fala mais fácil e a mais difícil.

**Pablo Neruda**

Pablo Neruda não é  
o amigo apenas e

o companheiro.  
 no meio do caminho  
 é o mais certo andar.  
 a seta que aponta  
 sobre rumos o rumar.  
 a vocação da travessia  
 e afinal a reta  
 por onde irem o homem  
 e o viver poeta.

***Três irmãos Bento, de Goiás***

*(lavradores do sertão, dois vivos e um morto)*

***1. Quim Bento***

não sei na lembrança o nome  
 dos cantos por onde andei.  
 sei, no coração, dizer o nome  
 das coisas que nunca vi.  
 essa é a minha maior sabedoria.

***2. Bastião Bento***

sabia lavrar uma roça de tudo  
 e curar dos bichos qualquer coisa.  
 foi carapina e é o melhor fazedor  
 de cercas de curral.  
 de dia maneja os sete instrumentos  
 da Orquestra do trabalho.  
 foi *gerente* de Companhia de Reis  
 e mestre nos ofícios de Folia.  
 era sábio e manso nas terras  
 de Mossâmedes e pelas fazendas

por onde passavam os devotos foliões  
deixava no ar uma estranha espécie  
de amor roceiro que nunca ninguém  
soube dizer de onde vinha.

### **3. *Nego Bento***

Lavrador do arraial de Americano do Brasil  
foi um dia o catireiro mais nobre  
dos sertões do mato grosso goiano.  
morto, terá esquecido sons que fabricou  
a vida inteira: toques de viola,  
batidos roceiros do palmas e pés?  
e na alegria de quando de novo se armam  
nas noites de janeiro os pousos “dos Três Reis”,  
recordarão os companheiros da *Companhia*  
esse que foi o mais alteado entre os nomes  
dos cantadores goianos de catira?

### ***Ferreira Gullar***

entre o canto e a areia

a consciência do mal,  
 o destino de fera  
 mas de gente, afinal.  
 o perigo de vida  
 de um viver tão naval.  
 o poema que suja  
 o que é sujo e banal.  
 a mordida no doce  
 com o gosto do sal.

***Percival Moreira***

*(lavrador, compositor e violeiro)*

ponteio na viola o pesar da terra  
 mas faz anos esqueci canções de amor.  
 fui moço e cantava modas e toadas  
 dos amores das moças do sertão.  
 mas a romaria dos homens desvalidos  
 expulsos dos povoados onde entrerravam  
 em dezembro sementes e em março os seus mortos  
 invadiu minhas rimas e o tom do meu cantar.<sup>93</sup>

***Tonho Ciço***

*(lavrador da estrada entre Caldas e Andradas, em Minas)*

Não são muitos os maíolos da vida  
 em que um vivente pode se assentar  
 na beira da noite e do silêncio  
 enquanto a toalha do rio espelha a lua

---

<sup>93</sup> Trecho de carta que ele escreveu outro dia:

“Eu continuo com a viola nos braços e a boca aberta, um caderninho em cima da perna, a canetinha sobre ele, rimando o desemprego e a vida dura e triste da nossa gente. Quando não se tem o que fazer, se tem muito o que escrever” (26 de novembro de 1981).

Mas o *Jornal Regional* publicado em março de 1982 em Inhumas, Goiás, fazia uma entrevista com Percival Moreira, recém-lançado pelo Partido dos Trabalhadores como candidato a vice-governador do Estado.

e navega um veleiro de meninos  
entre matos de ingás e gameleiras.  
não são muitos os minutos do homem  
para enrolar no feixe dos dedos  
um cigarro manso de palha de milho.

Deixai-me portanto, Bom Jesus dos Perdões,  
ficar por aqui remoendo os meus mortos,  
pelo menos enquanto a fumaça da brasa  
ainda faz a meu lado nuvenzinhas de fumo  
com que eu me agasalho. brumas de fumaça  
que a noite engole.  
nunca tão densas, nunca tão escuras  
como os fumos que um homem com eu  
fiz subir dos fogos do coração.<sup>94</sup>

## ***Sinais que a morte faz***

### **1. Wladimir Herzog, em São Paulo**

Por que a morte retoca  
os traços do rosto do morto  
e às vezes desenha

---

<sup>94</sup> Numa das duas vezes em que estivemos juntos, fora quando nos encontramos em Caldas, por ocasião de uma pesquisa sobre Folia de Santos Reis, ele me viu prestando uma atenção cuidadosa nos gestos que fazia com o preparo de um cigarro. Interrompeu a sua fala e começou a me ensinar cada parte da arte de fazer o cigarro da palha. Foi uma lição cheia de belezas e pequenos segredos, mas que desgraçadamente eu não gravei em fita. Contei a ele que meu sogro, quando vivo, fazia cigarros notáveis de palha e, como bom goiano de São José de Mossamedes, enquanto foi vivo carregou nos bolsos largos do paletó três ou quatro tocos de bom fumo. De acordo com a vontade de fumaça para cada momento, ele misturava dois ou três dos fumos e, assim, muitas vezes invadiu nossas conversas de aromas diferentes, todos eles inesquecíveis. Ciço, que era pobre e quando muito tinha só uma espécie de fumo de má qualidade, admirou-se do feito e eu desconfio até que ele considerou aquilo como o fato mais notável de toda a nossa conversa que versou sobre homens, deuses, trabalhos e festas.

um certo ar de serenidade  
na cara de quem um minuto  
antes berrava com fúria  
um grito de guerra e de horror?

## **2. Santo Dias, em São Paulo**

Entre outros tantos  
santos assassinados  
Santo morto na rua  
a tiro.  
É rápida e sem ritos  
a morte dos mártires  
de hoje.

## **3. Posseiros dos sertões do Norte**

Menos do que o grito  
de um macaco, o tiro  
da arma do jagunço  
quebra o velório da mata  
enquanto mata o posseiro.  
Irmão. Irmão,  
de quem a terra bebe o sangue?  
Em nome de quem as flores  
do sertão esperam  
uma outra primavera?

## **4. Gringo, em Conceição do Araguaia**

Ninguém imagina que Gringo  
seja o nome de um lavrador  
do Norte. Um militante da luta  
dos posseiros armados de armas

e bandeiras no Sul do Pará.  
 Mas também ninguém espera  
 que um mestre de todos como ele  
 pudesse morrer um dia  
 em Araguaína, no sertão de Goiás,  
 onde as praias do rio são  
 sem fim e as areias claras,  
 com duas balas semeadas  
 nos sulcos das costas.  
 Morrer sem tempo de ver sequer  
 a cara dos jagunços, peões pagos  
 com a sobra dos ganhos do capital.<sup>95</sup>

### 5. Tião, em Itapirapuã

Companheiro de luta  
 enxada e viola, Tião  
 morreu em setembro de manhã.  
 Militante que fora vida afora  
 não morreu de bala como o Gringo  
 um pouco antes,  
 um pouco mais ao Norte.  
 Lavrador goiano  
 morreu de “mal de Chagas”  
 bala que o *povo da roça*  
 carrega nos escuros do corpo.  
 Violeiro, faz tempo que perdera  
 a regra da força de cantar.<sup>96</sup>

---

<sup>95</sup> José de Souza Martins dedica *Expropriação e Violência* à memória do Gringo:

À memória de Raimundo Ferreira Lima, o *Gringo*, carpinteiro e lavrador, agente de pastoral na vila de Itaipava (Baixo Araguaia), candidato da oposição sindical à presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Araguaia (Pará), assassinado por pistoleiros na manhã de 29 de maio de 1980 em Araguaína (Goiás)”- (T).

<sup>96</sup> Mas quando podia cantava ainda as suas canções roceiras. Poucos meses antes de morrer ele compôs e cantou pra nós, os da pesquisa: O Meio Grito, uma toada que mais tarde foi publicada na versão que foi feita com e para os lavradores do Mato Grosso Goiano e circulou entre eles:

---

## A Pesquisa

“Quantas coisas encontramos  
Dá até pra gente pensar  
Pessoas que sofre tanto  
E não sabe reclamar.  
Acha que, pra quem sofre,  
Não adiante lutar  
Que é preciso ter os pobres  
Prós ricos não trabalhar.

Mas também nós encontramos  
Pessoas que deu pra nos ajudar  
Eles enxerga a realidade  
Mas tava com medo de falar  
E através da Pesquisa  
Começou a alertar.

Teve gente que disse:  
— Mas quanto nós era tapado!  
Nós pensava que da doença  
Nós é que era os culpado  
Não sabia que nos era  
Dos grande explorado  
São 80% que sofrem  
e 20% que vive folgado.

O maior problema que vimos  
Foi o clamor do povo sem terra  
E o trabalhador sem ter roça  
A sua felicidade encerra,  
E enquanto o boi do rico urra  
O pobre do lavrador  
Já com fome e doente ele berra  
*E o capim vai tomando conta  
Até dos pique de serra.*

Nessa pesquisa nós enxergamos  
Muita coisa de admiração  
Vimos que o Brasil é mesmo  
Cheio da maior Exploração  
DeSsas multinacional  
Que só fala em exploração  
Pondo o pequeno cego

E levando na conversa  
Até o Presidente da Nação.

Mas através dessa luta  
A gente viu que *união* é a saída  
E descobrimos o que nos machuca  
E que até iá forma ferida  
Se a gente vê o povo alegre

Manso lavrador de arroz e milho,  
 piedoso guerreiro goiano, usava óculos  
 e escrevia — coisa rara — a lápis  
 com letra boa, a trova das canções  
 que aprendemos a cantar “na caminhada”.  
 Lavrador, militante de viola em punho,  
 morreu cedo a morte de pobre,  
 um dia em setembro de manhã.

## ***Terra de Neruda***

*escritos feitos no Chile entre 27 de março  
 e 3 de abril de 1982*

*para Indalicia Valenzuela e Marcela Gajardo*

27 e 28 de março de 1982  
**viver entre pedras<sup>97</sup>**

---

Sabe que é alegria fingida  
 As mulher já fala trêmula  
 Com a voz tão sentida.

Com isso tudo que vimos  
 Nasce em nós uma esperança  
 que essa luta pela Saúde  
 Ajude numa mudança  
 Se a gente luta com essa fé  
 O objetivo mais adiante  
 Nós alcança”.

(*O Meio Grito*, versão dos lavradores, 4 a 6; grifos do autor)

A respeito de homens como Tião, Percival, Patativa do Assaré, os nomes que apenas afloram de uma multidão incontável de poetas — escritores ou não populares, Neruda diria o seguinte, como de fato disse a respeito de todos:

“Enquanto os poetas se fecharam nos laboratórios, o povo prosseguiu cantando seu barro, com sua terra, com seus rios, com seus minerais. Produziu flores prodigiosas, surpreendentes epopéias, amassou folhetins, relatou catástrofes. Celebrou os heróis, defendeu seus direitos, coroou seus cantos, chorou seus mortos” (Poetas dos Povos, Para Nascer Nasci, 132).

<sup>97</sup> Isso tem mais a ver com João Cabral de Meio Neto do que com Pablo Neruda. Se bem que a palavra pedra, absoluta chave em João Cabral, possa ser o

*San José de Maipo*  
(na beira dos Andes)

Por que vem uma cidade  
conviver com a pedra?  
Porque os homens convivem  
e fazem dias de festa e trabalho  
neste áspero mapa mineral?  
As últimas ramagens que suportam os Andes  
enfileiram flores de cores finas  
no caminho do Cajon de Maipo,  
onde o rio entre pedras  
cavou o seu destino  
Entre serras nuas de um vestido  
havana que o algodão da neve  
dos invernos branqueia,  
as moitas de matos e flores  
espreitam veios onde há terra  
e um áspero ramo verde possa pôr  
ao céu azul do Chile as suas pétalas de sol.  
Álamos e macieiras aprendem aqui  
vocações de garimpeiro.  
Essa terra plaina, vale aplainado  
e que milênios mais tarde  
revoltou-se em borbulhas  
e refez a espessura de milhares  
de montes e desfiladeiros.

28 de março de 1982

**diversos santos**

Santiago

---

equivalente de mineral, idem para Pablo Neruda. Quando se viaja por regiões do Nordeste e do Chile se sabe porque. Ali os mundos são pedras e outros minerais. O que é vivo existe como exceção.

Estou rodeado pela fortaleza  
do páramo mais áspero.

Neruda escreve quando fala das cordilheiras do Chile. (*Cordilheiras do Chile, Memorial de Ilha Negra*, 120)

Na escadaria do *Banco de Chile*  
 um bando de pentecostais de gravata  
 cantava hinos acompanhado de seis guitarras  
 um bandolim e um pandeiro.  
 Cantavam promessas tão lindas e vastas  
 que era estranho que a maré dos passantes  
 dos mares da tarde de domingo  
 passasse pela rua sem jogar a âncora  
 nesse porto de promessas inesperadas.  
 Menos um bêbado, um felizardo  
 profissional de fim-de-semana  
 que entrou na música pelas beiras  
 e no meio da rua sem carros  
 desaguou na dança da alegria  
 do sentimento de uma imensa salvação.  
 Ao contrário dos crentes de terno e bíblia,  
 que a todos prometiam gozos eternos  
 em troca de a vida ser uma seguida segunda-feira,  
 o bêbado dançava e pregava a alegria terrena  
 dos gozos dos domingos.

29 de março de 1982  
**capelinhas de estrada**  
 Punta de Tralca

aos que morreram mortes brutas,  
 nas estradas sob carros  
 ou nas praias sob ondas,  
 os chilenos erigem pequenas capelas  
 de tijolo e cimento com dois palmos de altura.  
 Capelas com cinzas de cimento pintadas a cal,  
 pombas de um denso algodão pousadas no chão.  
 O nome e a data escritos, para que saibam  
 quem morreu, partiu, e quando.  
 Na estrada que sobe os Andes

pelas brechas de terra que abriu o rio Maipo  
 eu vi os sinais dessas capelas  
 e, numa delas, uma mulher vestida de negros  
 trocava as flores de uma dessas pequenas  
 tumbas das esquinas da memória.

A saudade sofrida e amarga dos vivos pelos mortos  
 para que entre si se digam que se amam  
 até depois da morte.

Na praia de Punta de Tralca,  
 defronte dos rugidos pontuais do Pacífico  
 sobre pequenos rochedos onde jamais cheguem as ondas,  
 havia dentro de uma capela cinco latas de cerveja,  
 cada uma com o seu ramalhete de flores,  
 florezinhas deixadas num gesto de sábado  
 nessas terras áridas do sul do mundo onde o vento  
 dobra árvores e muros do homem.

Jardins de gestos de amor no deserto  
 da manhã de segunda sobre a praia brava  
 de Punta de Tralca, onde andamos por horas seguidas  
 apenas eu e um bando de gaivotas do mar.

29 de março de 1982

**trabalhadores do mar I**

*Punta de Tralca*

*(no caminho da praia para Isla Negra)*

Sentado sobre uma pedra um calceteiro  
 entre Punta de Tralca e Isla Negra  
 martelava com paus e ferros sua roupa de bronze  
 e arrancava da pedra outras pedras.

Da pedra marinha, mineral que as águas do Pacífico  
 gastavam com lixas de algas e águas frias,  
 saía o homem que com golpes de geômetra  
 arrancava unidades iguais de pedras úteis  
 aos pisos, aos passos e aos assentos.

Era um dia de cinzas e o vento do sul

punha na palheta e misturava: nuvens, maresias,  
areias e mais a alma do homem sozinho a martelar.<sup>98</sup>

30 de março de 1982

**a sobra da casa do poeta**

*Caminho de Isla Negra*

Sentei no chão do piso do que fora  
a pequena casa que Neruda fizera  
no alto de um monte entre duas praias  
que aconchegam as éguas dos mares austrais.  
Da casa não havia mais que o chão de cimento e pedras  
e mais adiante a grande âncora de ferros polidos  
que um dia ele e outros vivos enterraram.<sup>99</sup>  
Não havia vozes por perto, ninguém,  
e só o rumor do vento e o pio das gaivotas  
além da cueca que o mar canta e dança  
faziam sonidos das canções do mundo  
que o poeta havia ouvido e eu escutava.<sup>100</sup>

30 de março de 1982

**as árvores do mar**

---

<sup>98</sup> “Como a égua continua?  
Qual é o céu das pedras?”

(*A noite, Memorial de Ilha Negra*, 200)

<sup>99</sup> “Antes de entregar a fundação aos escritores, construí uma cabana com o duplo objetivo de guardar os materiais, pregos, tábuas, cimento o refugiar-me ali de quando em quando, Fi-la de troncos sólidos e janelas frágeis, janelas de velhas igrejas. Algumas delas tinham vidros verdes, vermelhos e azuis, com estrelas e cruces. De um único aposento, ainda desprovida de água e luz, esta cabana se destaca sobre o escarpado. Para o norte, sua vizinha é a imponente massa rochosa de Punta de Tralca, que significa Punta del Trueno no idioma araucano. As ondas elevam-se ali até a altura de cem metros quando golpeiam e cantam desenroladas pela tempestade.

Esta manhã fui deixar uma âncora recém-comprada no porto de San António. Com sérias dificuldades e com a ajuda de um trator pude depositá-la numa elevação do terreno. Nada mais fundador do que urna âncora. Toda fundação deve ser desse modo precedida. Pelo menos na costa, uma construção não deveria começar com a primeira pedra, mas sim com e primeira âncora” (*Destruições em Cantalao*, Para Nascer Nascer, 226).

<sup>100</sup> “E saiba-se que se trata de uma cabana anônima, até agora sem dono, sem habitantes, à espera dos que a povoarão amanhã com seus trabalhos e sonhos” (227).

Isla Negra

São escovadas ao revés do mar  
as árvores dos morros de praias em Isla Negra.  
Mil vezes por dia os ventos austrais  
as penteiam, lixam e empurram para os Andes.

31 de março de 1982

**Punta de Tralca e o vento**

Com agulhas de prata polidas com gelo  
os ventos do sul varrem a terra desde a Araucanía.  
Com finas farpas afiadas nas pedras do Pacifico  
eles invadem a cavalo as costas do Chile,  
em grandes bandos, cavaleiros errantes  
agrupados na costa em milícias de guerra.  
Antes de investirem contra os muros do litoral  
que os homens edificam e as plantas semeiam,  
assobiam e gritam seus gritos de guerra,  
lanças que atiram, sonoras azagaias<sup>101</sup>  
que afinam e jogam antes de chegar.

Mas quando na terra encontram minérios, plantas e pessoas,  
desmontam dos corcéis de que eram e montavam a pelo  
e deixam sobre o chão as lanças de seus dedos.  
E se dão as mãos, ventos austrais,

---

<sup>101</sup> Ventos em Neruda, memórias de ventos de mar do Chile:  
“Vento do mar em minha cabeça, sobre  
meus olhos como mãos frias  
vai-e-vem do ar removido,  
Outro vento, outro mar, outro céu  
imóvel, outro céu azul,  
e outro eu, de longe, recebendo  
de minha longínqua idade, do mar distante,  
uma palpitação de furacão  
numa sussurrante onda do Chile  
um choque de água verde e vento azul”  
(Escrito em Sotchi, *Memorial de Ilha Negra*, 144)

e cercam com o alarido de flautas e tambores  
 as casas dos homens, os seus medos.  
 Sopram nos currais a pele dos viventes  
 e se trançam sensuais como o fio de cem novelos.  
 E se vestem de mantas, panos e velas infladas  
 que a tudo cobrem e acalentam.  
 E como são cinzentos no outono  
 três em cada quatro dias do mar do Chile,  
 os seus cantos são tristes sons mapuches,  
 e são tristes os homens, mas altivos  
 dia e noite erguidos em bronze contra o vento  
 e seus hinos ferozes de gritos e frios.<sup>102</sup>

31 de março de 1982

**trabalhadores do mar 2**

*Punta de Tralca*

Carapinas de aldeia, homens morenos  
 de tronco curto e olhos castanhos  
 constroem as casas dos que podem pagar  
 lotes a beira-mar em Punta de Tralca, El Quisco e Isla Negra.  
 Trabalham com serrotes e plainas a madeira de pinheiros,  
 assobiam contra o frio cantos sem palavras  
 e sonham com a sopa quente da hora da ceia.  
 Com as armas de finas tábuas e pregos de aço  
 constroem casas frágeis, barcos que o chão ancora  
 e que por anos e anos navegam contra o vento.

1º de abril de 1982

**Pinheiros da Costa**

*Isla Negra*

---

<sup>102</sup> Ainda sobre ventos e fúrias do mar em Neruda, observar o seguinte trecho de “uma carta para Victor Bianchi”:

“O grande penhasco de Punta de Tralca agüentou todo o embate marinho. Parecia um leão de cabeleira branca. As imensas vagas o ultrapassaram e o cobriam. Grande vanguarda da cota manteve-se nevado e crepitando 80b o fogo frio das grandes espumas. Face ao Trune de Tralca o mar era um exército de artilharia infinita, de cósmicas cavalarias. O grande oceano continuou seus assaltos durante toda a noite e durante todo um dia esplêndido e azul” (Para Nascer Nasci, 178).

Os pinheiros existem como sentinelas.  
 Os chilenos os plantam e os plantam os pássaros  
 para que do torreão de pedras onde crescem  
 espreitem e vigiem o mar e o vento.  
 Para que dos altares de pedras onde rezam  
 celebrem a vida da terra: seus mistérios.  
 Crescem e desde pequenos são soldados em fila  
 na primeira linha das guerrilhas que entre si travam  
 há milênios de milênios a terra e o mar.  
 Se armam de raízes minerais de aços claros  
 e mesmo os galhos que apontam são minérios,  
 espessas folhas verdes que nem o vento austral arranca,  
 facas afiadas que contra o vento esgrimem.  
 Aos gritos com que multiplicam os uivos do vento

avisam aos homens da costa a chegada do inimigo.  
 Mas não existe silêncio mais denso que o das alquimias  
 das seivas que as raízes que têm bebem do chão  
 e fazem viajar do tronco aos altos galhos,  
 bandeiras de um verde escuro hasteadas na costa,  
 ao vento armadas e que à noite tremulam seus sinais de luta.

1º de abril de 1982

**Trabalhadores do mar 3**

*Punta de Tralca*

Na manhã cedo subi no alto de um rochedo  
 onde o resto de um cruzeiro lutava contra o vento  
 e dali olhei por muito tempo os dois lados do mar bravio  
 que afia os punhos de Punta de Tralca.  
 Entre as vagas grandes do mar cinzento  
 descobri a solidão absoluta de uma canoa de dois pescadores.  
 A menor onda perto dos rochedos era três vezes maior  
 do que o barquinho pintado de amarelo e vermelho.

Era uma fria manhã cheia de cinzas  
 e o nevoeiro quase fazia do rochedo uma ilha  
 e da canoa uma barca de náufragos  
 perdidos no oco do oceano.

2 de abril de 1982

**casas de pobres**

*Temuco*

Em Temuco eu vi, ao lado do rio Cautin  
 e junto ao lugar onde uma ponte de ferro  
 lançava o trem da Araucanía de uma margem na outra,  
 casas de pobres (imagens de Recife).  
 Barracos de dois-por-dois que os migrantes constroem  
 com os restos do mundo: sobras de tábuas, sobras de alumínio,  
 sobras de lixo e sobras do viver.  
 A mulher envolvida em trapos de panos de lã  
 cortava lenha de tábuas de caixotes  
 para cozinhar numa lata restos de comida.  
 Apenas aqui o céu não tem azuis e o frio ao meio-dia  
 é como fora às cinco da manhã.  
 E o vento ronda os silêncios cheio de orquestras de silvos.  
 Cinco minutos antes o rádio de um vizinho anunciara  
 que a Argentina invadiu as ilhas Malvinas  
 e o Conselho de Segurança da ONU estava reunido.  
 Como outra qualquer mulher dos mocambos do Recife  
 essa mapuche de Temuco sequer ergueu a cabeça  
 para espreitar o fraseado da notícia.  
 Com uma faca sem fio ela cortava lenha  
 e baixinho cantarolava o fio também cego de uma canção triste.  
 Cantava e assim cantou durante todo o tempo da notícia.

2de abril de 1982

**a feira de ovelhas**

*Temuco*

Na porta sul da ponte estreita  
 que corta em Temuco o rio Cautin  
 há uma feira de porcos e carneiros.  
 Para ali convergem brancos e índios mapuches  
 em carros velhos, charretes de burros e carroças de bois  
 (de imensos mansos bois chilenos)  
 que a tudo assistem e sobre tudo pensam.<sup>103</sup>

Os porcos amarrados pela pata de trás  
 vagueiam entre ovelhas deitadas com as três patas presas  
 e uma solta ao vento.  
 Os bichos em silêncio esperam os preços dos homens  
 e entre si imaginam em que casa ou morte  
 hão de dormir a próxima fria noite austral do Chile.  
 Mas uma que outra vez gritam seus berros  
 para que índios e brancos saibam que estão vivos  
 e nem a vida de um bicho merece ser vendida.

1 a 3 de abril de 1982

**Pablo Neruda**

*Isla Negra/Santiago/Temuco*

### **1. sinais pela areia**

Pequenos são os riscos que fazemos na casca do planeta.  
 Os homens deixam e os povos de passagem apenas breves marcas,  
 mas elas são o nosso nome, a nossa alma.  
 Os homens precisam de ritos e mitos  
 e quando dos mapas das festas que fazem  
 somem uma lenda e a sua dança,  
 é porque os magos e artistas da tribo criaram outras  
 que os homens contam, as mulheres cantam e as moças dançam.

---

<sup>103</sup> Para os que não acreditam que os bois observam o que fazem os homens o pensam e conversam sobre o que veem, sugiro a leitura do seguinte estudo do João Guimarães Rosa a respeito: *Conversa de Bois*, em *Sagarana*.

Mas sobretudo precisamos de pessoas,  
 seres generosos de carne e sal como nós  
 em nome de quem gravar sinais na pedra e na madeira.  
 Pronunciar uns aos outros o seu nome sonoro  
 e entre sílabas marinhas, como em Ne-ru-da  
 nos sentirmos irmãos, grandes e solidários.  
 Pessoas como nós, apenas mais densas e cristalinas  
 sobre cujas cabeças não se haverá de pôr coroas  
 e nem outro qualquer anúncio de poder terreno.  
 Os que calcem como nós sapatos baratos, viagem de trem  
 e no escuro da noite mijem num muro de esquina.  
 Os que carregam apertados contra o corpo  
 gestos de dor e os objetos cotidianos  
 que são a maravilha da espécie de que somos:  
 ramos de flores, jornais dobrados, livros e planetários.  
 Mas homens que sem perder o olhar da causa comum do homem,  
 mesmo de dia tinham a cabeça erguida em busca de estrelas.

## **2. a casa na ilha**

Era o fim de uma tarde escura de outono  
 quando aportei, vindo da praia de Isla Negra,  
 no cais do portão de tua casa, pequeno porto  
 ancorado diante do furor do Oceano Pacífico.  
 Agora não era mais preciso imaginar o voo das gaivotas,  
 aladas amigas mensageiras do mundo e do mar,  
 viajantes como folhas de papel escrito,  
 gaivotas do poema dos mares que entre os homens há.<sup>104</sup>  
 E não era mais preciso figurar detrás dos olhos  
 o combate do mar contra as pedras do Chile,  
 rumoroso toque de tambores do planeta  
 que durante alguns anos marcou o teu ritmo de versos.  
 Nem era mais preciso, guerreiro e quixote  
 de lança em riste, de poema à vista,

104

“O homem inclina então sua cabeça  
 ante o arrulho das aves mães.”  
 (*Phalacrocorax*, Canto Geral, 402)

imaginar, atrás dos livros, como um profeta  
 não desiste de crer que também a palavra e a beleza  
 derrubam os tiranos dos seus tronos.

Tudo estava lá: o vento e o mar, o voo das aves marinhas,  
 o emaranhado na areia de conchas de mariscos e moluscos,  
 a fúria das ondas do mar e o modo sereno de serem  
 as gentes pobres da costa do Chile.

Lá estavam as coisas do mundo, ecos de teu verso, companheiro,  
 outubros de flores e palavras: primavera,  
 mas também os sinais de que a fala do poeta existe em luta  
 porque todos os dias nasce dos seres da matéria e da vida:  
 conchas, voos de aves, mártires, araucárias, mineiros do  
 norte, flores de março, salitreiros e índios, escaravelhos,  
 povos da terra, bandos em luta, irmãos do sal e da história.

Quantos sinais guarda uma casa escondida entre pinheiros e o mar?  
 Não foi difícil descobri-la entre as outras,  
 porque não havia um pedaço do muro de estacas de araucárias  
 que não tivesse a marca do escritório de alguém:  
 os chilenos sobreviventes do massacre, os que vieram depois,  
 os que não querem esquecer um dia sequer  
 que o escuro da noite maldita que caiu sobre o Chile  
 é temporário, e que de algum lugar do sol que nasce  
 das lutas do povo, um outro sol virá acender a vida do Chile.<sup>105</sup>  
 Os que de longe como eu e mais longe ainda

---

<sup>105</sup> De uma carta que Marcela Gajardo me escreveu do Chile e que, não por acaso, chegou no dia em que acabei de escrever este diário: 21 de abril.

Sinto que há tantas coisas  
 que não foram ditas  
 tantas que ficaram por dizer.  
 Houve, há, tanto que mostrar  
 e compartilhar  
 deste nosso Chile subsumido  
 (nunca submetido)  
 tanto que dizer  
 de nossas formas novas de expressão,  
 de nossos rostos, herméticos  
 pelas circunstâncias.

vieram pelo mar ao porto dessa casa em busca dos sinais  
do poema que a tua vida escreveu com versos de dor e sofrimento

### **3. marcas no muro**

E como no quase escuro do fim da tarde não houvesse  
por perto nem um passante e nem um cachorro,  
e como o silêncio fosse para que eu ouvisse não vozes de mortos  
mas o próprio som de meus passos entre os teus objetos do dia,  
busquei um último pedaço limpo da madeira do muro  
e com a mesma caneta com que antes  
escrevera notas e poemas no Chile  
escrevi, como os outros, e eram tantos: *Neruda Vive!*

### ***As pessoas de escritos lidos ou falas ouvidas durante o tempo do Diário de Campo***

#### **Os Antropólogos**

Isabel Hernandez - *Educação e Sociedade Indígena*. 1982, Cortez, São Paulo

Verena Martinez-Alier - *As Mulheres do Caminhão de Turma*. Debate e Crítica, 5, março 1975.

Claude Lévi-Strauss - *Antropologia Estrutural*. 1967, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.

*Tristes Tropiques*. 1955, Plon, Paris

Clovis Caldeira - *Mutirão — formas de ajuda mútua no meio rural*. 1956, Cia. Editora Nacional, São Paulo

Carlos Rodrigues Brandão - *Sacerdotes de Viola*. 1981, Vozes, Petrópolis

- *O Divino, O Santo e a Senhora*. 1978, FUNARTE, Rio de Janeiro

- *Peões, Pretos e Congos*. 1976, Oriente/UNB, Goiânia

- *Folia de Reis de Mossâmedes*. 1976, FUNARTE, Rio de Janeiro
- *A Dança de São Gonçalo — um ritual religioso do catolicismo popular de camponeses do Estado de São Paulo*. 1981, Musices Aptatio — Collectanea Musicae Sacrae Brasiliensis, Roma
- *A Festa do Espírito Santo na Casa de São José*. *Religião e Sociedade*, 8, 1982

Marcolina Martins Garcia - *Tecelagem Artesanal*. 1981, Editora da UFG, Goiânia

Shelton H. Davis. *Vítimas do Milagre — o desenvolvimento e os índios no Brasil*. 1978, Zahar, Rio de Janeiro

Darcy Ribeiro. *O Processo Civilizatório — etapas da evolução sócio-cultural*. 1978, Círculo do Livro, São Paulo

- *Um depoimento sobre os índios Yanomami*. *Yanomami* — Claudia Andujar. 1976, Praxis, São Paulo

Victor Karady. *Las Funciones Sociales de lo Sagrado*. *Lo Sagrado y lo Profano* — Marcel Gauss, 1970, Barral, Barcelona

Raymundo Nonato da Cunha Matos. *Chorographia Histórica da Província de Goyaz*. 1979, SUDECO, Goiânia

Anton de Schutter. (relato pessoal)

George M. Foster. *TzinTzunTzan — os camponeses mexicanos em um mundo em mudança*. 1972, Fondo de Cultura Económica, México

Michael Belshaw. *La Tierra y la Gente de Huecórico*. 1969, Fondo de Cultura Económica, México

Ralph Velas. *Cherán: A Sierra Tarascan Village*. 1946, Smithsonian Institution, ISA, Washington

José de Souza Martins. *Expropriação e violência — a questão política no campo*. 1980, Hucitec, São Paulo

- *Os Camponeses e a Política no Brasil*. 1981, Vozes, Petrópolis

Marcel Mauss. *Sociologia e Antropologia*. 1974, EPU/EDUSP, São Paulo

Margarida Maria de Moura. *Invasão, Expulsão e Sucessão*. 1982, documento xerocado, Rio de Janeiro

Pierre Clastres. *A Sociedade Contra o Estado*. 1978, Francisco Alves, Rio de Janeiro

Edilson Martins. *Nós, do Araguaia*. 1980, Graal, Rio de Janeiro

Yara Moreyra. *Música nas Folias de Reis “Mineiras” de Goiás*. s/d, documento xerocado, Goiânia

Ricardo Kotscho. *O Massacre dos Posseiros*. 1981, Brasiliense, São Paulo

## **Os Filósofos**

Heráclito de Éfeso (dito, “o obscuro”).\* Um camponês anônimo do Sul do Chile

Empédocles de Agrigento. Camponês anônimo de Itapirapuã, Goiás

Anaxímenes de Mileto. Antônio Cicero de Souza (dito “Tonho Ciço”)

La Bruyère\*\*

---

\* Todos os pensadores Pré-Socráticos lidos como filósofos e como poetas — foram encontrados em um dos seguintes livros:

José Cavalcante de Souza (seleção e supervisão). *Os Pré-Socráticos*. 1973, Abril, São Paulo

Rodolfo Mondolfo. *El Pensamiento Antiguo* (vol. 1). 1959, Losada, Buenos Aires

Juan David Garcia Bacca. *Refrano, Poemas, Sentenciário de los Primeros Filósofos Griegos — Refranos Pré-Socráticos*. 1959, Edimé, Caracas

\* \* Tomado do livro de Antônio Cândido, *Os Parceiros do Rio Bonito*, 1971, Duas Cidades, São Paulo

Karl Marx. *O Capital*. 1-Edição completa da Civilização Brasileira. 1968, Rio de Janeiro.

2- Edição da Zahar, resumida por Julian Borchardt. 1967, Rio de Janeiro

Demócrito de Abdera

Filolau de Crotona

Anaximandro de Mileto

Martin Heidegger\*\*\*

Aristóteles

Xenófanes de Colofão

Parmênides de Eleia

## **Os Poetas**

Thomas Stearns Eliot. *Poesia*. 1982, Nova Fronteira, Rio de Janeiro

Camponeses Foliões e Catireiros de Americano do Brasil

*Música do Povo do Goiás*. 1980, Discos Marcus Pereira, São Paulo. (também gravações de pesquisas do autor)

Camponeses Paulistas recolhidos por Cornélio Pires. *Caipira — raízes e frutos*. 1981, Estúdio Eldorado, São Paulo

Lavradores e Violeiros Goianos “da Caminhada” *Cantos dos Lavradores de Goiás*

Saint-John Perse. *Obra Poética*. 1971, Opera Mundi, Rio de Janeiro

Mulheres lavradores do mutirão de fiadeiras em Itaguaru, Goiás

Milton Nascimento. *Ponta de Areia — Minas*. 1976, Rio de Janeiro

---

\* \*\* Igualmente tomado em um dos seus comentários aos Pré-Socráticos, no livro da Editora Abril.

Dory Caymi e Paulo Casar Pinheiro. *Desenredo* — (fita gravada sem indicações do disco)

João Guimarães Rosa. *Grande Sertão, Veredas*. 1965, José Olympio, Rio de Janeiro

- *Sagarana*. 1972, José Olympio, Rio de Janeiro

- *Tutaméia* — *Terceiras Estórias*. 1968, José Olympio, Rio de Janeiro

Pablo Neruda. *Canto Geral*. 1979, DIFEL, São Paulo

- *Memorial de Ilha Negra (I — Onde Nasce a Chuva)*. 1977, Salamandra, Rio de Janeiro

- *Confesso que Vivi*. s/d, Circulo do Livro, São Paulo

- *Para Nascer Nasci*. 1981, DIFEL, São Paulo

Carlos Rodrigues Brandão. *Os Objetos do Dia*. 1976, Oriente, Goiânia

- *Os P(r) o (f) e t a s*. Encontros com a Civilização Brasileira, 7, janeiro 1979

José Inácio Parente e Claudia Mariante. *A Trama da Rede*. 1980, Rio de Janeiro (filme)

Ana Maria Machado. (conversa com o autor em Curitiba)

João Cabral de Melo Neto. *Poemas Escolhidos*. Portugal, 1963, Lisboa

Vinicius de Moraes. *Poesia Completa e Prosa*. 1980, Nova Aguilar, Rio de Janeiro

Profetas Índios Guaranis do Leste do Paraguai (ouvidos por Pierre Clastres — *A Sociedade Contra o Estado*)

Adriano, Imperador Romano (recolhido por Marguerite Yourcenar — *Memórias de Adriano*)

Antônio Telles, lavrador e folgazão do São Gonçalo de Batatuba, S. Paulo (recolhido pelo autor em *Sacerdotes de Viola*)

João Rosco e Aldir Blanc. *O Rancho da Goiabada*. 1979, Disco de Ouro, RCA

Ariano Suassuna. *Martelo Agalopado*. Sete Flexas, disco Marcus Pereira 1979, Rio de Janeiro

Percival Moreira Coelho, lavrador, violeiro e compositor goiano (carta ao autor)

Sebastião (dito "Tião de Itapirapuã). *A Pesquisa — moda de viola. O Meio Grito*, versão dos lavradores. 1981, Goiânia

Marcela Gajardo (carta ao autor)

Rimbaud Jean-Arthur. *As Iluminações e Uma Temporada no Inferno*. 1982, Francisco Alvas, Rio de Janeiro

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1982, Nova Fronteira, Rio de Janeiro

Um jagunço e um posseiro dos sertões do norte (recolhidos por Edilson Martins — *Nós, do Araguaia*)

Os sábios judeus da Mishná. *Mishná — Essência do Judaísmo Talmúdico*. 1973, Documentário, Rio de Janeiro

Terêncio Luis Silva — Tuxaua da Nação Makuxi — Porantin (recolhido em: *Povos Indígenas do Brasil/1981 — Aconteceu*). Centro Ecumênico de Documentação e Informação. 1982, Rio de Janeiro



***Este livro foi publicado pela Editora Brasiliense  
(nos velhos e bons tempos)  
E está de há muito esgotado.  
Como todos os outros desta  
e de outras sequências de escritos meus,  
ele pode ser livre, solidária  
e gratuitamente acessado  
para se lido ou utilizado de outras maneiras.  
Quase tudo o que escrevi ao longo da vida  
pode ser encontrado em  
[www.apartilhadavida.com.br](http://www.apartilhadavida.com.br)  
[www.sitiodarosadosventos.com.br](http://www.sitiodarosadosventos.com.br)  
LIVRO LIVRE***